REVISTA da SEMANA

ANNO XXVII -- N. 14

27 de Março de 1926

O GUARDANAPO NA ANTIGUIDADE

Na Roma antiga era costume levarem as pessoas convidadas para qualquer banquete cada qual o seu guardanapo. Não se dava, porém, ao guardanapo a applicação actual. Ninguem o estendia sobre os joelhos ou o atava ao pescoço. Quando, porém, o convidado apreciava especialmente um prato tirava uma larga porção que embrulhava no guardanapo e mandava levar a casa pelo escravo que para tal fim o acompanhava. Esse proceder, que era perfeitamente correcto, dalgum modo explica a abundancia das iguarias servidas nos festins.

Mais tarde, considerou-se que, para transportar as vitualhas, seria muito mais commodo e apropriado um cesto, e assim o guardanapo cahiu em desuso até por completo desapparecer.

Só em fins da Idade Media o guardanapo appareceu de novo na mesma epoca em que se iniciava o uso do garfo e todas as praticas da meza foram submettidas a leis mais requintadas. Ninguem, porem, pensava em honrar os pitéos levando para casa os melhores pedaços, e o guardanapo passou a servir apenas para que os convivas comessem com mais limpeza e distincção.

Na minha longa vida aprendi duas regras de sensatez: a primeira, perdoar muito; a segunda, não esquecer nunca!

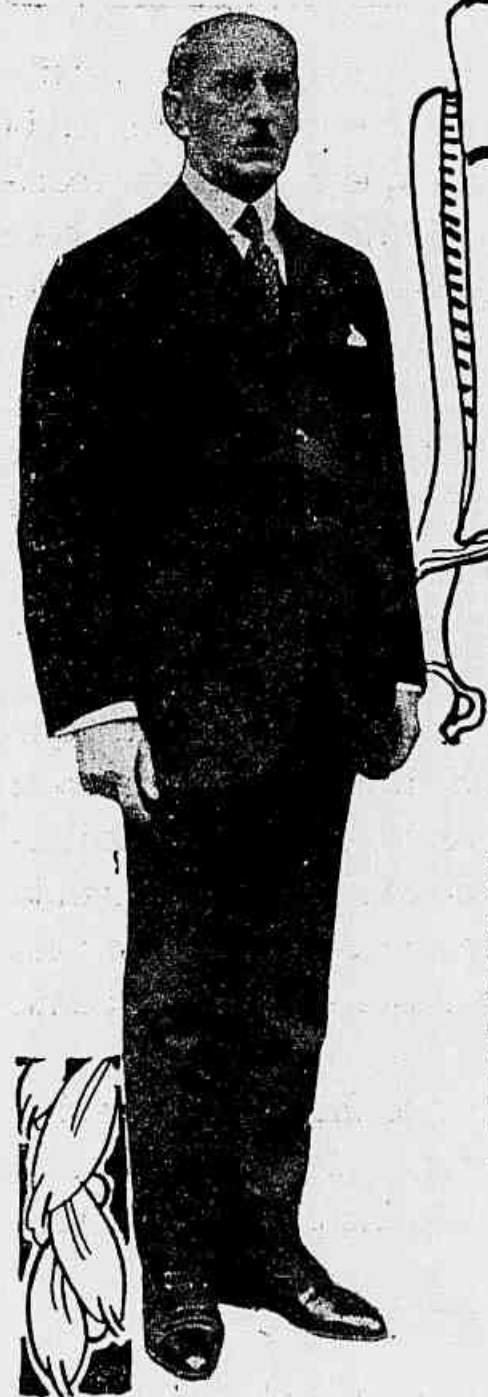
WILLIAM GLADSTONE

E' muito desgraçado aquelle que, não tendo bastante espirito para fallarem, não tem bastante senso para se calar.

LA BRUYERE

Agentes em França: DAVIGNON, BOURDET & CIE. (Antes L. MAYENCE & CIE.) 9, Rue Tronchet—PARIS

ESTA REVISTA TEM 44 PAGINAS

ANNO XXVII || Rio de Janeiro, 27 de Março de 1926 || NUMERO 14

A brilhante attitude do Brasil na Liga das Nações

As grandes questões que, como esta, envolvem a dignidade nacional e se debatem no amplo scenario do mundo, sugeitando o nome e os actos do Brasil a commentarios de toda a gente, alem de suas fronteiras, precisam de ser bem esclarecidas, para que o povo brasileiro tenha nitida consciencia do acerto com que seu governo se houve, guiado pelo instincto de liberalismo e a serena altivez que illuminam tradicionalmente nossa historia diplomatica.

Por isso, vamos fazer, aqui, uma succinta recapitulação dos antecedentes, que nos levaram a ficar, agora, sós e tranquillos, no arduo dever de vetar a entrada da Allemanha para a Liga das Nações. Isso se faz necessario por quanto, embora a unanimidade da opinião nacional e grandes vozes do estrangeiro, por seus orgãos mais autorisados e imparciaes, tenham manifestado decidido apoio á attitude brasileira, outras opiniões têm surgido para accusar o Brasil de agir por delirante vaidade, pretenções de hegemonia ou para attender a interesses alheios.

Uma fria exposição dos factos, taes como se succederam, desde a fundação da Liga, será sufficiente para demonstrar a inanidade de taes censuras.

De origem, com o só facto de haver entrado para a assembléa de Genebra, o Brasil oppoz um desmentido formal e irrespondivel aos que o suspeitavam, já então, de ser um comparsa ou caudatario da politica norte-americana e só por isso se haver enfileirado com as nações que combatiam os imperios centraes da Europa. Antes de qualquer manifestação por parte dos Estados Unidos, o Brasil, por um voto solenne de sua Camara dos Deputados, protestára officialmente contra a violação das fronteiras da Belgica, nação neutra.

Quixotada? Gesto theatral e inutil? Será como quizerem nossos accusadores d'essa epocha. Quanto a nós, só nos podemos orgulhar da ascendencia do Cavalleiro de la Mancha se é ella que nos inspira esses movimentos insopitaveis de revolta ante uma violação do direito; se é ella que nos leva a observar, na vida internacional, o sabio preceito de que "uma injustiça feita a um é uma ameaça a todos".

Em todo o caso, bom ou máu, o gesto foi nosso, exclusivamente nosso, deixando-nos — tambem nesse momento — absolutamente sós, em face da Allemanha, mais poderosa e temivel do que nunca.

Depois, entramos para a guerra pela mão do mais prudente e moderado de nossos governantes, o Dr. Wenceslau Braz; e fizemol-o por dous motivos ambos puramente nossos: 1.° — porque a opinião publica brasileira fôra profundamente abalada pela eloquencia de Ruy Barbosa, que clamára ser impossivel a neutralidade entre o direito e o attentado ao direito; 2.° — porque dous navios nossos haviam sido torpedeados por submarinos allemães. Mas, como nesse mesmo momento os Estados Unidos tomassem egual attitude, surgiram logo commentarios perfidos sobre a coincidencia.

Feita a paz e organisada a Liga das Nações, os Estados Unidos recusaram entrar para ella e o Brasil, fiel a suas tradições de enthusiasta pela união dos povos e pelo recurso da arbitragem — pensando por si, portanto — dedicou-lhe collaboração e cuidados, que nossos eternos accusadores, esquecidos da censura anterior, chegaram a considerar excessivos.

Dous annos depois, reeleito pela 2.a vez para o Conselho da Liga e tendo já figurado com dignidade em numerosos serviços seus, o Brasil foi — juntamente com a Hespanha — distinguido por uma proposta da delegação chilena, que pedia a creação de logares permanentes para os dous paizes.

Essa iniciativa foi recebida por immediatos e unanimes louvores no Conselho da Liga, e contra ella só se allegou a conveniencia de aguardar a reorganisação que, necessariamente e em breve, seria feita d'esse conselho.

Cinco annos decorreram depois d'isso e nelles o Brasil foi sempre reeleito por maioria notavel para as funcções de membro do Conselho, onde, constantemente, foram confiados ao estudo e criterio de seus representantes as mais intricadas e graves questões internacionaes. Portanto, o tratado de Locarno já nos encontrou nesta situação: — membro do conselho da Liga por ininterrupta reeleição, desde seu inicio, tendo desempenhado nelle missões de alto prestigio, que significavam apreço a sua cooperação, o Brasil tinha sua elevação a membro permanente (proposta por outrem e louvada por todos) dependente apenas de uma opportunidade para a reorganisação do Conselho.

Pouco importa a nosso caso que houvesse surgido depois a candidatura da Polonia patrocinada pela França. Evidentemente, isso constituiu um incidente de ultima hora e ligado tão só aos interesses da politica local européa. Teria sido para impedir a presença da Polonia no Conselho da Liga que a Allemanha subordinou sua propria entrada á mal explicada regalia ou honraria de ser ella a unica nação admittida neste momento? Não nos cabe entrar nessa indagação; mas o caso é que a pretenção allemã a essa entrada em soberbo e apparatoso isolamento vinha alcançar o Brasil em seus direitos já adquiridos e o proprio caracter de orgulho com que se revestia a exigencia allemã feria susceptibilidades muito naturaes de nossa parte.

Estabelecido assim o conflicto, vejamos as razões adduzidas de lado a lado, afim de verificar se nos cabia ceder.

A Allemanha allegava: em 1.° logar, os compromissos mal conhecidos — e pode-se dizer clandestinos pois não figuram nos textos officialmente publicados — tomados, em Locarno, por dous membros do Conselho com caracter estrictamente particular; em segundo logar dizia não visar o Brasil com seu voto previo e cortante porquanto ignorava sua candidatura; 3.° — a Allemanha considerava indispensavel sua entrada isolada para significar sua importancia como grande nação.

Pondo de parte a singular ignorancia da candidatura brasileira, officialmente proclamada e discutida desde 1921, o Brasil tinha a oppor a essas razões outras bem mais fortes pois emanam de factos notorios, não ignorados por ninguem, e da tradição immutavel de sua politica internacional.

Afastando-se dos Estados Unidos com quem agira em accordo até 1918, o Brasil entrou para a Liga porque essa instituição correspondia a seus eternos ideaes, sustentados sempre por sua diplomacia e até consignados em sua Constituição. Entrou para a Liga porque ella era a consagração da justiça, pairando acima das soberanias, e todo o seu instincto o levava a collaborar numa obra a seus olhos tão meritoria. Ora, a base de semelhante obra é a egualdade de soberanias, que o Brasil foi o primeiro a defender e fazer triumphar na Conferencia de Haya, contra o voto do delegado allemão.

A Allemanha não podia pois esperar que o Brasil concordasse com a *necessidade* de se demonstrar a importancia do Reich, a custa dos brios de outros pretendentes a logares nesse conselho. Pouco importava ao Brasil haver-se dito que essa exigencia allemã tinha por unico intuito impedir a entrada da Polonia: esse motivo não foi ou não poude ser confessado; o Brasil não podia d'elle tomar conhecimento; e, vetado pela Allemanha, proclamado assim por ella nação de 2.a ou 3.a ordem — contra o voto expresso, que a derrotou em Haya — não podia senão resistir por todos os meios a seu alcance, não só para resguardar seu justo orgulho nacional como para defender o proprio caracter essencial da Liga, que não pode ser deturpado por um accordo restricto entre tres nações européas. Defendendo seus direitos, como fez, o Brasil sustentou ao mesmo tempo os direitos do continente americano, tão pouco representado no Conselho da Liga, e a existencia da propria Liga, que não pode perder seu caracter de universalidade e de egualdade para satisfazer caprichos ou conveniencias dos tres diplomatas que confabularam secretamente em Locarno.

Foi excessivo o gesto do Brasil tomando a responsabilidade de vetar a entrada da Allemanha para a Liga? E' o que resta provar. Havia de parte a parte intransigencia. A da Allemanha foi inicial. Foi ella quem primeiro vetou a entrada de qualquer outro pretendente a logares no conselho. Um d'esses pretendentes era o Brasil.

Em que se baseava o gesto da Allemanha? Que mal resultaria para ella da entrada do Brasil? Diz o Reich que isso diminuiria a importancia de sua admissão.

Em que se baseou nosso gesto? Que mal resultaria para nós da entrada da Allemanha mediante nossa exclusão? Isso representaria para nós uma diminuição sensivel — pois tambem temos brios — seria sacrificio de uma promessa, que nos estava feita desde 1921, á satisfação de uma vaidade européa. E, mais, representaria a aggravação do sacrificio do continente americano, cuja representação proporcional ficaria ainda menor no conselho, e representaria tambem o sacrificio do programma da Liga, isso é dos ideaes de egualdade e justiça que nos levaram para alli; seria a negação dos principios em que a Liga se basea, seria a submissão de uma Liga de cincoenta nações ás decisões de tres estadistas partidarios da velha e calamitosa diplomacia secreta.

O Brasil não podia ter outra attitude e sua melhor justificação nós a encontramos no modo como o chanceller da Hespanha justificou perante seu povo o haver cedido ás instantes solicitações dos Srs. Chamberlain e Briand para que retirasse sua candidatura. "E' que — explicou o Sr. Yanguas — potencia européa, a Hespanha foi forçada a attender a altas razões de solidariedade continental."

Ahi está. O Brasil, que não tinha essa razão, que outra poderia apresentar para fugir a seu dever, para deixar de sustentar sua candidatura e, com ella, os direitos do seu continente e a alta missão da Liga?

O Sr. Presidente da Republica fez o que lhe cumpria e seu acto poderá ser contado entre os que mais fulguram na historia de nossa nacionalidade.

A locomotiva tragica

POR H. HUDSON

SEM poder explicar por que, Dyonisio Averlé deteve o estafeta á porta do collegio de Fraisleur.

— Para quem é isso? preguntou.

— Averlé, respondeu o rapaz.

Com o coração batendo precipitadamente, Dyonisio abriu o telegramma. Era de sua irmã e dizia:

"Mamãe muito mal. Venha urgencia. *Germana*".

— Se o senhor quer, posso levar a resposta... offereceu o mensageiro.

— Não, obrigado... Isto é... Espera ahi!

Na sua afflicção, um longo momento Dyonisio não soube bem o que havia de fazer. Puxou do relogio. Eram 3 e 24. A's 3 e 29 sahia da estação um trem que lhe permittiria alcançar em Orléans o trem-correio de Paris. Em duas horas, podia chegar a casa. Perdendo, porém, esse trem, teria que esperar o nocturno e só chegaria na manhã seguinte.

— Empresta-me a tua bicycleta, disse Averlé ao mensageiro, e vae buscal-a na estação. Ganhas dez francos.

O rapaz, que conhecia Dyonisio, acceitou, sem hesitar, a vantajosa proposta.

Dyonisio cavalgou a machina e partiu. Deante dos seus olhos, no seu pensamento, havia uma só imagem; sua mãe que o chamava, moribunda, e que elle talvez já não encontrasse com vida. Ao passar pela aldeia, a toda a velocidade, levantou um coro de protestos e injurias; elle, porém, nada ouviu.

Quando avistou a estação, o trem que elle devia tomar apitava á sahida do tunnel que ficava a menos de um kilometro.

— Não terei tempo de comprar bilhete... disse Dyonisio, comsigo. — Não faz mal.

Nesse momento, porém, outro cyclista, que desembocava duma rua transversal, abalroou com elle. Houve um estrepito de ferragens entrechocadas, um momento de confusão... E quando Averlé poude dar realmente conta do que passava foi para ver o trem afastar-se, no meio duma nuvem de fumo.

Sem consciencia do que fazia, correu até á gare, como para alcançar o comboio já distante... O chefe da estação impediu-lhe a passagem, preguntando:

— Está doido! Onde vae?

— Precisava de apanhar em Orléans o trem correio de Paris... explicou lamentosamente Averlé.

— Sim, mas, agora, que quer que lhe faça? Não ha de certamente exigir que eu lhe forneça um trem especial... acrescentou ironicamente o chefe. E mais sério, considerando a roupa empoeirada do interlocutor: — Vamos, sáia dahi. E' prohibido estacionar assim, perto das linhas.

Emquanto o chefe fallava, Dyonisio fitava os olhos numa locomotiva parada junto ao deposito das machinas. Tinha dois tenders e parecia preparada para partir...

— Se eu pudesse ir, com essa machina, até Orléans! disse Averlé comsigo, angustiadamente.

O chefe entrara na estação. E Dyonisio ia afastar-se, quando sentiu uma leve palmada no hombro. Um homem extremamente pallido, cabellos negros, olhar penetrante, saltara a cerca que separava a gare da estrada de rodagem e estava a seu lado.

— Quer ir a Orléans? preguntou-lhe o desconhecido em voz baixa.

— Querer, queria... respondeu Averlé, um tanto surprehendido — Vejo, porém, que é impossivel...

— Esse chefe mentiu. Acompanhe-me e verá como chegamos a tempo.

— Quem é o senhor?

— Sabel-o-ha, descance. Agora, porém, não podemos perder tempo com explicações.

Dirigiu-se á locomotiva cuja plataforma estava deserta e, como quem dá uma ordem, disse:

— Depressa! Suba!

Dyonisio ainda hesitou alguns segundos... Não haveria perigo? Viu, porém, a mãe enferma, estendendo-lhe os braços...

Resolutamente, subiu atrás do homem que logo, com segura destreza, entrou a manobrar com as alavancas. Sem duvida conhecia o officio. Momentos depois, a machina deslizava serenamente sobre os trilhos.

Gritos que vinham da estação provaram a Averlé que a fuga fôra descoberta. Debruçou-se e viu os empregados que, na plataforma da estação, bracejavam desesperadamente emquanto que outros corriam, como loucos, em perseguição da locomotiva.

Uma especie de grunhido, que nada tinha de humano, se escapou da boca do companheiro de Dyonisio. Este voltou-se e ficou assombrado. Com a boca cheia de espuma, desvairado, o mechanico saltára para o tender carregado de carvão e, sapateando como um possesso, desatou a gritar:

— Apanhem-me agora, se puderem! Alcancem o machinista Santiago Massís! Quero ver se me prendem outra vez! Hei de ir com a minha locomotiva até onde me der na cabeça!

Dyonisio comprehendeu então a verdade terrivel: tinha diante de si um doido!

Aterrado á ideia do desastre que podia sobrevir, precipitou-se para as alavancas, a ver se podia dar sahida ao vapor, encontrar qualquer meio de parar a locomotiva. O louco, porém, arremessou-se sobre elle com tal impeto que Dyonisio não poude resistir e cahiu. Travou-se então uma lucta sobre o pavimento aquecido da plataforma. Embora de robustez pouco commum, Averlé sentia-se impotente sob os pulsos de ferro que lhe apertavam a garganta. E estaria irremediavelmente perdido se o doido não notasse que a locomotiva estava quasi a parar.

Santiago Massis largou a victima e, com extraordinaria rapidez, começou a deitar pás de carvão, reabastecendo a machina.

Abatido embora pela lucta, Dyonisio tratou de arranjar meio de se escapar daquella armadilha. Talvez resolvesse, com perigo de vida, saltar da locomotiva, se o não detivesse a ideia do que podia succeder, dos desastres que aquella locomotiva, guiada por um doido, podia occasionar.

Massis parecia ter esquecido a presença do companheiro e os seus olhos não se arredavam do manometro. De vez em quando, sahia-lhe dos labios um murmurio confuso ou; então, desatava a rir.

— Mais depressa! Mais! gritava elle. — Que diabo tem esta machina que não quer andar? Assim, não chegamos nunca! Bota carvão, camarada; daqui a pouco, teremos uma subida enorme...

Sem duvida, já se não lembrava da lucta que sustentara com o outro. Averlé, reflectindo que era melhor não o contrariar, principiou a metter carvão na fornalha. Como, porém, nunca fizera tal serviço, trabalhava devagar e assim o calor, em vez de augmentar, decrescia e proporcionalmente a marcha da locomotiva ia diminuindo.

Massis franziu o sobrolho:

— Não percebo... disse elle. — E' a primeira vez que a Rainha do Sol se porta desta maneira... — Na sua loucura, não levava em conta a inexperiencia do ajudante. — Ora, espera... acrescentou o demente. — Vou desengatar um dos tenders e então você verá do que é capaz esta machina nas mãos dum homem como eu!.

Trepou pela pilha de carvão e desappareceu.

Momentos depois, via Dyonisio que a tentativa do louco surtira effeito, pois a machina, após uma sacudidella brusca, augmentou de velocidade; e debruçando-se avistou o segundo tender que descia pelos trilhos...

Correu então ás alavancas, para tentar novamente parar a machina; mas o alienado, previdente como nestas occasiões todos se mostram, tomara as suas disposições, apertando alguns parafusos que impossibilitavam agora todo o esforço do outro. Desesperado, Dyonisio voltou-se, á procura doutro meio, qualquer inspiração salvadora... Nesse momento, reapparecia a cabeça do louco, sobre o monte de carvão... Era preciso, custasse o que custasse, impedir que Massis voltasse para a machina. Dyonisio abaixou-se, armou-se com a pá do carvão e ameaçou o demente. Este, rugindo como uma fera, quiz subir para o tender; e então Dyonisio, com uma pancada na cabeça, fel-o cahir sobre os trilhos.

Logo depois, avistou Dyonisio um poste de signaes e uma bifurcação de linhas; e ao passar percebeu uma casinhola a cujas janellas assomaram dois homens, gritando e gesticulando. Alarmado, Dyonisio debruçou-se. E cuidou

morrer de espanto... Em frente, pela mesma linha, vinha um expresso. Era a catastrophe!

Atirou-se sobre os freios, tentando fazel-os manobrar e, com effeito, alguma coisa cedeu ao seu esforço. Calcou uma das alavancas, a ver se impedia a collisão. Sentiu um salto brusco e fechou os olhos...

Como, porém, nenhum choque se produzisse, abriu-os de novo. A machina proseguia na sua marcha vagabunda e o expresso acabava de passar ao lado, por outra linha. Os signaleiros tinham conseguido desviar a locomotiva para uns trilhos que conduziam a um deposito da Estrada.

Isto, naturalmente, Dyonisio o soube mais tarde, pois naquelle momento sentiu uma pancada terrivel, foi atirado ao ar e logo se afogou nas trevas da inconsciencia.

A machina, tendo encontrado um obstaculo, tombara para o lado.

Quando Averlé voltou a si, estava num leito, cercado de empregados ferroviarios e de passageiros do expresso, que lhe pediam pormenores da tremenda aventura...

Levou um mez, no hospital de Orléans, a restabelecer-se dos ferimentos e contusões recebidos. Felizmente, o estado de sua mãe melhorara. E quanto ao louco, tendo fracturado uma perna ao cahir, foi logo agarrado e reconduzido ao hospicio de Fraisleur, donde se escapara.

COMO SE CONTA A HISTORIA

Um reporter dum dos grandes jornaes soube que, numa cidade proxima de Nova York, se déra um horrivel encontro de trens e, tomando um automovel de praça, partiu immediatamnete para o local da catastrophe.

O quadro era realmente de impressionar. Os empregados da estrada occupavam-se da remoção dos cadaveres e do salvamento dos passageiros apenas feridos, a quem alguns medicos prestavam os primeiros soccorros. Sentado nos estilhaços dum dos vagões um homem contemplava serenamente aquellas scenas horrorosas.

Tinha o nariz arrombado um dos olhos inchados e um braço pendente, sem acção, mostrando evidentemente estar quebrado. O reporter acercou-se desse cavalheiro e, preparando as tiras de papel e o lapis, preguntou-lhe:

— Quer ter a bondade de me dar algumas informações sobre o desastre?

— O homem voltou a cabeça e no tom mais natural e mais calmo deste mundo respondeu:

— Mas que desastre? O senhor está enganado. Aqui não houve desastre nenhum.

Era o director geral da Estrada.

As coisas que são mais desejadas não acontecem em geral, ou se chegam a acontecer não é nem na occasião nem nas circumstancias em que ellas teriam feito um prazer extremo.

LA BRUYERE.

QUEDA DO CABELLO?

Cabellos Brancos?

Caspas?

Formula do grande botanico dr. Ground, cujo segredo custou 200 contos de réis.

A "Loção Brilhante" é o melhor especifico para as affecções capillares. Não mancha a pelle e não é nociva. E' uma formula scientifica do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro, e analisada e autorisada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1.) — Desapparece a Caspa.

2.) — Cessa a queda dos cabellos.

3.) — Os cabellos brancos descorados ou grisalhos voltam á côr natural primitiva, sem ser tingidos.

4.) — Detém o nascimento de cabellos brancos.

5.) — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6.) — Os cabellos ganham vitalidade tornando-se lindos e sedosos, e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

Encontra-se nas bôas perfumarias, drogarias e pharmacias.

UNICOS CESSIONARIOS PARA A AMERICA DO SUL

ALVIM & FREITAS

RUA DO CARMO 11 — Sobrado
S. PAULO — Caixa Postal 1379

Os nossos patricios José e Affonso Segreto nas neves da Italia

UM MODERNO SALOMÃO

Duas mulheres de Detroit (Estados Unidos) disputavam a posse duma menina de tres annos: a sra. Przybyla, que era a mãe de facto, e a sra. Goosen, a mãe adoptiva.

O juiz Bremann recorreu, para resolver tão difficil caso, a um processo na verdade moderno e curioso. Mandou collocar perto delle um aparador cinematographico, com o respectivo aparelho e, subitamente, proferiu a sentença: a creança seria enviada para um orphelinato. O que, porém, as mães ignoravam é que esse julgamento não era definitivo. Ao ouvil-o, a sra. Przybyla apenas franzira os labios; a sra. Goosen, essa desatara a soluçar, alvoroçada, á creança. E tudo isso fôra registrado pelo aparelho cinematographico.

Depois, o juiz Bremann, novo Salomão, pediu a certos peritos em psychologia que o ajudassem a estudar o film, declarando que confiaria a creança á mulher cujas reacções emotivas, denunciadas pelas contracções do rosto, provassem o mais intenso pezar.

O capitalista Antonio Sequeira na sua quinta dos Leões nos arredores do Porto, em Portugal, nas suas habituaes caçadas.

UMA INDESEJAVEL

As autoridades norte-americanas puzeram recentemente difficuldades á entrada nos Estados a lady Cathcart, esposa divorciada do conde Cathcart, que ia a Nova York dirigir os ultimos ensaios duma peça de sua autoria, Ashees (Cinzas).

A escriptora foi retida algum tempo em Ellis Island. O commissario da Immigração, sr. H. H. Curran, deu como razão daquella medida a circumstancia de ser lady Cathcart uma mulher divorciada.

Já semanas antes, a um inglez, o capitão Henry, combatente da Grande Guerra, custara conseguir o accesso immediato ao territorio norte-americano, pelo mesmo motivo de ser divorciado. Só ao cabo duma lucta de tres dias, o deixaram entrar no paiz.

Lady Cathcart declarou-se victima dum "inimigo poderoso" e acrescentou que ia processar o Governo pelo ultrage que lhe fôra infligido. E o sr. Curran respondeu simplesmente que, sendo lady Cathcart divorciada, era necessario proceder-se a inquerito sobre a sua moralidade.

PENSAMENTOS

Educar a coragem é habituar o organismo a resistir instinctivamente á surpreza; é interpor entre a hostilidade das coisas e a sua pessoa um anteparo accumulado pela energia.

MARCEL PREVOST

O homem generoso escreve a lapis o mal que lhe causaram e a tinta o bem que lhe fizeram.

OCTAVE FEUILLET

O primeiro presidente que teve a Academia

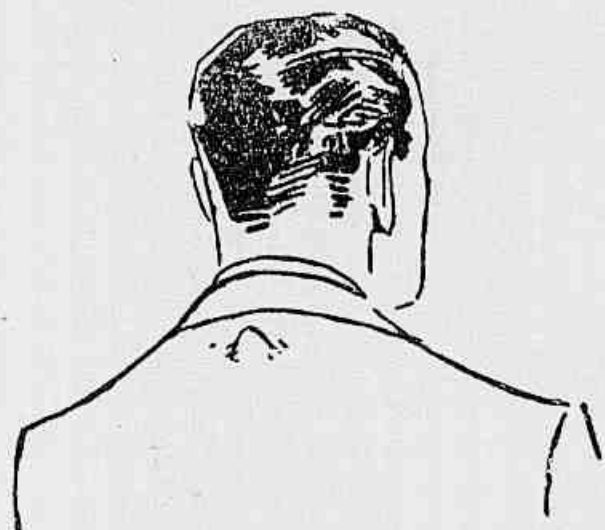
Nova York, Fevereiro.

IMPRESSÕES

Ha dias eu descia a Avenida 59 quando de repente alguma coisa attrahiu a minha attenção.

Na minha frente ia um senhor. O que chamava a attenção era uma especie de calombo que elle tinha em um dos hombros. Fiquei impressionado, e naturalmente pensei em alguma deformidade adquirida.

Mas quando passei por elle verifiquei coisa muito outra, e da qual quero falar aos meus leitores.

Trata-se do seguinte. Nunca devemos dependurar os nossos sobretudos em pregos, cabides mal feitos, ou qualquer outra coisa, em escriptorios. Os sobretudos, quando dependurados em pregos, adquirem immediatamente aquella malformação que eu tinha notado no hombro do cavalheiro. Com o habito, esse defeito cresce de tal fórma que acaba dando ao sobretudo uma fórma inteiramente differente, e na verdade horrivel. Dependuremos, portanto, os nossos sobretudos com todo o cuidado.

***

Encontrei ha dias uma excellente combinação de côres feita com o cinzento. Terno cinzento escuro, camisa listada de preto e branco, gravata prateada, lenço azul escuro, sapatos pretos, meias azul escuro, cachecol preto e branco em xadrez.

***

Ha dias um senhor perguntou-me se meias enxadrezadas ficavam bem com smoking. Sim e não, foi o que respondi. Se as meias forem de seda fina, se o enxadrezedo fôr sobrio, discreto e quasi invisivel, está claro que as meias podem ser perfeitamente usadas com o smoking. Se não estiverem neste caso, santa paciencia, devem ser immediatamente banidas.

***

Outro leitor perguntou-me por carta qual a côr do laço e do lenço que se deve usar com uma camisa pregueada branca, e um terno azul escuro. Dar uma resposta a esta pergunta exigiria uma coisa tão comprida como um livro. Mas posso fazer a seguinte suggestão: o laço poderá ser enxadrezado de branco, listada de azul e cinzento, e o lenço poderá ser branco ou com barra azul.

O CHARLESTON INSPIRA UM NOVO BONNET

O *charleston*, a dança tão conhecida, inspirou, entre outras coisas, um novo *bonnet*, que se encontra em todas as casas de artigos masculinos, desta cidade. Não posso dizer que tenha sido usado por todos os homens elegantes desta cidade, mas o facto é que elle lá está nas casas de modas. Tem um córte muito interessante, tendo dois botões de côres differentes, destacaveis, e póde ser feito de todas as côres.

NOTAS A PROPOSITO DE CORES

As seguintes combinações são as de um terno cinzento escuro; camisa listada de cinzento e branco, gravata cinzenta e branca, lenço azul escuro no bolso do peito, sobretudo azul escuro, cache-col listado de azul e de cinzento, chapeu côco, meias azul escuro, sapatos pretos.

Combinação de cores de um terno castanho escuro: camisa listada de castanho e branco, gravata azul escura listada de preto, sobretudo azul escuro, chapeu de feltro castanho, meias castanhas, sapatos marron.

Combinação de côres para um terno azul escuro: camisa listada de azul e branco, collarinho molle, laço de borboleta azul escuro, sobretudo cinzento claro, chapéu cinzento claro, meias azul e cinzento, sapatos pretos.

PETER GREIG

(Da *Blue Features Syndicate Inc.*)

Paris — Homenagem dos japonezes ao Soldado Desconhecido. Vê-se na gravura o sr. Kanami, alcaide de Osaka.

Paris — Homenagem dos aviadores italianos ao Soldado Desconhecido. Vê-se no primeiro plano o general italiano Piccio.

UM EXAME

Conta uma revista argentina que o professor Badulaque, querendo atrapalhar um estudante em exame, lhe perguntou:

— Fez o curso de geometria?

— Sim, senhor.

— Quantos lados tem uma circumferencia?

— Dois! respondeu sem a menor hesitação o examinando.

— Quaes são?

— E no meio do riso de todos os assistentes o alumno explicou:

— O lado de dentro e o lado de fóra.

O examinador, despeitado e resolvido a vingar-se, proseguiu:

— Fez o curso de philosophia?

— Sim, senhor.

— Ouviu então fallar de causa e effeito?

— Perfeitamente.

— Conhece algum caso em que o effeito anteceda a causa?

— Sim, senhor.

— Por exemplo?

— Um homem empurrando um carrinho.

O professor resolveu não perguntar mais nada.

PARA FAZER CHOVER

Nos paizes catholicos, usa-se, em caso de seccas prolongadas, o recurso das Procissões de Penitencia. No Pendjab, nas Indias, emprega-se outro processo, mais pratico e summario.

Certo inspector britannico visitou recentemente, numa das suas excursões officiaes, uma localidade onde, ha muito tempo, não chovia. As mulheres invadiram a tenda do funccionario e pediram-lhe que se deixasse "regar" por ellas, affirmando-lhe que, por effeito dessa formalidade, logo a chuva abundante cahiria.

O inspector negou-se a prestar a sua pessoa a tal disparate. Negou-se energicamente um, dois dias... Depois, diante da insistencia, já um tanto ameaçadora, de toda a população, acabou por se sujeitar ao tão incommodo quão inopportuno baptismo.

E, fosse por effeito do baptismo ou fosse pelo que fosse, no dia seguinte chovia a potes!

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — S. M. o rei Affonso XIII em seu gabinete de trabalho. E' essa uma das ultimas photographias do Rei de Hespanha. 2 — O curioso carnaval de Binche, na Belgica. Desfile dos typicos chapéos de plumas, alguns dos quaes valem 1.200 francos. 3 e 4 — O lindo grupo em esculptura, de Réal de Sarte, inaugurado no Grand Palais, em Paris, ao ser celebrado o meio centenario do Prix National. 5 — Uma notavel festa hindú. Banho no rio Hooghly durante o recente eclipse do sol na India. 6 — No Val de Grace (Hospital Militar) de Paris. Uma homenagem do Chile aos serviços de saude militar da França. Vê-se na gravura o general chileno Osternol. 7 — No Grand Palais, em Paris. A actriz Yvonne Printemps plantando uma arvore commemorativa na "Casa Americana".

Inseparaveis

Conto por João Bastos

PRATICÁRA a extrema tolice de nascer no seculo da velocidade e da luz aquelle rapazito alejjado e cego que, para obter do transeunte um olhar de compaixão, uma phrase de pesar e um nickel de cem réis, se arrastava nas ruas tumultuosas, guiado pelo rumor dos passos ou pela mão invisivel de Deus, adherindo ás paredes dos edificios tanto quanto lhe permittia a sua miseravel qualidade de reptil humano.

Apparentemente, elle não havia nascido como os outros, o commum dos mortaes, sendo precipitado para dentro da vida pelo ponta-pé do Destino.

Tampouco viera ao mundo envolto numa nuvem branca e perfumada, assim como não teve a recepção risonha, acariciadora e luminosa dos beijos, dos afagos, dos olhares maternos.

E que tamanha desgraça não trazer as duas estrellas que Deus põe nas orbitas dos seus filhos para lhes illuminar o caminho eriçado de acúleos e rosas...

Provavelmente tinha sido concebido na hora sinistra em que os genios do mal conspiram contra as sublimidades do creador do lirio franzino e do concavo infinito.

Feto, foi talvez um botão ao qual não assistia o direito de se tornar flôr e abrir as petalas á luz radiosa do sol.

Porque não se abysmou nas trevas a que fôra destinado, antes de receber o beijo coruscante de Deus? Quantas dores, quanta angustia, quantas lagrimas elle teria poupado á santa creatura que o gerou!

Preferiu, porém, ser um ente disforme, homem participando da natureza do verme.

Sua pobre mãe, ao ver o resultado negativo de tantos dias de zelosa afflicção, tantas horas de atrozes soffrimentos, sentiu os olhos se transformarem em duas fontes de pranto e engasgou-se com o sorriso que já lhe aflorava aos labios.

Ella, que havia supportado com abnegação todas as dores da maternidade para alcançar o indescriptivel goso de aconchegar ao peito o pequenino encanto dos seus sonhos mais formosos... que estaria prompta a perdoar o martyrio que lhe impuzera a Natureza pela ineffavel ventura de contemplar em extase a graciosa personificação do seu beijo mais ardente...

Qual a sua surpresa!

Aquella criança tão ridicula daria vontade de rir se não despertasse piedade unicamente.

Cega, magra, fenomenal.

Tinha os membros inferiores horizontalmente cruzados, de modo que estava condemnada a viver eternamente assentada, constrangida a arrastar-se, como um reptil, tacteando o solo com as mãos.

Foi, pois, nessa immutavel attitude que elle assistiu á passagem dos annos e ao enterro de sua mãe, coitadinha. E no dia em que teve necessidade de mendigar pelas ruas tumultuosas deram-lhe, a guisa de almofada, um pedaço circular de couro cru com mais ou menos quarenta centimetros de diametro. E era sempre de pernas cruzadas sobre tal especie de tapete que o desgraçado aleijadinho, já rapaz, arrastava-se, guiado pelo rumor dos passos ou pela mão invisivel de Deus, adherindo ás paredes dos edificios tanto quanto lhe permittia a sua miseravel qualidade de reptil humano, afim de obter do transeunte um olhar de compaixão, uma phrase de pesar e um nickel de cem réis.

Acontecia-lhe de quando em quando desviar-se dos passeios para o centro das ruas, e, por isto, algumas vezes esteve a poucos passos da liberdade, antepondo-se inconscientemente á velocidade dos vehiculos.

Não fosse elle um infeliz para quem a esperança de morrer cedo era o consolo maior, e logo da primeira vez teria sido esmagado, como diariamente se dá com os gosadores da vida.

Mas é certo zelar o diabo pela carcassa do martyr cuja alma tenha o seu logar reservado no reino privilegiado dos Ceus.

Nunca, porém, o seu captiveiro correu tão grande risco como no dia em que se achou, o misero, a tiritar de frio e fome, á beira resvaladiça de pavoroso precipicio.

Estava a dous passos do abysmo. Mais um arranco, um só, e rolaria, de rocha em rocha, até ao fundo do rio que, lá bem abaixo, corria, cantarolando, majestoso e brilhante, como se indo ao encontro do oceano fosse muito gostosa e voluntariamente assistir á festa das nereidas no reino incomparavel de Neptuno.

Mão caridosa de mulher salvou-o milagrosamente de uma morte terrivel que talvez se pudesse julgar um suicidio. Quem sabe si o cego, através da noite enorme que o envolvia, não divisara aquelle precipicio brilhando, como uma estrella, nas entranhas da terra? Os abysmos se vêem, se entendem e anceiam por se estreitar, com seus braços de treva. E no entanto — cousa singular — separou-os, num gesto breve, a mão pequena e fragil de uma joven mulher!

Bem ridiculos os abysmos.

Mas seria, simplesmente, verdadeiramente uma mulher quem, num momento tão opportuno, vinha impor uma tregua ao Destino, impedir, com um gesto apenas, a consummação de uma cousa que tinha a sua razão de ser profunda e justa?

Seria uma mulher aquelle anjo? Seria um anjo aquella hedionda creatura?

Era a fealdade em pessoa. Estava para o encanto feminino assim como zero está para o infinito. Não se poderia imaginar mais bem acabada antithese de mulher.

Os seus cabellos côr de fogo seriam contados sem grande esforço, de tão raros e esparsos que eram; outro tanto se podia dizer quanto ás sobrancelhas. Testa para dentro; arremedo de um côvo de mão. Olhos pequeninos, verdes, inexpressives e enterrados. Nariz completamente chato na extremidade. Bocca rasgada e constantemente aberta, evidenciando a ruina dos dentes virgens de escova. Faces não tinha, pois não podiam ser faces aquellas duas especies de concha deligenciando encontrarem-se, costas com costas, dentro da bocca. E logo abaixo um appendice semelhante á ponta do gorro da Republica representava o queixo naquella tão sinistra quão burlesca mascara humana.

Colloquemos agora essa cabeça em um corpo enfesado e corcunda, cujos braços attingiam os joelhos, e completaremos o retrato da joven creatura a quem o mendigo alejjado e cego deveu o adiamento da sua sentença, para que desfrutasse, tambem elle, a parte de ventura a que todos temos mais ou menos direito.

O contacto da mão que o arrebatou á morte e o som da voz que lhe disse baixinho as cousas consoladoras que lhe gorgearam nos ouvidos despertaram no coração amargurado do irmão caçulo da Tristeza um sentimento muito doce e indefinivel, cuja existencia no seu intimo elle nem de leve havia percebido nunca.

Aquelle contacto e aquelle som, porém, não o abandonariam desde então, e eram dentro de sua alma obscura assim como um casal de inquietos e alvos pombos esvoaçando, por entre beijos e arrulhos, no interior vasio e solitario de uma torre abandonada. E synthetisavam todos os contactos mais deliciosos, todos os sons mais harmoniosos do amor.

Salva providencialmente do precipicio, a vida do alejjado tornava-se, entretanto, dependente daquelle som e daquelle contacto tanto quanto a gravitação da terra depende da existencia do sol.

Foi, na verdade, uma misericordia do acaso o encontro de duas creaturas tão semelhantes em deformidade e miseria, que difficilmente se conseguiria saber a qual coubera maior quinhão de desdita. E, por isso, era justo que vivessem de mãos dadas, para se auxiliarem reciprocamente na subida do Golgotha.

Cego, tinha o alejjado a felicidade de não conhecer da companheira sinão a voz suave e o contacto morno; aleijado, o cego jamais despertaria desejos em outra mulher. Reunia elle, portanto, defeitos indispensaveis á indissolubilidade do laço com que a fatalidade os uniu.

Parece que fôra tudo habilmente arranjado pela Natureza para que pudessem ambos viver e amar tranquillamente, livres de serem mordidos pela inveja, babujados pelo despeito.

O cego abandonado tinha, finalmente, um guia fiel e uma companheira dedicada na sua quotidiana perigrinação pelos bairros da Fortuna.

E já os nickeis se tornavam menos vasqueiros, indicio evidente de que o director supremo de tudo resolvera reparar, ainda

Aspectos da vida gaúcha

1 — O typo classico do gaúcho. Photographia feita em Pelotas, na Granja Sá. 2 — Bandeando o Pelotas. Gaúchos, com as montadas, atravessando o rio. 3 — Gaúchos em repouso na Granja Sá. 4 — Guascas no preparo do churrasco 5 — Grupo gaúcho depois do churrasco.

em tempo, a injustiça praticada contra dous pobresinhos claramente irresponsaveis pelos desvios peccaminosos da humanidade...

Esta inesperada philantropia dos transeuntes tinha, porém, a sua justificação em um facto extraordinario: a Fealdade a cantar com a voz mais bella que até então se ouvira era, sem duvida, uma cousa surprehendente e bem digna de attenção...

Deus, assim como não concede tudo, para que tenhamos alguma cousa que desejar, não nos nega tambem tudo, afim de que não nos mate o desconsolo. E foi assim que poz na garganta da mulher mais feia do mundo a sonoridade angelica do Ceu.

E' possivel, comtudo, que tão encantadora harmonia sahisse directamente da alma, por isso que a companheira do cego possuia uma alma cristalina e candida.

A sua copla preferida, de uma canção em voga, era dolente e ás vezes commovia:

A noite é como a existencia
Do orphão pobre e coitadinho...
Não ha tristeza tão triste
Como a falta de um carinho.

***

A vida do indigente par, graças á influencia preponderante do coração, não se resumia no penoso mister de mendigar os cibos da Fortuna com que remediar as necessidades do estomago. Todas as noites, terminada a tarefa diaria, os dous amantes viviam, na choça que habitavam, longas horas de reparadora tranquillidade, falando de ventura e de amor como de cousas espirituaes e divinas possiveis de serem alcançadas nas regiões maravilhosas do eterno bem, para onde, certamente, se passariam numa nuvem macia e perfumada...

Os seus dialogos eram então os mais puros e ingenuos, cheios de religiosa esperança e de mutuas consolações.

Certa vez, fitando os olhos apagados no sitio onde escutava, quem sabe? o palpitar do coração da companheira, lhe falou, com ternura, o pobre cégo:

— Sabes, Aurora, o que estou constantemente a ver na escuridão de minha cegueira? E' a belleza resplandecente do teu rosto. E's tão bonita!...

Ao que a joven, suspirando e sorrindo dolorosamente, respondeu, mentindo por piedade, ser elle, todavia, muito mais formoso. Entretanto pensava: — Ah! si elle viesse a suspeitar a verdade... E Aurora tremia invadida de absurdo receio.

Este poetico nome não o tinha recebido da bocca do vigario aquella que mais se assemelhava, physicamente, á physionomia macabra das noites tempestuosas; seria bem atrevido paradoxo.

Apenas se haviam associado os dous párias, e, ao serem feitos os primeiros conhecimentos, encetou o cego o seguinte dialogo:

— Disseste que te chamas Catharina? Mas este nome, cara amiga, não é nada significativo... Escuta, é certo que a aurora, alem de ser cheia de gorgeios e frescor, é ainda maravilhosa, irradiando luz celestial e pura?

— Assim é, meu amigo. E que pena não teres vista para presenciar a festa inenarravel do amanhecer!

— Pois bem. D'ora avante has de chamar-te Aurora.

E assim foi. Nunca mais se fallou em Catharina.

Entretanto, sem que a nortada da desgraça parecesse querer perturbar a felicidade mais ou menos positiva do par enamorado, iam os mezes passando, emquanto o amor espiritual e casto fortificava e crescia a cada passo, a cada gesto, a cada phrase, demandando o infinito...

Mas eis que, certo dia, quando menos se suppunha, bate á porta da cabana o punho inexoravel do Destino.

Aurora, colhida pela epidemia da febre amarella, viu-se, num relance, toda a tremer de febre e de pena pela sorte do cego, atirada numa padiola e, pouco depois, num leito phenicado do hospital.

Teve apenas o tempo sufficiente para dirigir ao pobre amigo tres palavras pronunciadas com brandura e convicção: — Eu já volto...

***

Ninguem conseguiria descrever o estado de desolação e anciedade em que o desditoso andava, havia tres prolongados dias e tres interminaveis noites, sem comer e dormir, esperando, meio desesperado, a volta da companheira.

Na quarta noite elle se achava totalmente convencido... e chorava e tinha febre tambem, quando, da obscuridade de seu cubiculo, ouviu cantar ao longe uma voz muito doce, muito querida, cujo som suavissimo vibrava no fundo de seu ser havia tempo...

A noite é como a existencia
Do orphão pobre e coitadinho...
Não ha tristeza tão triste
Como a falta de um carinho.

— Aurora! és tu?! Voltaste, emfim, terna amiga? Como és bôa! Sim, já vou, queridinha... eu já vou...

E o cego, deixando a velha enxerga, arrastou-se até á porta, que abriu de par em par, e, em poucos segundos, se achava fóra, á luz do luar que espalhava por tudo melancolia e mysterio. E se poz a arrastar-se resolutamente, fitando os olhos apagados na mesma direcção.

Aquelle caminho não lhe era desconhecido: já o percorrera uma vez. Era o mesmo que o levara á beira resvaladiça de pavoroso precipicio, havia poucos mezes.

E, novamente, atravez da noite enorme que o envolvia, elle divisava aquelle precipicio, brilhando, como uma estrella, nas entranhas da terra. E, entre o abysmo e o céu, elle via, tambem, qual effluvio divino, a imagem muito branca de sua morta amada... E era por isso que, se arrastando sempre, elle dizia continuamente, a sorrir de estranha maneira:

— Sim, meu amor... já estou muito perto... muito perto...

E a sua voz começava a misturar-se com o marulho do rio que lá bem no fundo cantarolava, correndo, prateado, para o mar.

Que loucura insondavel e fatal a daquelle rio e daquelle cego!...

— Sim, meu amor... já estou muito perto... muito perto...

De repente, faltou-lhe o solo sob o assento de couro, e o corpo disforme do aleijado foi, rolando de rocha em rocha, ferir as aguas prateadas; e o rio, abrindo e cerrando as fauces, enguliu-o de uma vez e, sempre a cantarolar, indifferente, continuou a correr, a correr para o oceano...

João Bastos

(Do Concurso de contos da *Revista da Semana*)

Dar-se-ha a evolução das actuaes tendencias?

A moda não mereceria este nome se permanecesse sempre firme nas suas posições. A versatilidade da Moda constitue talvez a sua maior virtude, pois de contrario não teriam razão de existir as investigações que costureiros e modellistas realizam constantemente com o fito de encontrar alguma coisa de novo, apezar de estarem convencidos d'aquella verdade, tão antiga como o mundo, de que em absoluto nada ha de novo.

E' forçoso confessar que o esforço mental dos creadores não é destituido de merito e é sempre trabalhoso. Em nenhuma esphera como a da moda se justifica mais o aphorismo — "renovar ou morrer". Uma casa de alta costura que não ponha bem em evidencia o seu afan da novidade, procurando sempre formas e detalhes inéditos, tem os seus dias contados, porque a Moda, que tolera e chega até a amparar as mais desconcertantes audacias, não permitte o marasmo nem a rotina.

Encontramo-nos agora em uma d'essas épocas do anno que são verdadeiramente decisivas em capitulo de indumentaria feminina. A moda da primavera prepara já a sua apparição estrepitosa e a de inverno começa a transigir com as novas tendencias. Todas as mulheres, sem excepção, perguntam curiosas que surpreza lhes reservará a chegada da primavera. Ver-se-á qualquer coisa de bem novo ou, pelo contrario, a novidade, mais nominal que real, limitar-se-á simplesmente á modificação de pormenores?

Correm a este respeito mil boatos diversos e contradictorios; porém o que tem mais visos de verdade parece ser o que proclama que de certo modo se vae andar para trás, voltando ao passado, a um passado relativamente proximo, pois que se trata da linha direita, de que nos afastámos no verão passado. Ao fim de uns mezes de abandono, a linha direita reapparecerá, primeiro timidamente e a seguir com maior autoridade.

Os godets e os fourreaux sustentam agora encarniçada batalha. Em questão de moda, os prognosticos são sempre prematuros, mas quer-nos bem parecer que os godets, na lucta, não levarão a melhor.

Censuram-se os godets de se terem tornado muito corriqueiros; mas qual é a innovação que não acaba por cahir no dominio do trivial? A verdade é porém outra; tal disposição indumentaria não conquistou plenamente a sympathia das mulheres, ao contrario do que se julgou ao principio.

Durante a temporada que vae terminar, pudemos observar que a largura inicial, que parecia ser duradoura, se ia attenuando, dissimulando e por fim quasi desapparecia, limitando-se apenas a alguns effeitos de plissados.

Isto quer dizer que a linha curva começa a ser vencida pela linha recta. Os godets vão pouco a pouco desapparecendo, e os que ainda se vêem são extremamente discretos e separa-os um abysmo dos que foram lançados ao principio pelas casas mais importantes da Rue de la Paix e dos Campos Elyseos. Esta transformação é altamente symptomatica e vem demonstrar que a mulher não aceita resignadamente as creações que lhe desagradam e que, pelo contrario, sabe exercer pressão para que desappareçam, o que consegue quasi sempre. Mas não são então os costureiros que impõem a moda? Sim; porém com a condição de que as mulheres não disponham o contrario...

O vestido abrigo

As previsões dos meteorologistas annunciavam um inverno em extremo rigoroso.

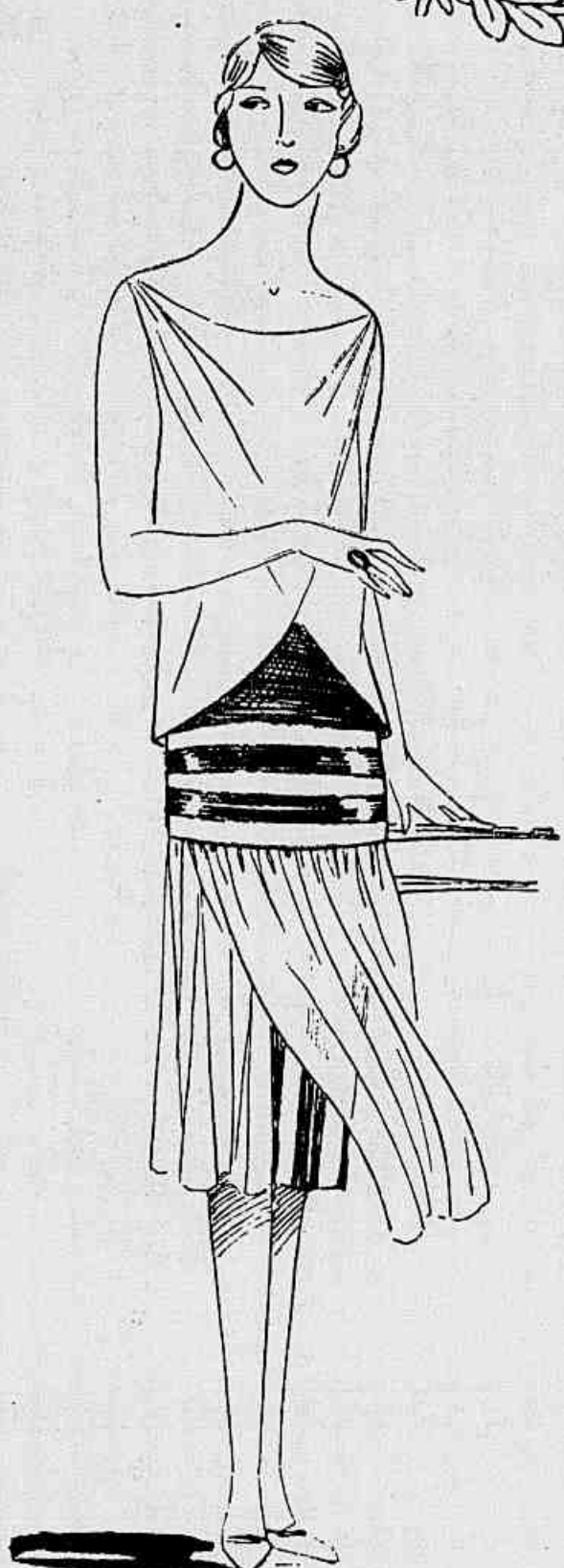
Comtudo, a segunda quinzena de Janeiro veiu desmentir os augurios dos que se consagram a ler o futuro atmospherico no firmamento.

A primavera faz-nos recordar, se bem que timidamente, que na ordem chronologica se segue ao inverno e que não tardará em visitar-nos. Tivemos uma semana de ceu azul e de temperatura relativamente benigna.

Os abrigos de inverno começam a tornar-se pesados e as pelles parecem fora de uso. De um momento para o outro vão surgir os modelos de primavera. Porém emquanto este facto se não produz, é preciso recorrer aos vestidos de transição e principalmente ao vestido abrigo, que representa uma fusão feliz e é indispensavel no guarda-roupa de toda a mulher elegante.

As pessoas dotadas de bom gosto preoccupam-se tanto com os artigos de transição quanto com os da temporada; de contrario, é impossivel entoar os canones da moda.

A. d'Enery.

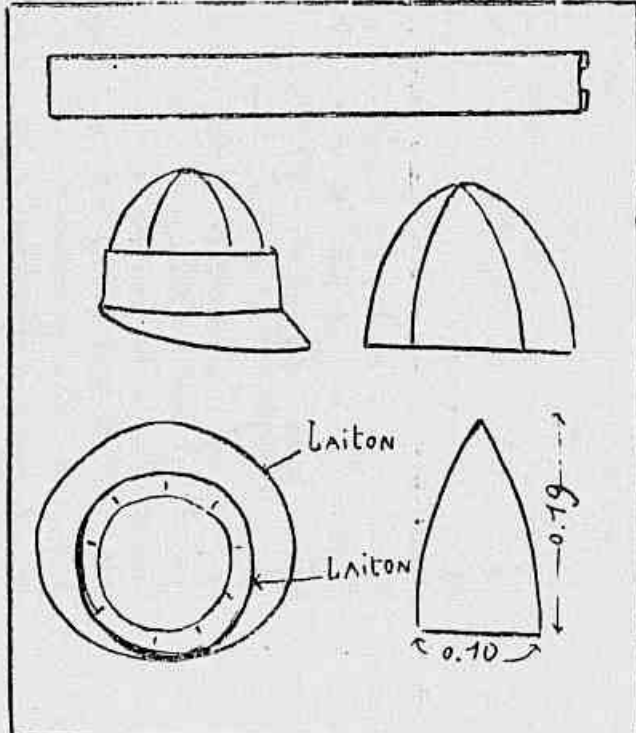
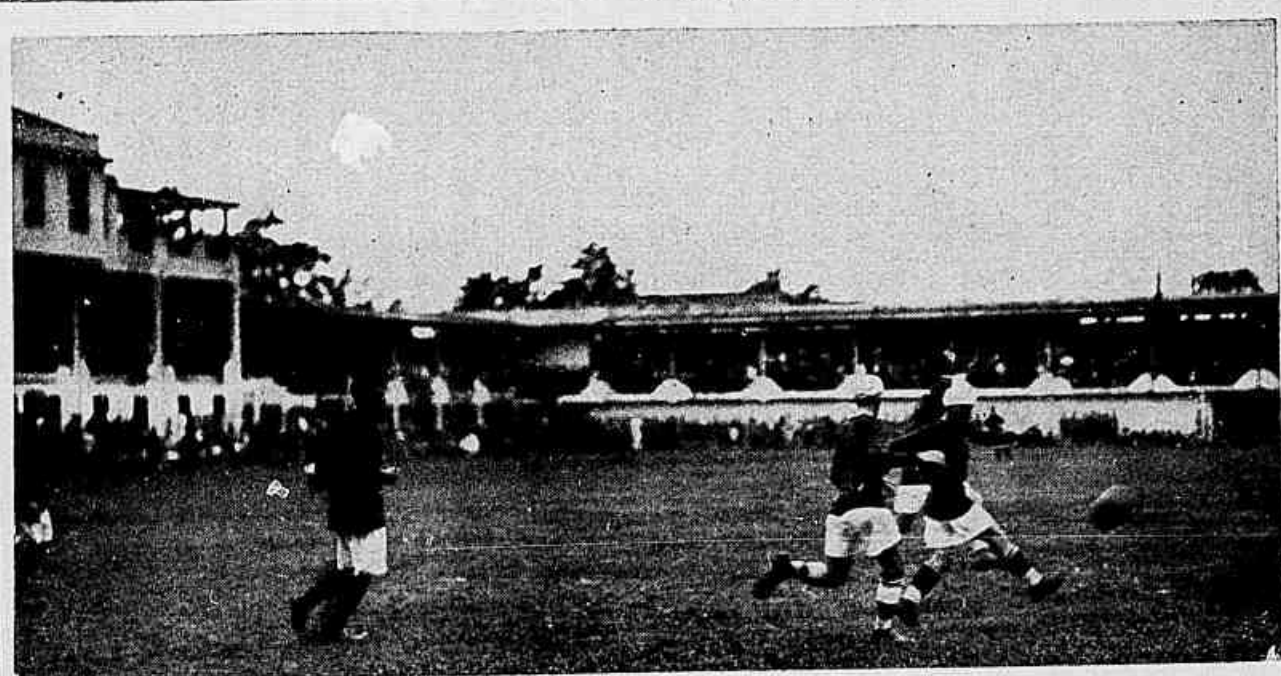
(Serviço especial do "Consortium International de Presse").

Vestido de noite de musselina de seda creme fluctuante em pannos destacados sobre uma bainha de lamé de prata raiada de ouro. O cinto é egualmente de lamé prata e ouro.

Vestido de popeline rosa, guarnecido de pello de coelho cinzento.

Vestido de crepe da China heliotropio guarnecido de *plissé* arlequim. Punhos e abertura na parte da frente do vestido de crepe branco.

Motivo em bordado antigo, podendo ser applicado sobre chapéo, echarpe, vestido de creança etc.

Vestido de noite de velludo geranio sobre uma bainha de lamé de prata. Cintura *drapée*, presa por uma fivella com franja de prata.

O primeiro presidente que teve a Academia

O America vence a A. A. Portugueza de S. Paulo

Aspectos do interestadual do domingo ultimo, quando se mediram, com denodo e elegancia, o America, do Rio, e a A. A. Portugueza, de S. Paulo.

Ao alto, o *team* do America, que derrotou o da A. A. Portugueza por 4 x 2; logo abaixo, o *team* da Portugueza. Os outros aspectos são flagrantes do jogo que se desenvolveu com brilho e equilibrio no *ground* da rua Campos Salles.

Ao Gallicanto

QUARESMA, quasi Semana Santa.

Na vida do Deus da Paixão, os animaes desempenham papel de relevo, lembrado de principio o nascimento do Menino Jesus, no estabulo de Belem, á meia noite, no anno 749 da fundação de Roma, quadragesimo do reinado de Augusto, trigesimo sexto de Herodes, rei da Judéa.

N'aquella noite de maravilhas estupendas, destinada a clarear para sempre os dias da humanidade, apparecia, humilde entre modestos, a criança fadada a impedir a Cidade Eterna de datar annos nos fastos da historia.

Deram-lhe berço palhas de mangedoura; pastores tiveram n'elle olhos afitados muito antes da contemplação dos reis magos, guiados por estrella desconhecida, em pharol sobre areias do deserto. Só depois dos pastores, offereceram os magos a Jesus infante, já rei, deus e victima, tributos symbolicos: oiro, incenso e myrrha.

Ordenou Herodes a matança dos Innocentes, esperando por golpe multiplo attingir Jesus. Maria e José fugiam entretanto para o Egypto, ella sobre o burro, seu meio de transporte de Nazareth a Belem.

Baptisado por João, buscou o Salvador o ermo tomando asilo n'uma caverna quarenta dias e noites, cercado de animaes ferozes.

Descido Jesus da montanha da Tentação, avistou-o João Baptista, apontou-o aos discipulos e saudou-o como o "Cordeiro de Deus".

Na scena dos mercadores expulsos do templo pelo levantar da colera de Jesus, figuram bois, cordeiros e pombas, objectos de traficancia no logar santo. Aves e peixes enfeitam os ares e alegram as aguas do lago de Genesareth, aguas de pureza admiravel em cujo seio a vista não perdia siquer as scintillações das escamas.

Ahi, no lago, opera Jesus o prodigio da pesca milagrosa, pondo os barcos ao rez da agua ao peso do pescado. Entretanto os pescadores haviam labutado durante a noite sem conseguir o menor fructo da vigilia e do suor.

Um dos barcos milagrosos teria o fado de ser, por S. Pedro, a náo da Igreja, caminhando de prôa invencivel pela espumarada do mar dos seculos.

Uma das mais frizantes parábolas do Nazareno mostra aos pregadores do Evangelho como não lhes devem arrefecer zelos diante da mescla terrena de bons e de máos.

Desce a rêde do olivel ao seio das aguas, levantam-a os pescadores abarrotada de peixes de varia especie. Sentados na praia, escolhem, deitam os peixes bons em vasos, rejeitam os mofinos, pondo-os com indifferença a arquejar sobre a areia ou restituindo-os ao oceano por golpe de piedade distrahida.

Assim, findos os seculos, os anjos separarão os justos dos peccadores.

Expulsa Jesus os demonios do corpo do possesso e logo se precipitam para os porcos numerosos de Gerusa, que apenas hospedam os impuros na sua immundicie deitam a correr e afogam-se.

Intimado pelos representantes do fisco para pagar o didrachma, imposto annual devido por todo o israelita para custeio das despesas do templo, Jesus manda Pedro ao lago, lançar anzol. O primeiro peixe apanhado trazia na bocca duplo didrachma, em satisfação da divida do mestre e do discipulo.

Fallando ao povo, offerecendo-lhe a allegoria do bom pastor, Jesus recorda scenas e costumes do Oriente ás quaes estava a multidão habituada. Era uso oriental com muros de pedra cercar o aprisco onde as ovelhas dormiam, para tiral-as em salvo de animaes daninhos ou de ladrões, segundos que não desmentem os primeiros.

De manhã o guarda do aprisco abria a porta aos diversos pastores.

"Eu sou o bom Pastor, exclama Jesus, que por suas ovelhas dá a vida. Sou a porta do aprisco, quem por ella se introduz sem que eu abra ladrão será. Conto outras ovelhas, fóra do aprisco, devo ahi conduzil-as, ouvir-me-ão a voz para haver rebanho unico sob um só pastor.

Palma Vecchio — S. Pedro sobre o seu throno. (Academia, Veneza).

Sempre evangelisando entre o odio dos escribas e dos phariseus, por meio da parabola, Jesus allude ao dono do rebanho de cem ovelhas das quaes uma se tresmalha, desamparando o dono as noventa e nove restantes para correr atraz da desviada. Tendo-a achado, gozoso volta com ella aos hombros, restituindo-a ao aprisco.

Masaccio — O Dinheiro de S. Pedro (Capella Brancacci, Santa Maria del Carmine, Florença).

Ao entrar em Jerusalem, á moda real, chegado ao monte das Oliveiras, perto da aldeia de Bethphagé, encarrega Jesus a dous discipulos de buscarem uma burra e um burrico virgens de cavalleiro, amarrados ambos na entrada da aldeia.

Sobre o burro devia o rei de Judá transpôr as portas de sua capital cumprindo prophecia de Zacarias.

Cessada a ovação triumphal em Jerusalem, Jesus expulsa de novo os mercadores do templo, os vendedores de bois, cordeiros e pombas, esquecidos da colera antiga do Redemptor contra elles.

Realisada a ultima ceia, gerado o crime no animo de Judas, o amigo traidor, entrou Christo no jardim de Gethsemani. Ia representar a humanidade polluida; arrastou-se até á gruta da Agonia, ahi vio claramente todos os instrumentos do seu supplicio, todas os opprobrios do seu padecer, e recuou de horror pedindo a Deus de seus labios afastasse calice tão afelleado, surdo o céo ao humano da supplica.

Dirigiu-se Jesus a tres dos apostolos, especialmente a Pedro, ainda cheio das promessas de amor d'este, exprobrando-lhes o dormir. Tornou á gruta onde nova visão lhe mostrou a necessidade de expiar os milhões de culpas mortaes. Exhausto de prever, voltou para junto dos discipulos, encontrou-os adormecidos, e voltou á gruta onde terceira visão lhe poz presente o olvido ingrato dos homens, perseguindo, blasphemando, desrespeitando a eucharistia, despedaçando a cruz.

Pouco depois entrou Judas, á testa de soldados e de povo, no jardim de Gethsemani, para apontar Jesus á sanha dos inimigos, por meio do osculo de traição, opprobrio eterno dos beijos.

Preso Jesus, dispersam-se e fogem os apostolos, com elles Pedro, que tanta fidelidade protestara ao Mestre, embora este observasse que antes do segundo cantar do gallo elle o renegaria tres vezes. "Morrerei comvosco", replicára Pedro no côro de protesto dos companheiros.

Emquanto Jesus humilhado voluntariamente comparece diante dos juizes, João e Pedro, tornados sobre os passos, entram no palacio dos pontifices.

Velam soldados e servos, conversando em torno da chamma do brazeiro acceso no centro do pateo, por fria a noite.

Procura João a sala da assembléa dos pontifices, Pedro fica junto ao grupo do brazeiro.

Escarnecem de Jesus, Pedro ouve tudo confrangido. De subito fita-o a porteira do palacio, atira-lhe em rosto a pecha de discipulo do prisioneiro.

Diante da accusação e da accusadora cuja sombra, á luz do brazeiro, sem duvida o medo augmentava, Pedro acovarda-se, vê-se perdido, envolvido na sórte do Mestre, a partilhar-lhe o castigo e clama em desmentido: "mulher, não sabes o que dizes, não conheço o homem de quem fallas".

Não insiste a denunciadora, mas Pedro, aguilhoado pela suspeita, trata de sumir-se, busca a sahida do palacio.

Sôam duas horas da madrugada, um gallo canta na supposição do dia. Pedro, fóra de si, nem siquer se recorda do aviso de Jesus.

Encontra-se por fim no vestibulo do palacio onde uma criada declara ás pessôas ahi reunidas: "este era com Jesus de Nazareth".

Nega-o Pedro, approxima-se do braseiro dos servos e dos soldados com ares de naturalidade, mas em breve se vê cercado por gente que de novo o aponta como discipulo de Christo.

Protesta o apostolo, desconhece Jesus! Deixam-o em paz; o julgamento do Mestre interessa cada vez mais. De vez em quando alguem sae do tribunal e attrahindo curiosos narra as scenas que diante dos juizes se desenrolam.

Pedro ouve attento, interroga por sua vez, denunciado porém pela grosseria do idioma galileu, de pronuncia defeituosa.

Accusa-o mais um vez um dos assistentes, dil-o galileu e discipulo de Jesus; Pedro começa a jurar que nem conhece Jesus, nem lhe é adepto.

Sôam tres horas da madrugada, canta o gallo pela segunda vez, Pedro nega pela terceira.

Cae então em si, veste-se da culpa, tem horror, pois a elle Jesus tudo déra, tudo augurára como chefe da sua Igreja.

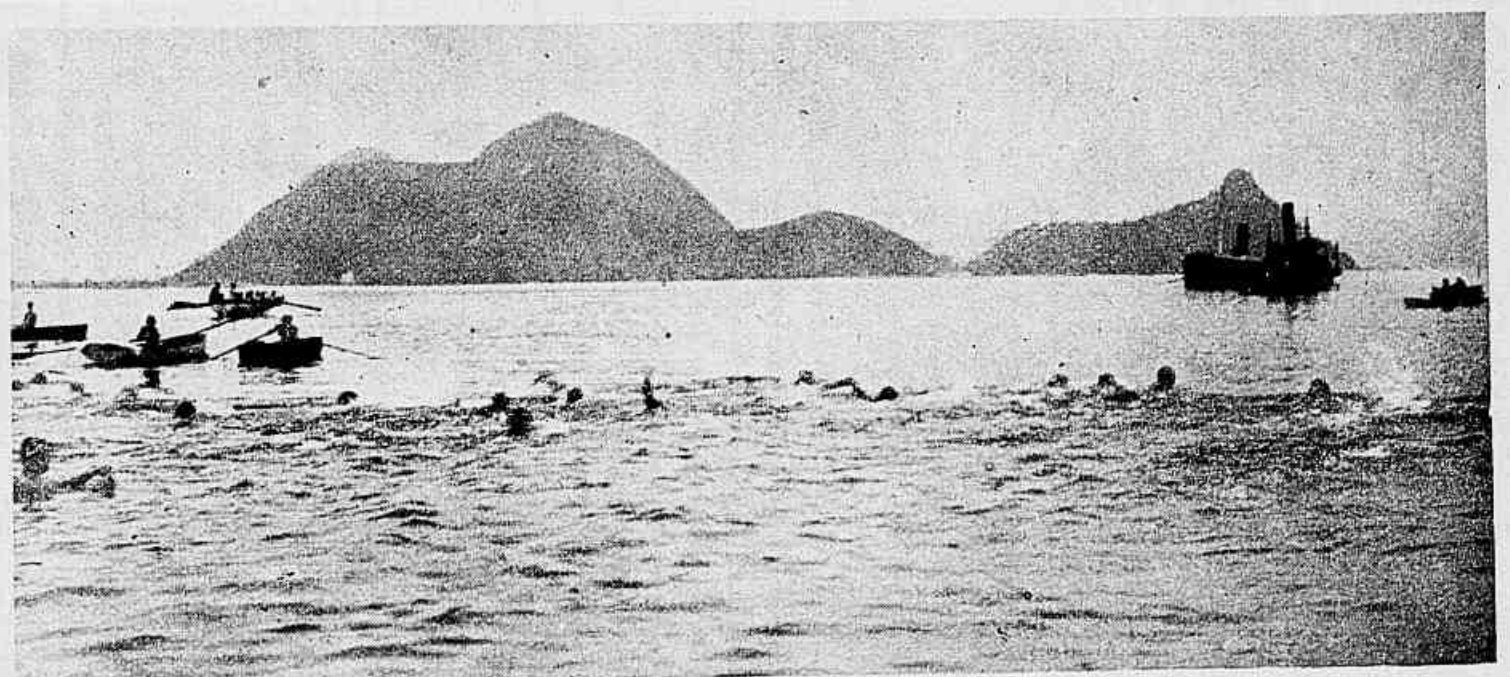
Abre-se a porta do pretorio, Jesus d'elle sae julgado, entre vociferações da morte, rumo da prisão.

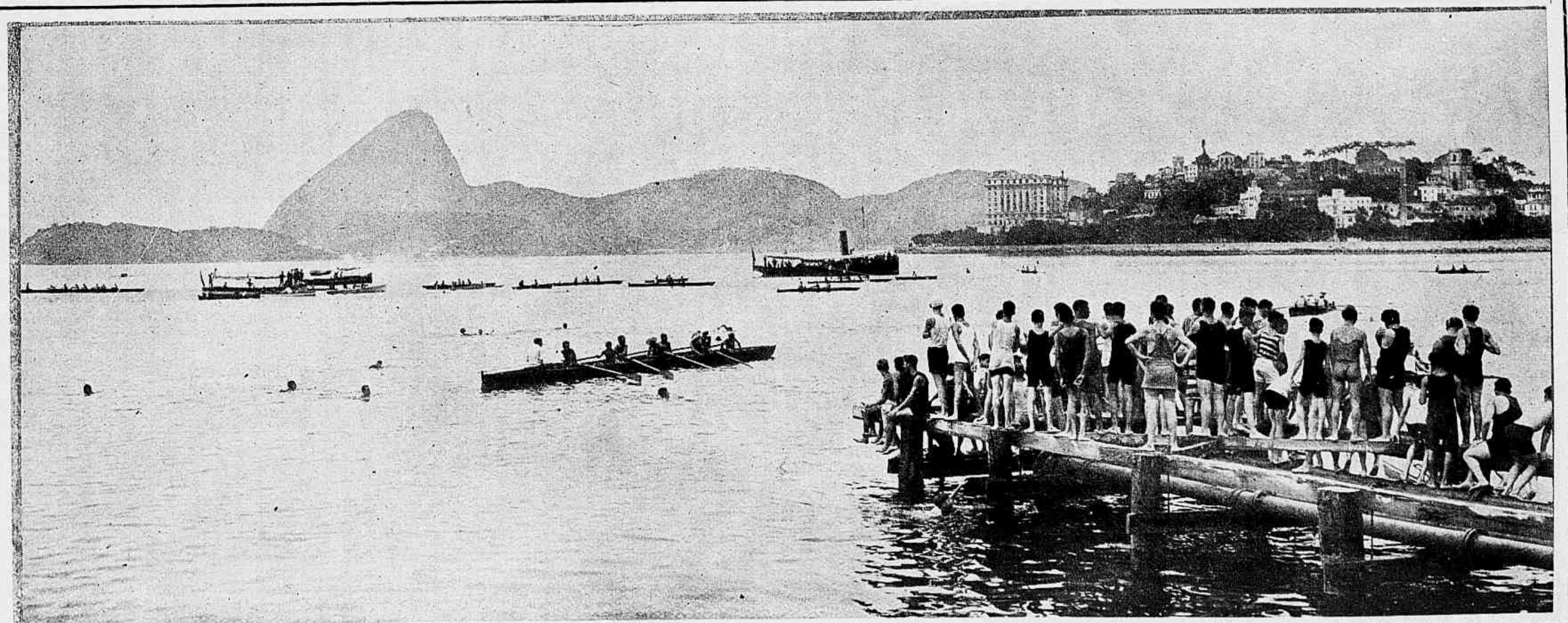
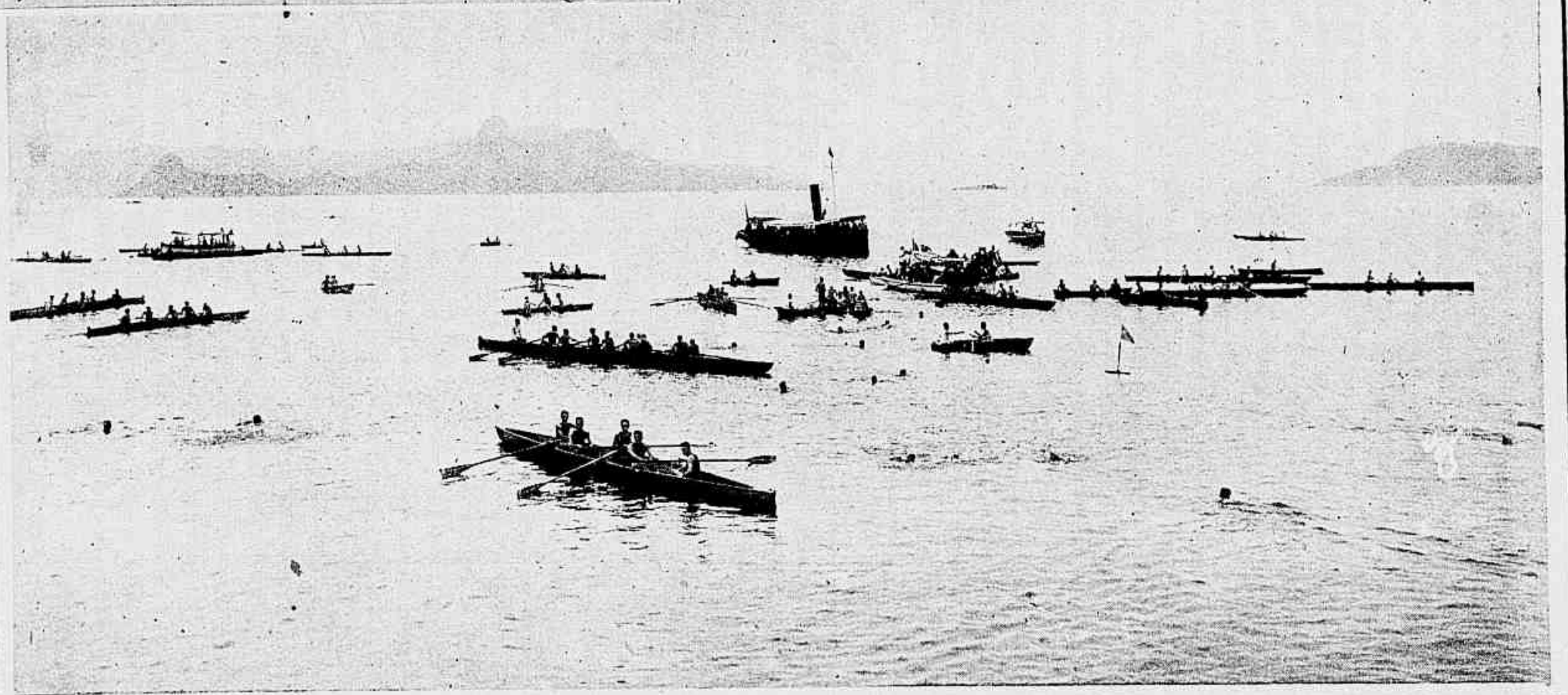
Encontra-se Pedro na passagem do Mestre, mal póde vêl-o, tantas as lagrimas, mal pode pedir-lhe perdão, tanta a culpa. Que vae fazer Jesus? Desprezal-o no rigor da justiça? Encaral-o com severidade?

Não: fita-o Jesus com tamanha bondade, com amor tão grande na exprobração que chega a consolar-lhe o remorso do peito. Rompe em soluços o apostolo, corre a uma gruta, até hoje do Arrependimento, e chora fundo o peccado, á sombra da palavra de Jesus: "prompto é o espirito, a carne fraca".

Gallos, cantai com socego, rompendo o silencio de noite alta ou saudando o claro-escuro das madrugadas em negaças com a luz. S. Pedro já se arrependeu, vosso papel está findo. No mundo não ha mais discipulos, só nascem mestres.

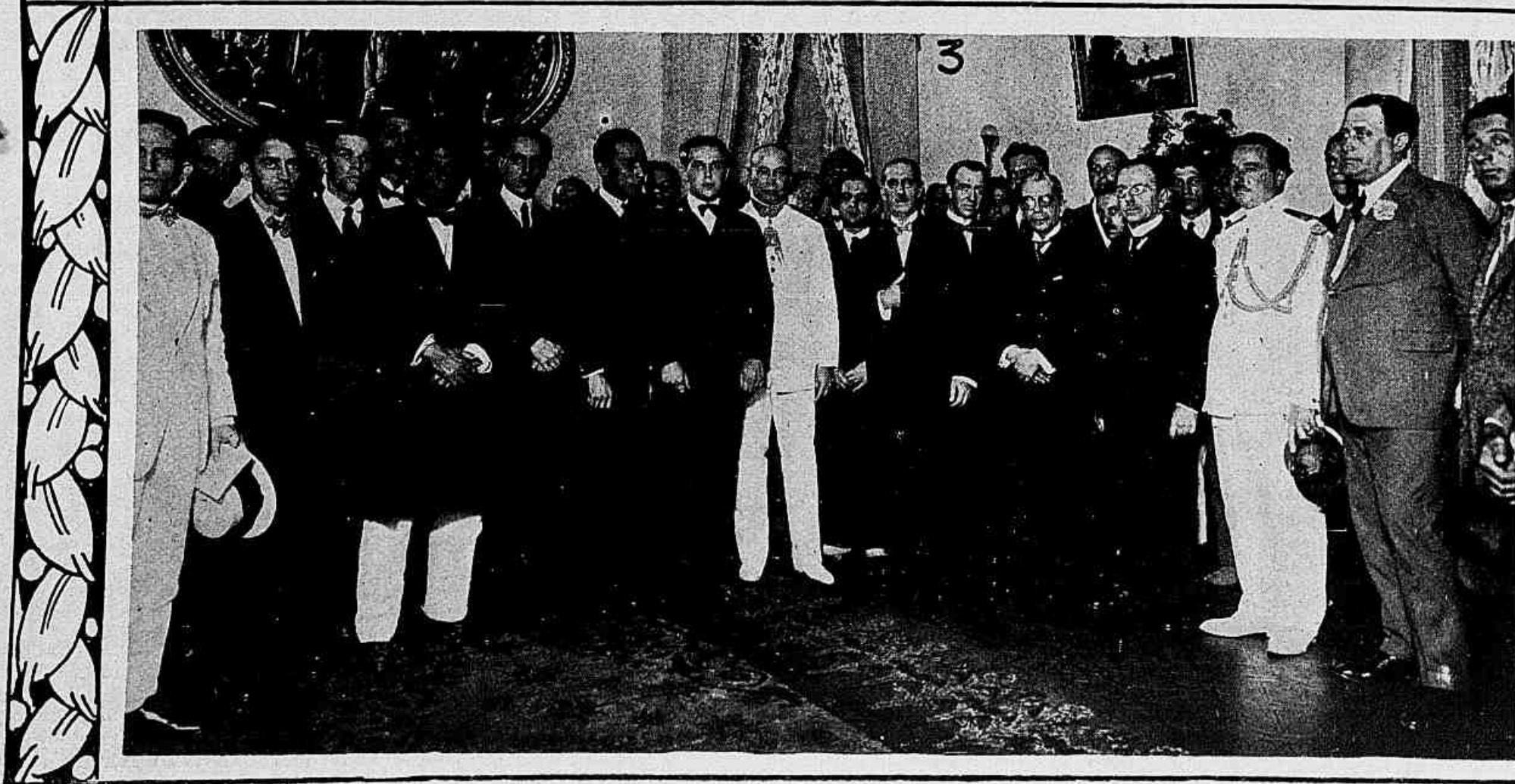
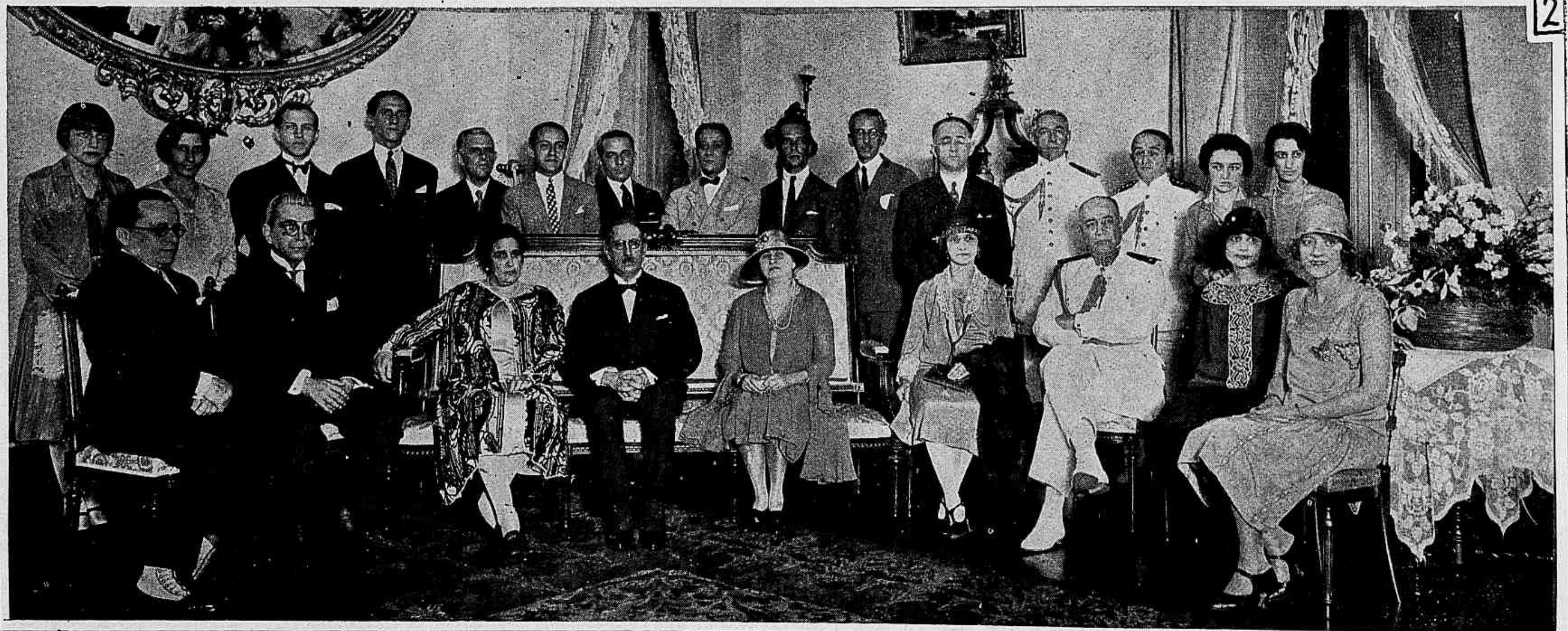
Escragnolle Doria

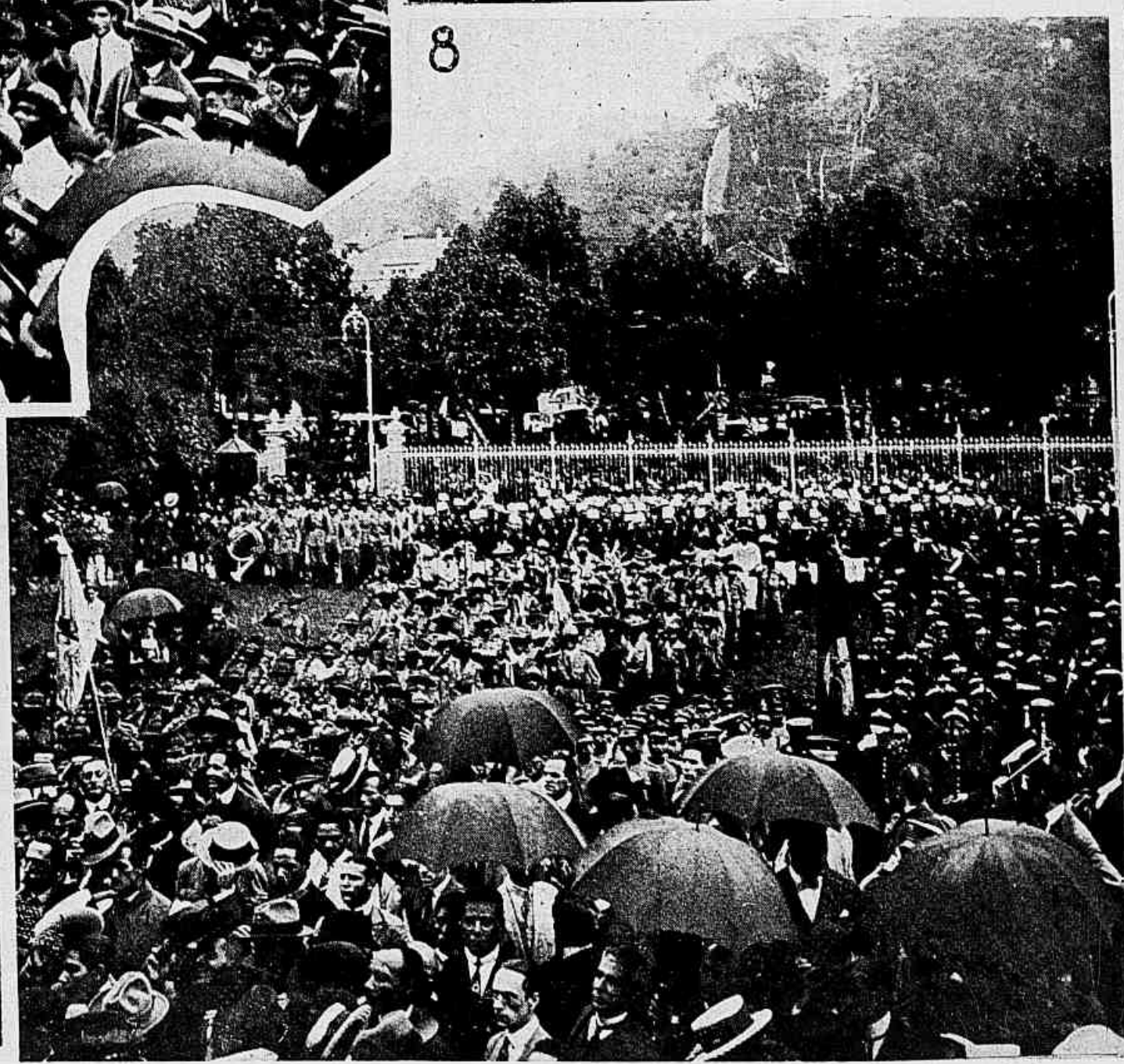
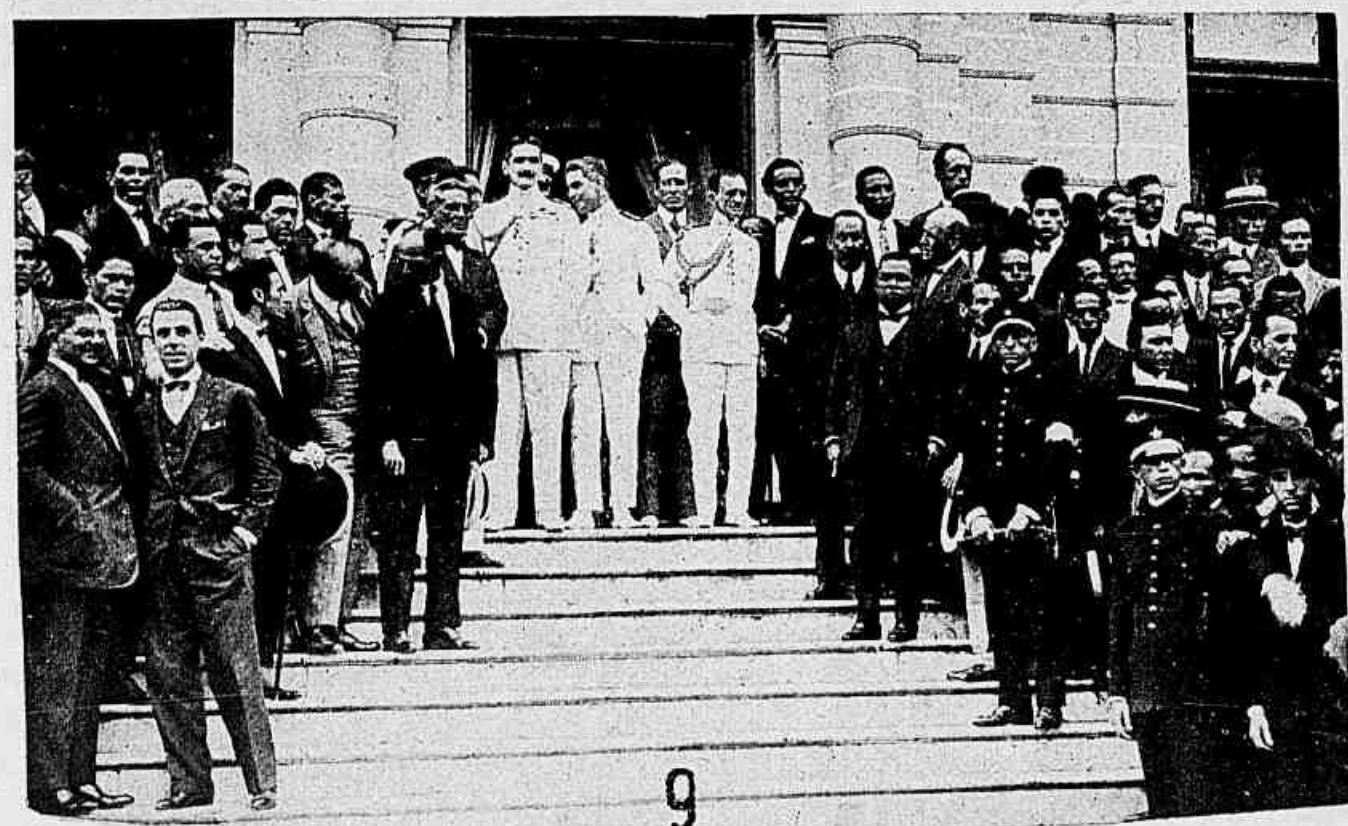
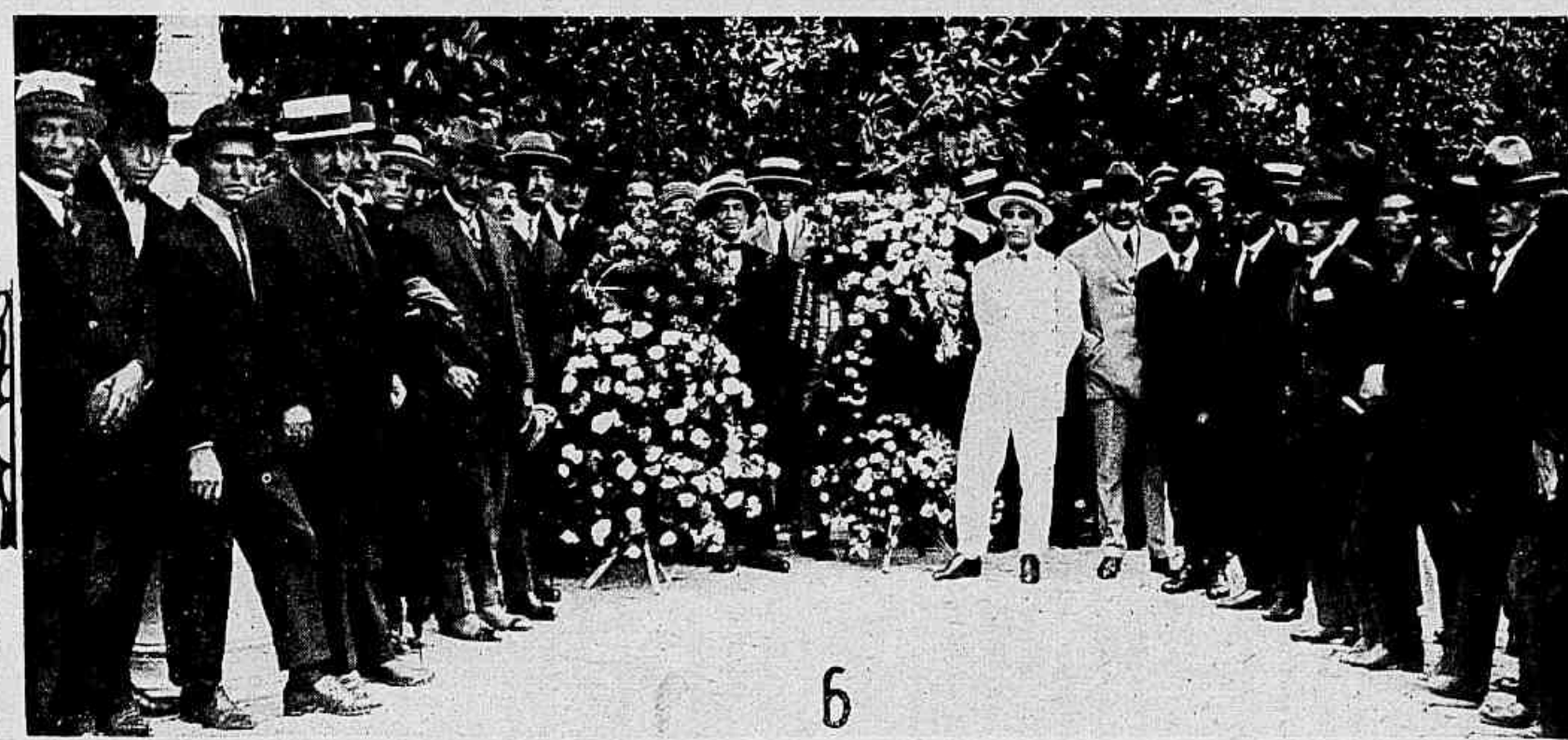
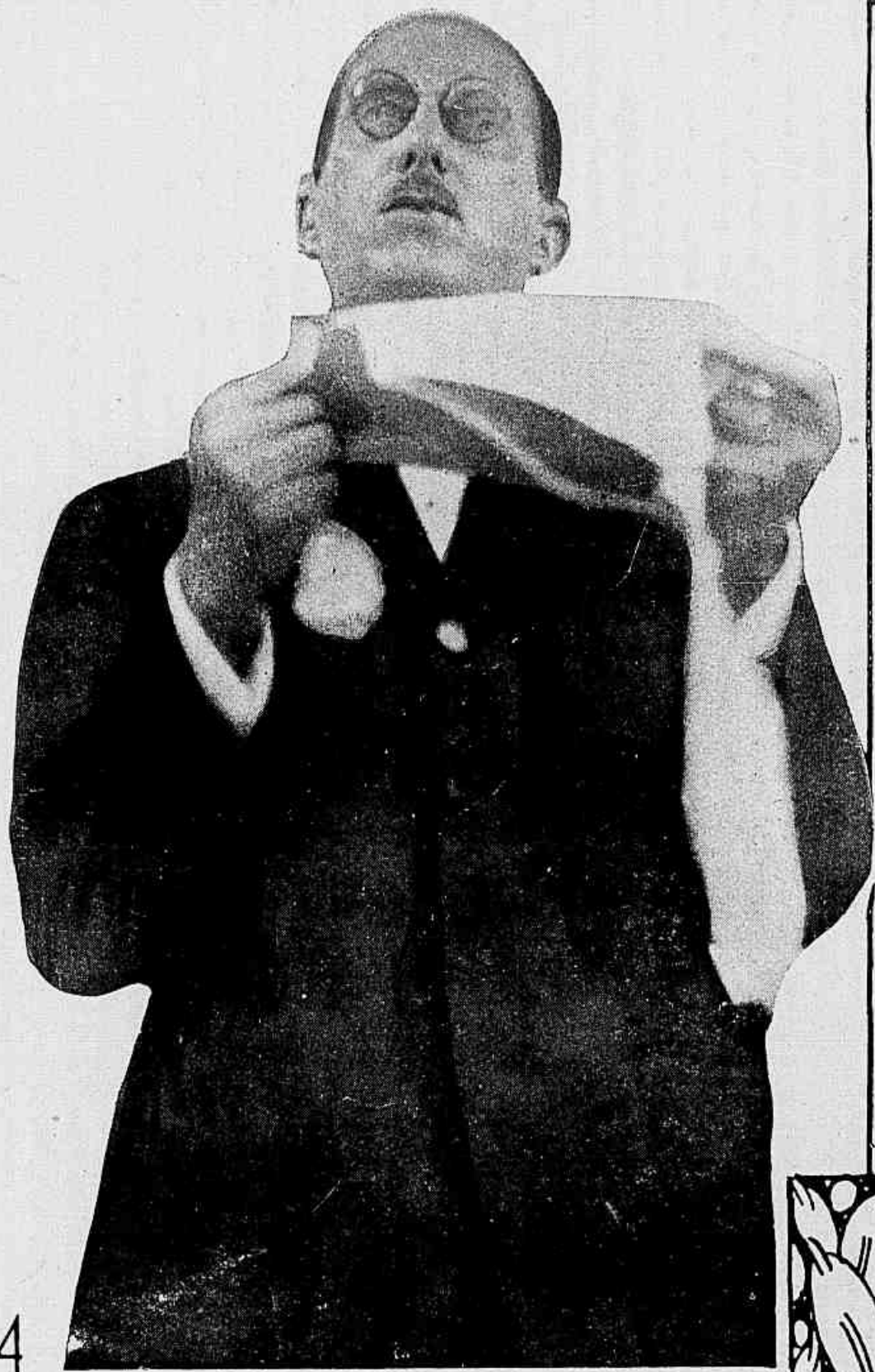
Dez mil metros a nado na Guanabara

Por iniciativa do "Jornal do Brasil" realizou-se no domingo a grande prova sportiva de 10 mil metros a nado na Guanabara. Iniciada no Sacco de São Francisco, em Nictheroy, a prova estendeu-se á ponta da Armação, vindo d'ahi á praia de Santa Luzia, em frente á Avenida Rio Branco.

As nossas gravuras mostram: 1 — A *vedetta* do Forte da Lage, vendo-se nella assignalado o sargento Marialva, da guarnição daquelle Forte, vencedor da prova, sobre os demais concorrentes que não a completaram, em 3 hs. 23', 47'' 4|5. 2 e 5 — Aspecto parcial da bahia de Guanabara durante a prova. 3 — Grupo de concorrentes. 4 — A nadadora allemã, Frida Steffens, a unica concorrente feminina. 6 — Aspecto tirado no final da prova.

A PATRIOTICA MANIFESTAÇÃO AO CHEFE DO ESTADO PELA ATTITUDE DO BRASIL EM GENEBRA

1

2

3

A alma nacional vibrou de justa gratidão á attitude que s. ex. o sr. Presidente Arthur Bernardes deu ao Brasil na Liga das Nações, attitude que nos valeu o sahirmos com a honra illesa desse congresso internacional em o qual ingressámos com honra. A justa satisfação nacional exteriorizou-se na imponente manifestação ao eminente sr. dr. Arthur Bernardes, levada-a effeito no domingo ultimo. Não cabem nesta pagina elogios á conducta do illustre chefe da Nação, nem a analyse da mesma. A *Revista da Semana*, em seu artigo da primeira pagina, aprecia convenientemente a acção patriotica de s. ex. fazendo aqui tão sómente o registro photographico da manifestação de que foi alvo o sr. Presidente da Republica, manifestação que teve o apoio moral de todos os bons brasileiros, que reconhecem no eminente chefe da Nação o verdadeiro interprete da vontade e dos ideaes nacionaes.

1—No palacio Itamaraty. O sr. ministro do Exterior em companhia do sr. prefeito do Districto Federal e familias e funccionarios das Relações Exteriores, no dia em que recebeu, para levar ás mãos do sr. Presidente da Republica, a mensagem com que esses funccionarios traduziram ao illustre chefe da Nação o seu agradecimento pela orientação que s. ex. deu á attitude do Brasil. Vê-se tambem na gravura, de branco, o sr. ministro Guerra Duval, representante do Brasil na Allemanha, que fez o discurso em nome do pessoal do Exterior. O illustre diplomata está, na photographia, por trás do sr. embaixador Oscar de

Teffé. 2 — No palacio Rio Negro, em Petropolis. Photographia feita após a entrega ao eminente chefe da Nação da mensagem dos funccionarios do Ministerio do Exterior. Na gravura, o sr. Presidente da Republica tem á direita a illustre sra. d. Clélia Bernardes, ministro do Exterior e deputado Gilberto Amado; á esquerda as senhoras Felix Pacheco e Edmundo Veiga; general Santa Cruz, senhoras Sebastião Sampaio e Joaquim Eulalio. 3 — No salão de honra do Rio Negro. Gravura feita no domingo ultimo, quando S. ex. o sr. Presidente da Republica recebeu a commissão academica, promotora da manifestação, e representantes de todas as classes sociaes, S. ex. o sr. Arthur Bernardes tem á direita o general Santa Cruz e academico José Eusebio Filho que, em nome da commissão, produziu um brilhante discurso, vivamente applaudido. 4 — O eminente sr. Arthur Bernardes lendo a sua patriotica e empolgante oração, em resposta á manifestação que lhe foi tributada pelos seus concidadãos. Nesse discurso s. ex., com fulgor e energia, justificou a orientação que em tão bôa hora, animado de civismo inquebrantavel, deu á attitude do Brasil em Genebra, attitude essa que em tudo correspondeu ás aspirações de todos os brasileiros. 5 — O palacio Rio Negro, em Petropolis, residencia de verão do sr. Presidente da Republica, onde s. ex. recebeu a justa manifestação de domingo ultimo. A nossa gravura foi tirada nesse dia, horas antes da manifestação. 6 — A commissão promotora da manifestação, em frente ao palacio Rio Negro. 7 — A grande massa popular diante do Rio Negro. 8 — As forças do Exercito, Marinha e escoteiros, e o povo, diante do palacio. 9 — Aspecto da escadaria do Palacio, vendo-se ao alto os membros da Casa Militar da Presidencia.

Convalescença

"Minha amiga

Curioso como, após uma doença grave, após se beirar o fim, a vida fascina e entedia, a um tempo.

Faço, neste meu quarto de convalescente, a redescoberta dos mil pequenos nadas da existencia, soffro velhas tristezas, sorrio a alegrias mortas.

Tudo me parece infinitamente importante e toda importancia muito relativa no mysterio de tudo...

Fico horas olhando as arvores, as flores, o bailar das sombras sobre a relva... o ceu azul... a fuga das nuvens... as estrellas... Entrego-me toda, ás vezes, ao prazer de ouvir o murmurio das ondas vindas de longe, desse horizonte que é um convite azul á viagem... e o rumorejo das frondes, tontas dos segredos que lhes traz o vento, de alem desse horizonte...

Outras vezes, minha amiga, não me bastam as maravilhas de em torno: sombras apagam resplendores; esfumam-se contornos; morrem aspectos. E fecho os olhos, para ver melhor,

Fechar os olhos para ver melhor... Não será essa, acaso, uma das mais doces apparencias de absurdo nesta vida contradictoria?...

Uma saudade... uma recordação... e palpebras descem, preguiçosas, sobre olhos scismadores e, clara, victoriosa, a visão passada destroe o presente.

A fada rainha de todas as fadas — Imaginação — cria universos vivos, estabelece circumstancias, provoca e resolve mysterios.. E age com suprema força de milagre quando o que se abandona a seu prestigio fecha os olhos para ver melhor...

Socego... sombra... silencio... e, ao embalo adormecedor desse recolhimento, um vago, mas cruel, tedio de tudo, um doloroso cançaço da paisagem de fóra, sempre a mesma dentro da mesma variedade...

E é fechar os olhos, minha amiga, e fugir para esse mundo estranho que envolve os entes quando, olhos fechados, se furtam á imagem das cousas deste estagio.

Entregar-se ao encantamento de vagas paisagens fluidas, doiradas de sol ou beijadas de luar, viçando sob a gloria escampa de céus turqueza ou sob o fausto millenar dos astros, ao sabor de nosso devaneio. Povoar cidades sem nome de vultos anonymos. Viver "en la comarca de lo soñado", "frente al castillo de la leyenda" uma intensa vida de instantes, deslembrados da vida real. Ver passar entes de outr'ora, resuscitados por feitiços de saudade; ouvir de novo, na mudez do momento, a voz poderosa que doirou de illusão uma hora de hontem. Sorrir á vida toda, sem querer; sorrir, de labios graves e olhos sérios, um sorriso interior, um desses sorrisos de magia consoladora...

E ser gloria, ventura, triumpho; ser actor da existencia e espectador — viver duas mentiras conscientemente, esquecidos das mentiras vividas sem saber...

Como, nesses instantes, a terra e a vida se apagam, afastadas de maior significação!

Destino? mágua? dever? ¡Nada realmente importa a não ser a successividade dos quadros que se seguem, amaveis e bons, para nosso intimo contentamento.

A existencia, falando verdade, vale apenas por esses instantes de magia rara, realizadores, em sonho, de todos os sonhos.

Não tenho trabalhado — (quer dizer: não tenho escripto) — mas meu pensamento se expande sem peias e eu vivo num mundo radioso de idéas onde sua intelligencia é, de quando em quando, evocada como um bem indizivelmente precioso.

Sua intelligencia... a intelligencia... A sereia da lenda, e as fadas, e os feiticeiros, e os magos symbolizam-lhe o poder sem par... Lorelei de todos os tempos, absorve e anniquila "despersonalizando dentro da personalidade". A intelligencia... realizadora da excepção, sagradora do exemplo... Não imagina, minha amiga, quanto lhe comprehendo hoje o prodigio. Nesses longos dias de isolamento, deixando meu raciocinio correr, ás tontas, pelos problemas da vida, apprendi a ver nella bondade e belleza, e ainda, minha amiga, a phrase de Sésamo que leva á alegria da comprehensão, á solidariedade consciente dentro da maravilha do universo.

"La pensée console de tout", diz um pensador; acrescentemos — mesmo de pensar.

Como quizera, minha amiga, em nome desse consolo, despertar todos os intelligentes (não sorria deste plural nababesco) ao dever do pensamento escripto, ao dever de offertar aos vivos "le sang de leur pensée".

Após o repouso intellectual que lhe vai reconquistar a saude, falaremos desse divino sacrificio.

Extranho como os que chegam á quasi agonia, e o acaso rouba á morte, olham a vida...

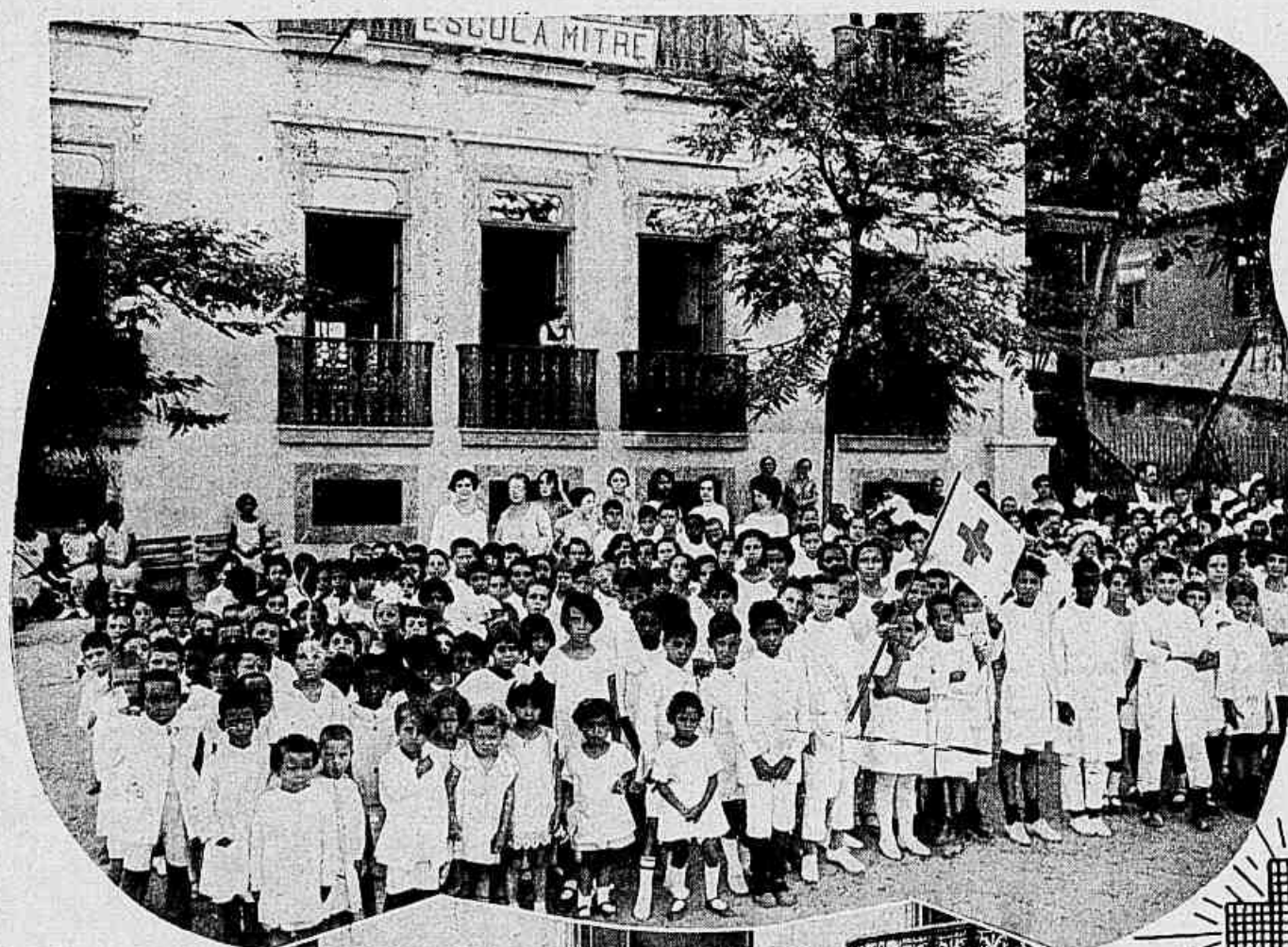
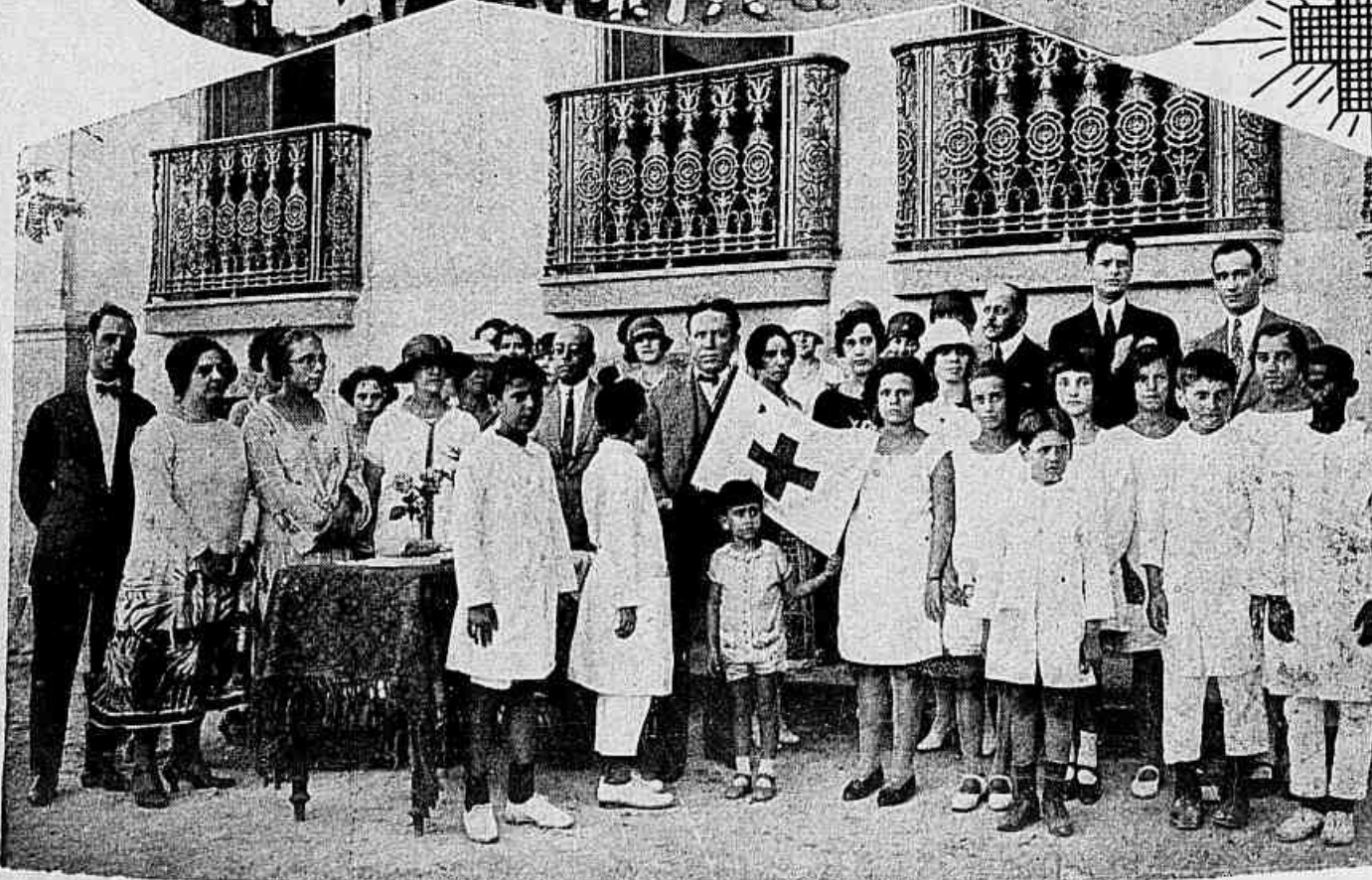
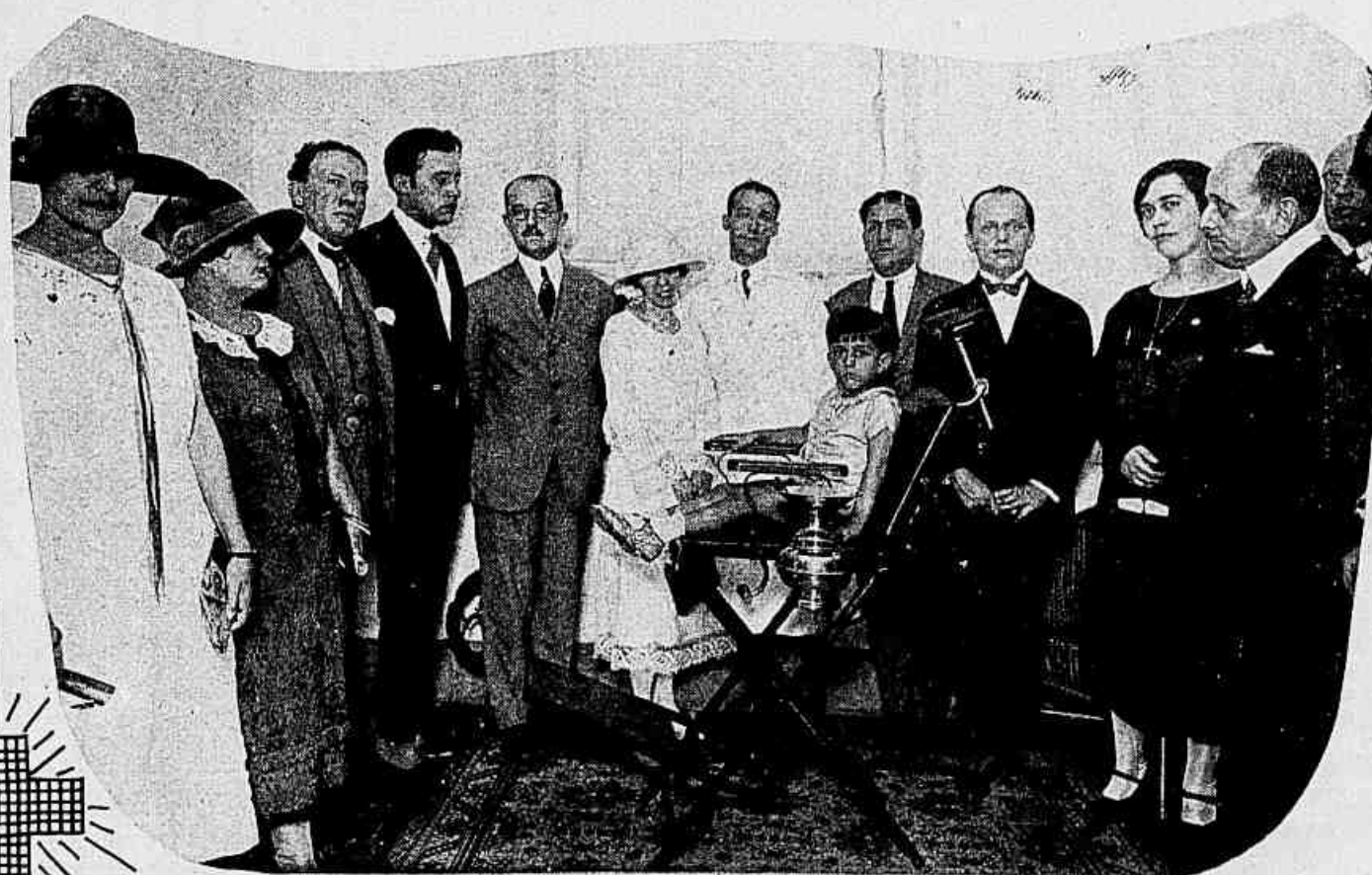
Haverá mais resignação ás cousas da terra ou mais rebeldia (tranquilla de tão consciente da propria inutilidade) nessa nova interpretação de tudo? Não lh'o saberia dizer ao certo; o que lhe não posso calar é a maneira por que acovarda. Meu desencanto de hoje não é mais o corajoso desencanto de que me fala sua carta, mas um desencanto interior, cheio de tristeza e desanimo. Destroe todo poder de reacção, apaga toda força de lucta e desnorteia com a ante-visão da derrota; e traz, em meio da convalescença, uma indiscutivel saudade dos instantes de agonia passados, do silencio que envolve, em doçura, toda agonia.

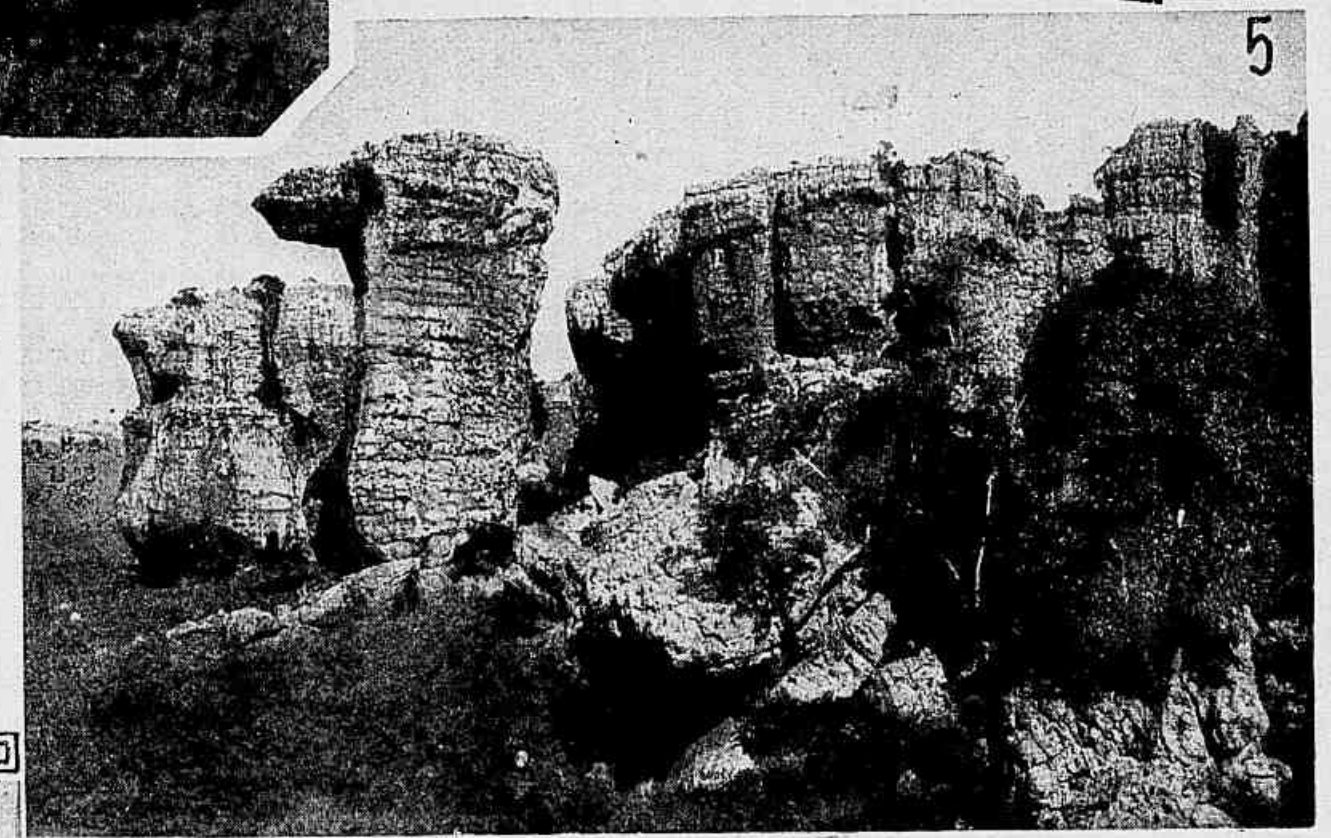
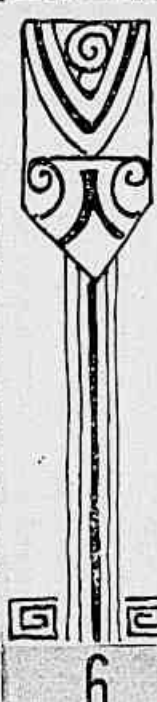
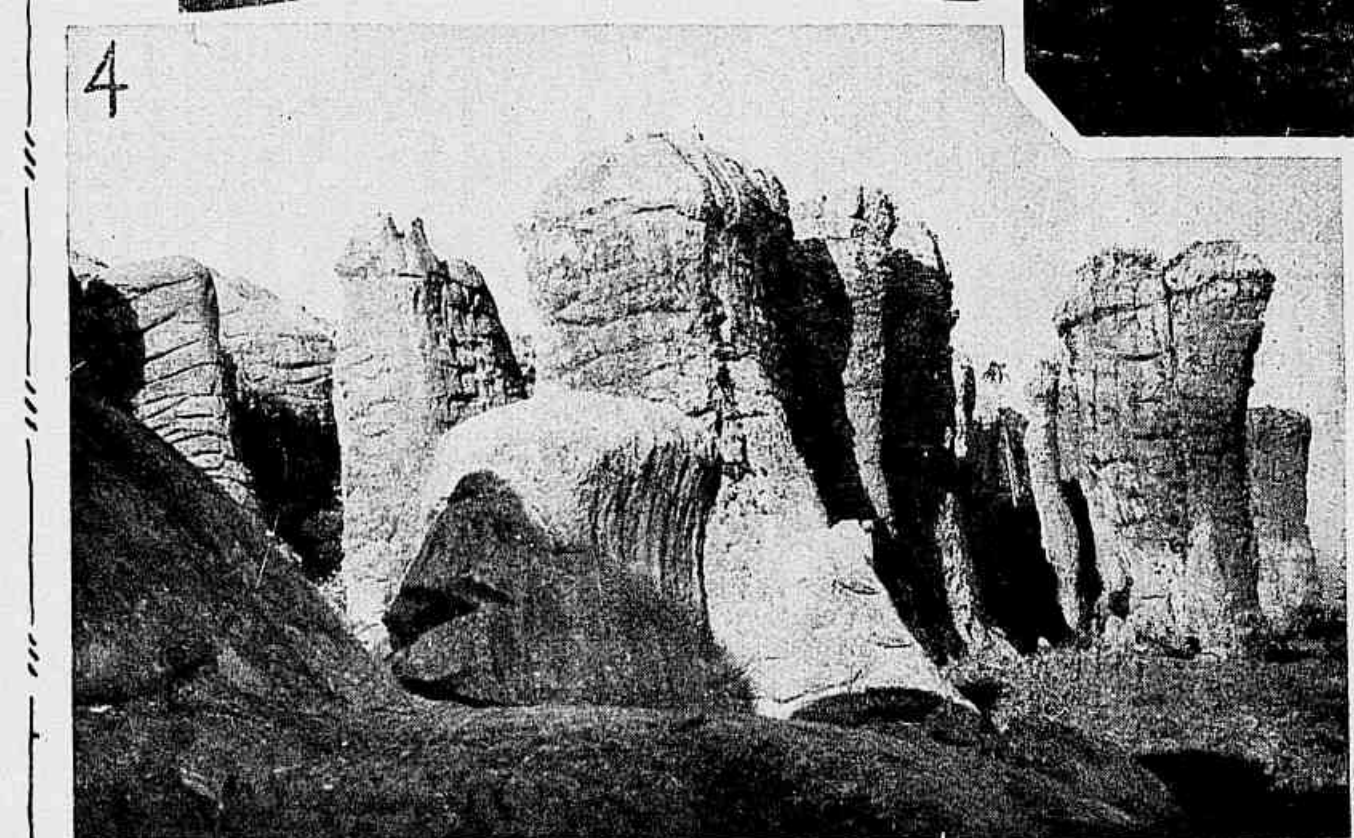
E' quasi humano esse silencio. Nelle ha dedos imponderaveis que nos baixam as palpebras cançadas sobre os olhos ardentes, dedos de arminho e de seda. Nelle ha braços que embalam adormindo máguas. Elle isola de tudo, de todos, num mundo feito de sombra e paz... Talvez o segredo de sua magia esteja nesse prodigio de isolar da vida dentro da propria vida.

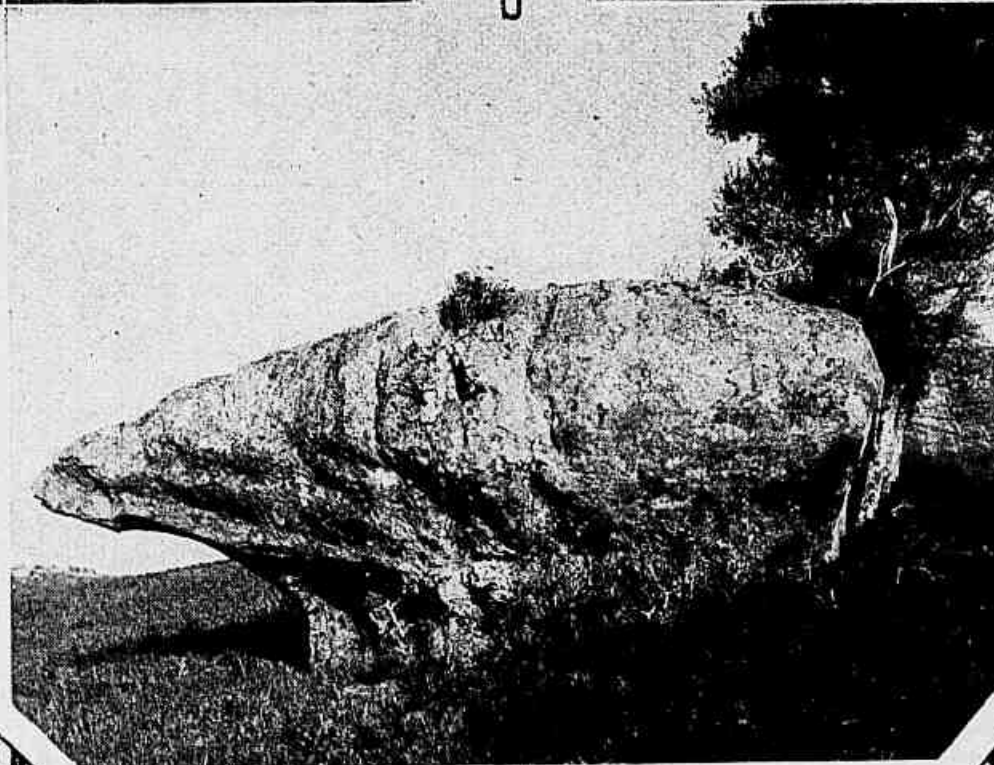
Não pensar... não sentir... quasi não ser... é o paradoxo final das naus...

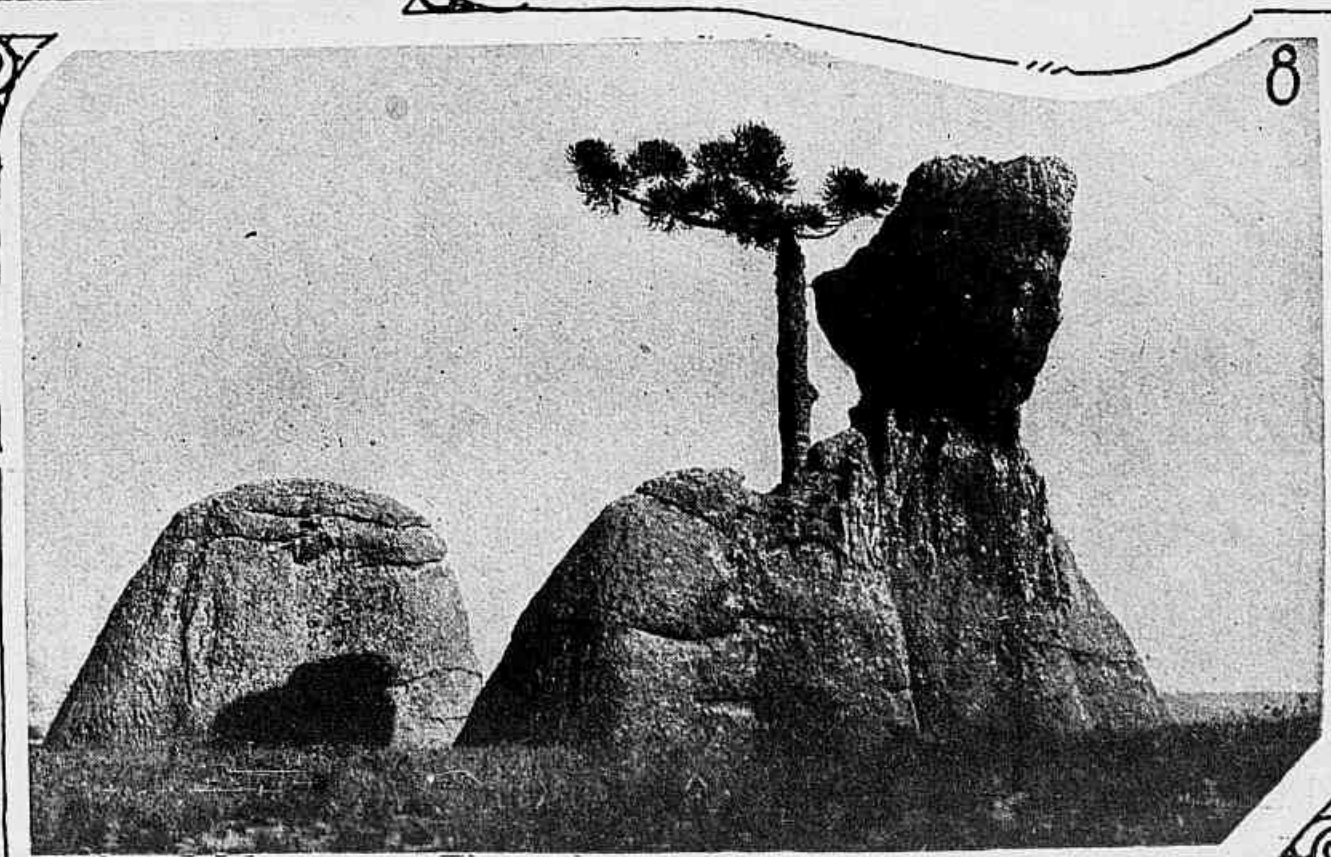
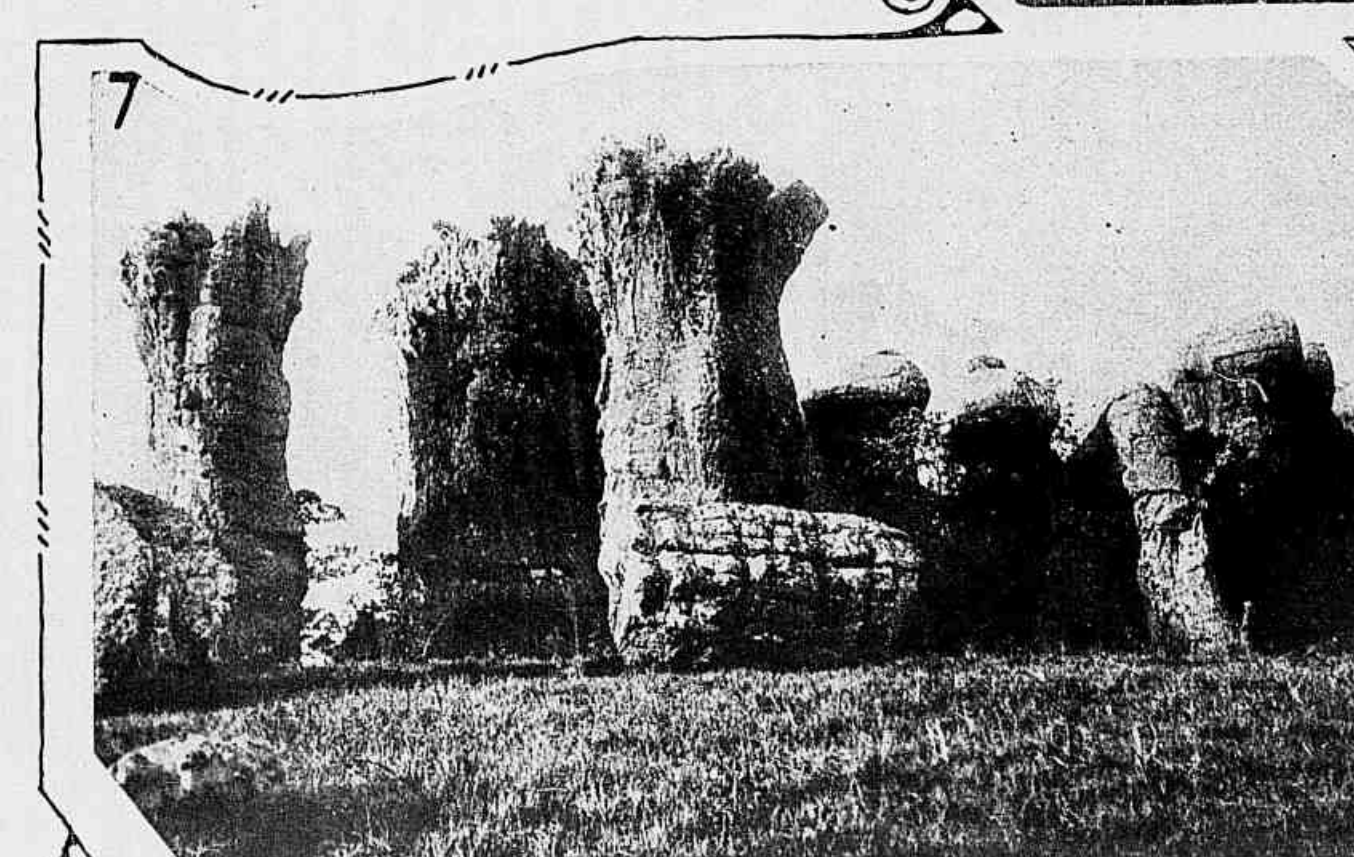
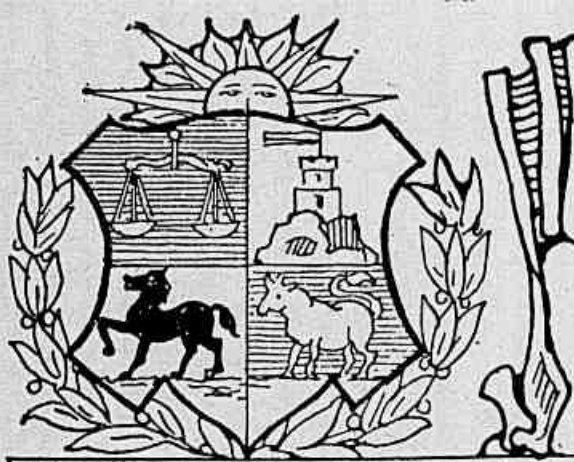
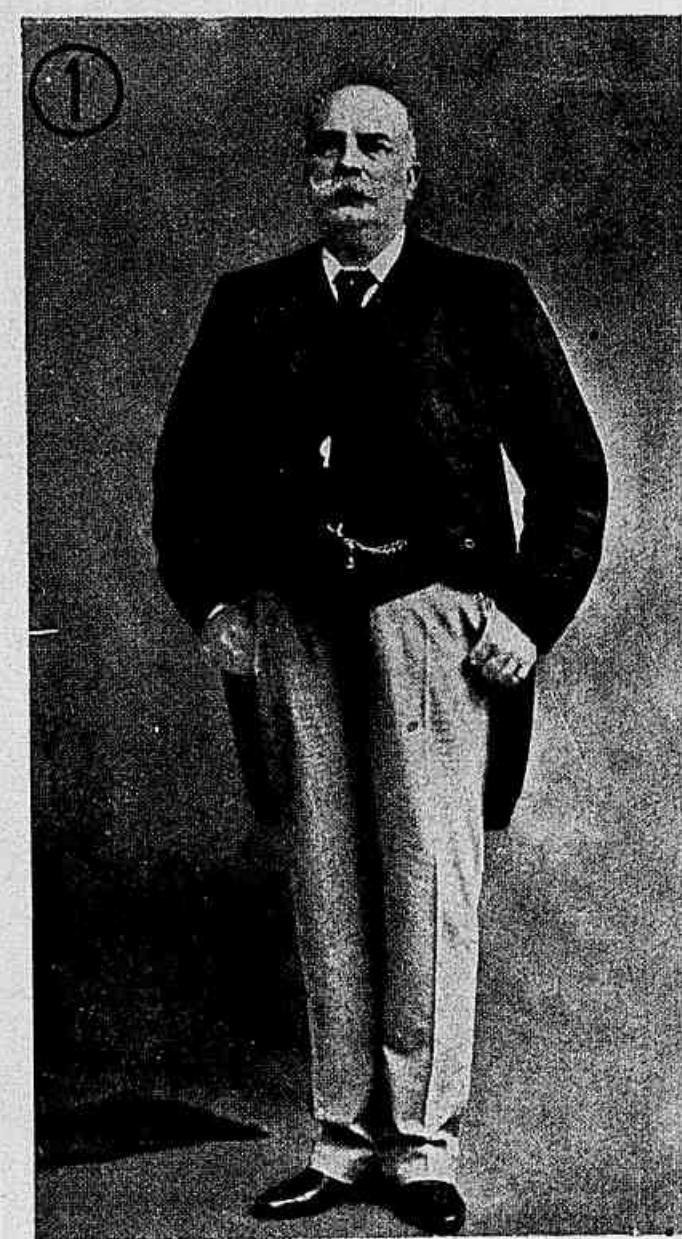
Como adivinho seu sorriso!... A intelligencia e a inacção seduzindo, por força de contraste... Falando verdade, é um enygma vivo a alma de

Gloria"

Rosalina Coelho Lisboa

Cruz Vermelha Juvenil

Aspectos tirados nas Escolas Prefeito Alvim e Mitre na sexta-feira transacta, por occasião da installação da Secção Juvenil da Cruz Vermelha e da Assistencia Dentaria escolar. Vêem-se nas gravuras, entre as auctoridades municipaes, os srs. dr. Frederico Eyer, presidente da Assistencia Dentaria Infantil; dr. Getulio dos Santos, secretario geral da Cruz Vermelha Brasileira; dr. Alexandrino Agra, nosso prezado companheiro; dr. Virgilio Varzea, escriptor e inspector escolar.

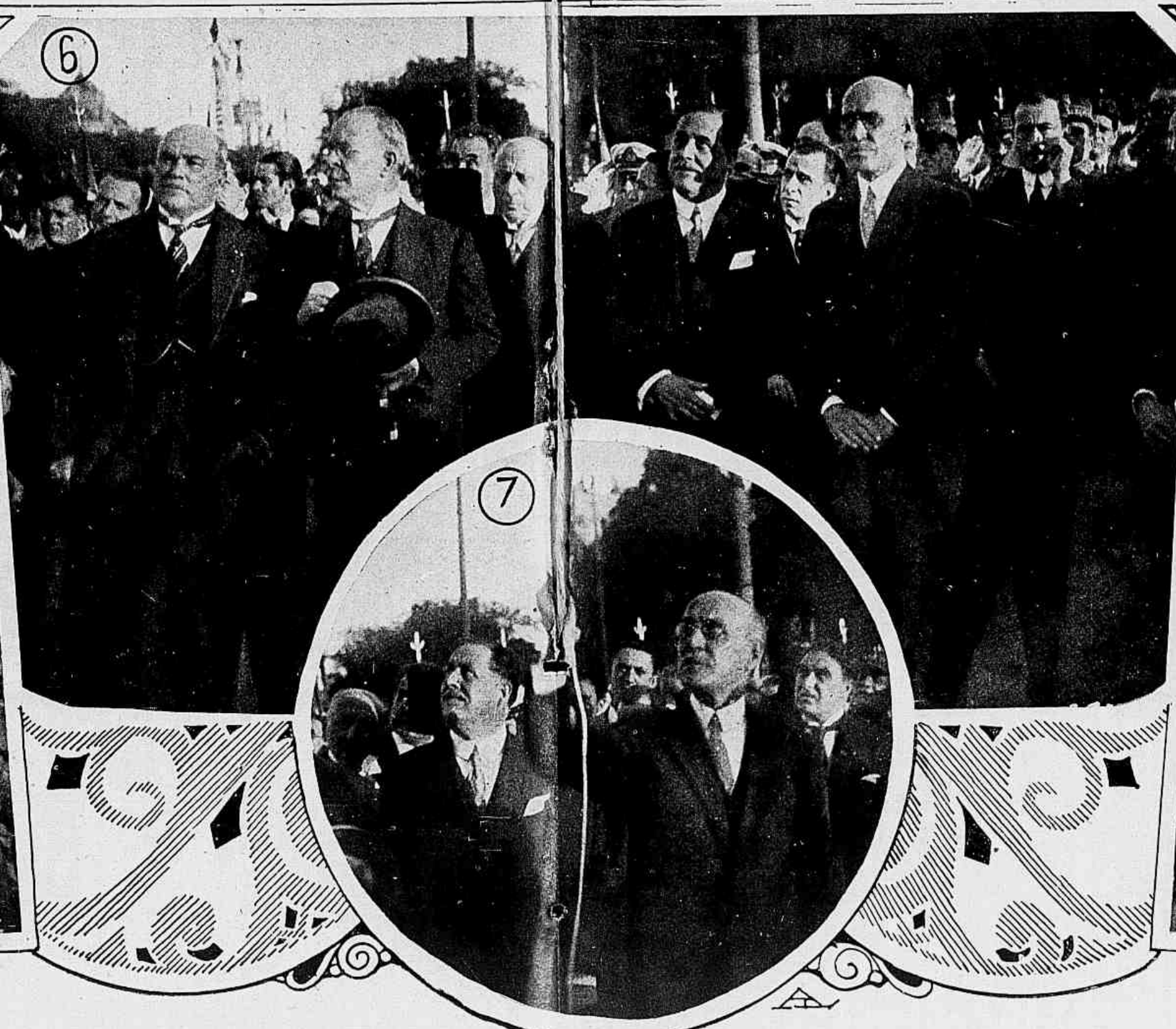
Os monumentos da natureza no Paraná

A Villa Velha (monumentos de pedra gres) está situada no Estado do Paraná entre Curityba e Ponta Grossa, na margem da ferrovia que liga estas duas cidades. Da capital dista 180 kilometros e da cidade do interior 24 kilometros apenas. Viajando na ferrovia que liga as duas cidades, descortina-se perfeitamente essa maravilha encravada em nosso territorio. Póde-se tomar um auto em Ponta Grossa e com uma hora mais ou menos chegar a Villa Velha. Entretanto, o meio mais facil e economico é desembarcar em Desvio Ribas, a 20 kilometros de Ponta Grossa, e dirigir-se para esse bello conjuncto em carros ou mesmo a pé, pois a distancia é pequena, 6 kilometros apenas.

Villa Velha, que já foi morada dos indios Corôados, está situada no cume de uma colina verdejante e se estende de Leste para Oeste numa distancia de 2.000 metros, tendo de largura 400 a 500 metros. Em geral o conjuncto tem 30 metros de altura. Existem blocos separados do conjuncto geral e têm elles os mais variados e interessantes typos que até parecem obras de homens primitivos. O bloco mais bello e curioso é, sem duvida, a Esphinge (fig. 8) que vista de differentes pontos nos dá os mais variados aspectos. Ao seu lado ergue-se imponente—como uma taça saudando a natureza—o pinheiro paranaense. Até os tumulos caracteristicos dos phenicios estão ahi como a desafiar a sua origem. Pois que Villa Velha nos faz lembrar qualquer cousa de mysterioso...

A amphora (fig. 2) tambem é um monumento que nos faz pensar. Está situada numa extremidade, formando um angulo. O pulpito (fig. 5) destaca-se, como se pode ver na gravura do conjuncto; visto de perto, elle toma uma forma diversa, parece-se com um pato ou avestruz. Interessante é o hippopotamo; está situado na frente do conjuncto geral (fig. 6) e dá a entender que é o guarda eterno dessa obra da natureza. A figura 3 nos mostra tambem um monumento; parece a base de um grupo allegorico que foi arrancado. Pode-se ver a silhueta de um homem para mostrar a grandiosidade desse bloco. O grupo (fig. 7) das torres do castello tambem são de uma altura elevada (veja figura homem). Uma via em ruinas (fig. 1) nos faz lembrar Kardapia ou Pompeia... O conjuncto principal (fig. 4), quasi todo ligado, parece os muros fortificados de uma cidade antiga; ahi nada falta, torres, muralhas grandes e pequenas, escoteiras, etc. Esse conjuncto é cortado em seu interior por innumeras ruas, praças, algumas arborizadas, que se cruzam em diversos pontos, dando idéa de uma grande cidade abandonada nos tempos pre-historicos. Emfim, para terminar, diremos que o touriste que visitar o Paraná, depois de se extasiar com os lindos panoramas da mais bella ferrovia do mundo, poderá contemplar Villa Velha, completando assim a sua excursão na cidade dos monumentos naturaes.

(Photos de J. B. Groff, da "Groff-Film de Curityba").

O URUGUAY Á MEMORIA DE RIO BRANCO

A figura grandiosa e empolgante do Barão do Rio Branco, figura de estadista notavel e de diplomata incomparavel, culminou no Brasil com fulgor immenso, porque Rio Branco foi o homem de tempera inquebrantavel e de tino maravilhoso que conseguiu, sem sangue, resolver todas as velhas questões de limites da nossa Patria com as nações visinhas. Animou-o sempre a melhor liberalidade e o mais radioso sentimento de confraternisação, de tal sorte que o grande chanceller se tornou amado fóra do seu paiz, conseguindo a sympathia das Republicas do continente.

Entre todas, porém, o Uruguay jamais desmentiu o seu grande affecto, a sua immensa sympathia a Rio Branco. A Republica irmã vibra sempre num louvavel movimento de gratidão áquelle que estabeleceu o condominio brasileiro-uruguayo na lagôa Mirim, reconhecendo os direitos dos nossos leaes amigos ás aguas até então exclusivamente brasileiras.

O Uruguay vem periodicamente demonstrando a sua veneração á memoria de Rio Branco e agora, num gesto de altissima significação, dá-lhe a perpetuidade num monumento de arrojada e linda concepção, que é mais um marco a falar da amizade jamais desmentida que une os dois povos em estreita communhão de vistas. Montevidéo, a formosa e grande capital platina, inaugurou a 11 do corrente esse monumento, e a "Revista da Semana" reproduz aqui aspectos varios da solemnidade, devidos á gentileza do nosso illustre ministro no Uruguay, dr. Nabuco de Gouvêa, genro do saudoso Barão do Rio Branco.

1 — O barão do Rio Branco, o grande estadista brasileiro cuja memoria o Uruguay acaba de perpetuar em um monumento. 2 — Aspecto do monumento a Rio Branco, em Montevidéo, momentos antes da sua inauguração. 3 — Perspectiva do monumento, na occasião em que foi inaugurado. 4 — O sr. Presidente da Republica irmã, altas autoridades uruguyas e representação brasileira, no momento em que durante a solemnidade se ouviam os hymnos brasileiro e uruguayo. 5 — Aspecto da Avenida Brasil, em Montevidéo, onde foi inaugurado o monumento. Aspecto tirado durante a solemnidade. 6 — O mundo official, vendo-se no primeiro plano, da esquerda para a direita os srs. Nabuco de Gouvêa, ministro do Brasil; Williams, ex-Presidente da Republica; Compostegui, Conselheiro Nacional; Alberto Herrera, Presidente do Conselho; S. ex. o sr. Presidente Serrato, eminente Chefe da Nação Uruguaya; deputado Manini Rios. 7 — S. Ex. o sr. Presidente Serrato descobrindo o monumento. 8 — Outubro aspecto do monumento, de autoria do esculptor Pablo Mañé (Hijo), no momento da inauguração.

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 27 — a senhorinha Lucilia de Pinho Loureiro; a menina Isolete Alves de Araujo Bastos; o travesso Roberto, filhinho do coronel Antonio Alves Torres; o eminente professor Miguel Couto; o ministro Camillo Soares; os drs. Francisco Pereira Lessa e Alvaro de Paula Guimarães.

No dia 28 — a senhora Custodio Martins; as senhorinhas Mercedes Alvares Portella, Helena de Carvalho e Marina Rudge; a galante petiza Ivonne Tavares Proença; os drs. Leonardo Rangel Sampaio, Fabio Lino Ramos e Manoel Gomes Alvares; o brilhante clinico dr. Aprigio do Rego Lopes.

No dia 29 — a senhora João Eyer; a formosa Georgina, filhinha do brilhante jornalista Georgino Avelino, director do *Rio Jornal*; o marechal Feliciano de Souza Aguiar; o joven Luiz Fernando, filho do distincto escriptor Oscar Lopes.

No dia 30 — as senhoras Villar Brasil, Martins Costa e Souza Rangel; as senhorinhas Ilda de Paula Autran e Julia Moritz Hauer.

No dia 31 — a sra. Olga Moret; as senhorinhas Ophelia Pereira de Souza, Lucy de Vasconcellos, Lourdes Gustavo de Freitas, Jurandyr Cardoso e Lucilia Eduardo de Faria; o dr. Helvecio Gusmão; o notavel litterato e academico Conde de Affonso Celso; o jornalista Marques Pinheiro; a graciosa Déa Smith de Vasconcellos; o festejado theatrologo Renato Vianna; o sr. Martinho Lauriére, nosso antigo companheiro.

No dia 1 — as senhoras Avellar Brandão, Maria Victoria da Costa Corrêa e Porfirio Lodi Batalha; as senhorinhas Julieta Amorim Caldas, Zizi Firmo Moura, Alfredina Ravasco e Yedda Chiabotto; o deputado Arthur Lemos; o dr. Deodato Villela dos Santos; o coronel José Avila Raposo; o dr. Orlando Rangel.

No dia 2 — a sra. viuva Tito Augusto Portocarrero; a senhorinha Dina de Oliveira Mello; a menina Edith Zagari Leitão; o dr. Lemgruber Filho; o general Luiz Barbedo, figura do maior e mais brilhante realce no exercito brasileiro; o dr. Antonio Passos.

NOIVADOS

— a senhorinha Josepha Ignez Bégar e o esculptor Armando Magalhães Corrêa;
— a senhorinha Gilda de Oliveira e o sr. Velpho Baptista de Assis;
— a senhorinha Ondina Dias e o dr. Carlos de Noronha Guimarães;
— a senhorinha Cecilia Monteiro de Souza e o sr. Pery do Guarany e Silva.

Em Florianopolis:

— a senhorinha Mariechen Bulcão Vianna, da alta sociedade catharinense, e o dr. Victor Konder, secretario da Fazenda do Estado.

CASAMENTOS

— a senhorinha Doracy Aguiar da Rocha e o sr. Washington Aguiar;
— a senhorinha Olga de Oliveira Araujo e o sr. Henrique Diogenes de Freitas;
— a senhorinha Luiza Jordan e o industrial Frederico Domenick;
— a senhorinha Noemia Dias da Cruz e o dr. Ivo Alencar Palhares;
— a senhorinha Iolanda de Souza Leite e o sr. Nelson Fernandes Marinho;
— a senhorinha Ottilia Hack e o sr. Agamemnon Serôa da Motta;
— a senhorinha Celeste Dantas e o dr. Adalberto Botelho Figueiredo;
— a senhorinha Alcidia Gomes de Oliveira e o industrial Leopoldo Martins Filho;
— a senhorinha Ondina Dias e o sr. Alfredo Corrêa de Lemos.

DIPLOMATAS

A semana passada o embaixador Morgan offereceu na séde da embaixada um almoço, que teve o maior brilho, em honra dos Marquezes de Carisbrook.

Tomaram logar na mesa, que estava lindamente ornamentada de orchideas, o embaixador da Inglaterra, lady e senhorinha Alston, principe e princeza de Orleans e Bragança, senhora e sr. Hanan, sra. Rosalina Coelho Lisboa Rademaker, sr. Silva Costa, captain Michel, sr. Hyde, sr. Pretyman, secretario da Marinha ingleza durante a guerra, e sr. Ramsay, encarregado de negocios da Inglaterra.

*

Outra reunião igualmente brilhante foi que o illustre ministro do Perú e senhora Maurtua offereceram, sabbado passado, em sua residencia ao casal Aljovin.

Essa esplendida reunião constou de um jantar a que se seguiu uma hora de musica e declamação.

Estiveram presentes: o ministro do Exterior e sra. Felix Pacheco, sr. embaixador da Argentina e sra. Mora y Araujo, sr. conde Affonso Celso, sr. ministro de Cuba, secretario do Perú e senhora, sra. Rosalina Coelho Lisbôa, sr. Candido de Campos.

A gentil senhorinha Angelica de Souza Garcia, filha do saudoso desembargador Abel de Souza Garcia.

OS QUE VIAJAM...

Deixaram o Rio: — o dr. Rogerio Zamith de Souza que foi á Europa; o dr. Victor Nogueira Reis, que vae á Bahia; o dr. Amancio Nunes Corrêa, tambem para a Bahia; o casal dr. Americo Amority de Castro, para o Norte; o general Buchalet, da missão franceza, que partiu para Marselha; a sra. Francklin Sampaio e filha, para a Europa.

Chegaram ao Rio: — o dr. Alfredo de Souza Braga, procedente da Europa; o casal Jayme dos Santos Vieira, tambem da Europa; o dr. Oswaldo Murte Barreto e familia, chegados do Velho Mundo; o industrial Cesar Lemos de Amorim, chegado de Santos; o negociante Milton de Souza Carvalho, que regressa da Europa; os deputados Prado Lopes, vindo do Pará, e Collares Moreira, de Pernambuco; o dr. Isaias Raffalovich; o dr. Nelson de Andrade Magalhães, de Buenos-Aires; o dr. Sebastião Mattos Lisbôa e familia, procedentes da Europa; o sr. Alfredo da Silva Lopes, de Pernambuco; o dr. Hugo Dias Martins, vindo de Buenos Aires; o dr. Godofredo de Almeida e Silva procedente da Europa o capitalista Luiz Dermeval da Silveira, chegado tambem da Europa.

*

Acha-se no Rio, procedente de Recife, o dr. Amaury de Medeiros, director dos serviços de hygiene em Pernambuco.

O illustre viajante, cuja actuação no departamento que superintende tem sido das mais notaveis, teve um desembarque concorridissimo.

MUSICA

Com uma concorrencia notavel, realisou o seu primeiro concerto da serie deste anno a Sociedade de Cultura Musical.

Essa esplendida e elegante hora de arte teve logar, domingo ultimo, á tarde, no salão do Instituto Nacional de Musica com um apreciavel e bem cuidado programma.

VERANISTAS

Para Theresopolis: — o casal José Gaspar da Rocha.

*

Para Cambuquira: — as senhorinhas Guaraciaba e Palmyra Leal Alves.

*

Para Friburgo: — o casal Otto Eichmick.

*

Para Vassouras: — o casal Fabio Carneiro de Mendonça.

*

Para S. Lourenço: — o dr. Oswaldo Dick e familia: a sra. Vina Soares e filha; o sr. Rodrigo Octavio Pinheiro e familia.

*

Para Caxambú: — o dr. Aarão Reis e filha.

*

De Lambary: — o dr. José Burlamaqui e filhas.

*

De Caxambú: — o sr. Henrique Mangia e familia.

*

Petropolis despovoa-se.

Muitos têm sido os veranistas que têm abandonado a risonha cidade serrana, para seguirem para Caxambú, Cambuquira, S. Lourenço e Lambary.

Da mesma forma se dá com Friburgo e Theresopolis, que já se sentem tristes e sem movimento.

E assim, despovoando-se as serras, ganham alegria e movimento as estações de aguas.

*

Em Caxambú a estação prosegue movimentadissima e alegre. Festas todos os dias e em todos os hoteis. A procura de quartos pelos hoteis são diarias e todos elles já se acham cheios.

Os aquaticos têm sido felizes, pois os dias correm magnificos, sem chuva, sempre claros e frescos. As noites tambem são lindas, sempre enluaradas.

Passeia-se a qualquer hora, até mesmo á noite os aquaticos improvisam passeios e sáem aos bandos.

Os salões dos hoteis Palace, Avenida e Caxambú vivem cheios de alegria e de gente.

*

A semana ultima, Caxambú viveu dias maravilhosos de festas. Além das festas dos hoteis, duas se salientaram pela forma como foram organisadas.

A primeira foi uma grande *garden party*, que um grupo de illustres damas veranistas, patrocinadas pelas sras. viuva Luiz Paulino Soares dos Santos e Maria Amelia Soares dos Santos, organizaram em favor da Santa Casa da Misericordia d'aquella cidade.

A linda festa teve logar no Parque das Aguas e correu movimentadissima e encantadora, até á noite.

A segunda foi um grande jantar seguido de baile, que os proprietarios do hotel Avenida deram para obsequiar seus hospedes. A meza foi ornamentada com gosto; toda ella armada em arcadas de bambús todos enguirlandados de cravos e bambús japonezes illuminados de diversas cores, dava um aspecto soberbo ao salão de jantar.

Após o jantar que correu alegrissimo seguiu-se o baile noite em fóra, com grande animação.

EM BENEFICIO

A sociedade carioca, terá amanhã motivo para uma elegante reunião.

E' a sra. Elza van Lacken, distincta cantora belga, que realisará, á tarde, no casino-theatro do Copacabana um recital em beneficio dos inundados da Belgica para o qual organisou um magnifico programma.

BAILES

E' hoje que o Club Central de Nictheroy, a fina sociedade nictheroiense, abre os seus magnificos e amplos salões para sua annunciada *soirée* dansante, dedicada aos seus associados.

*

Os dois grandes bailes que o Hotel Gloria e o Club Gymnastico preparam para sabbado de Alleluia estão sendo esperados com a maior ansiedade pelo nosso grande mundo.

Para o do Gloria estão sendo preparadas muitas surpresas e promette ser brilhantissimo.

BABIES

O casal Ilka Thompson Saavedra—Daltro Saavedra, têm o seu lar em festa, com o nascimento de sua primogenita, uma linda e robusta garotinha, que recebeu o nome de Nelly.

RECEPÇÕES DE ANNIVERSARIO

No dia 15 — a distincta senhorinha Maria Luiza da Costa Guimarães, que offereceu ás suas amigas uma recepção encantadora.

M.D.

CARNET

Meu amigo:

Prometti-lhe noticias da vida de Friburgo; mas Friburgo tem apenas a vida que os veranistas lhe emprestam, ella vive no silencio de um sonho de porvir ou da saudade de um passado.

Visitei-a nos seus arrabaldes — lindos pela exuberancia da sua natureza, auxiliada um pouco pela mão do homem. Tenho a impressão de que esse explendor apathisa os seres, que se deixam ficar no extase das contemplação.

Visitei tambem a tradicional fonte dos "Suspiros" com as suas tres aguas: — "Amor", "Ciume" e "Saudade".

Disse-nos o "chauffeur" que essas aguas são miraculosas e que quem as bebe volta forçosamente.

Friburgo é um logar de repouso, com bonitos edificios, mas que só se anima com os veranistas — bando travesso de andorinhas que foge aos primeiros prenuncios do frio.

Mostraram-me diversas pessôas que ali reviveram e eu ao olhal-a num ultimo aspecto do dia em que parti, tão florida dos mais lindos cravos e de bôa gente, tive a impressão de ser uma terra sagrada.

Ali tambem está o Sanatorio Naval, majestoso laboratorio aonde o Sol vehicúla a seiva da Natureza para os nossos marujos.

Adeus meu amigo e até breve; saudades da

Maria de Lourdes.

Aspecto tirado na residencia do brilhante jurisconsulto dr. Bento de Faria, illustre ministro do Supremo Tribunal Federal, por occasião do casamento da sua gentil filha, senhorinha Iracema, com o sr. Livio de Paula Rabello. Ao centro, os noivos, ladeados pelos srs. ministros Bento de Faria e André Cavalcanti, presidente do Supremo Tribunal.

O que pensa a mulher brasileira da moda e da dansa

SRA. ANNA AMELIA CARNEIRO DE MENDONÇA. — Auctora de «Esperanças» (versos) e «Alma» (versos) E' collaboradora de «O Globo».

Napoleão tinha, com o seu genio de guerreiro, algo de humorista e quando, de uma feita, lhe perguntaram se dansava a aguia de Austerlitz respondeu que fazia os outros dansarem... O exilado de Santa Helena concorria, pois, de um certo modo, para a dansa, sob o seu ponto de vista todo pessoal. Outros haverá que nem isso praticam: não dansam nem fazem dansar.

Nesta secção, cujo successo tem sido desvanecedor, não se trata dos que se definem como Napoleão nem dos que se conservam alheios á materialização do rhythmo. A dansa, aqui, como a moda, tem de ser apreciada... mesmo pelos que não a apreciam. As minhas gentis convidadas dizem o que pensam; umas fazendo a apologia e outras maldizendo da dansa.

Que importa?

Desde que o mundo é mundo, sempre pairou sobre a mentira da vida terrena a sabedoria dos aphorismos. Cada cabeça, cada sentença... E' isso mesmo! Pobre da dansa! Como a apedrejam uns, como a glorificam outros!

E eu? Eu fico, como se não tivesse opinião, commodamente encastellada no meu mutismo, ouvindo a opinião das outras...

Heloisa Lentz

Sra. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

As modas de hoje... as dansas de hoje... Como dizer promptamente o que penso a respeito, se são coisas em que não penso?

O melhor é pensar um pouco...

Sobre modas a verdade é que já tenho pensado. Todas nós, por menos faceiras que sejamos, temos sempre que pensar em modas.

Acho a moda de hoje bem de accordo com a attitude da mulher de hoje: simples na apparencia um tanto masculina — mais difficil, porém, de ser mantida com verdadeira elegancia.

Antigamente a moda era mais complicada de enfeites e de feitios, mas como idéa era facil e impessoal. A moda governava a mulher que, para ser chic, não tinha mais que obedecer cegamente ás suas leis. Hoje, a mulher começa a governar a moda; com as linhas sobrias e os detalhes exquisitos, a mulher realmente fina se denuncia á primeira vista. E' a moda da collaboração individual da mulher que age por si; é a vaidade, que não muda, adornando de forma nova a mulher que mudou.

Quanto ás dansas modernas...

Sim, é preciso pensar nellas para poder dizer alguma coisa.

Qual! positivamente não consigo pensar nas dansas modernas...

Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

SENHORINHA MARIA SABINA DE ALBUQUERQUE. — Autora de «Na penumbra do Sonho» e «Agua dormente» (livro de versos).

A moda actual parece
graciosa, leve, gentil;
a roda reapparece
e a saia logo se esquece
de que ha pouco era um funil.

Não são longos realmente
os vestidos da Estação;
mas, de maneira insistente,
não sei porque tanta gente
condemna a nova creação!

Nos aureos tempos de outr'ora
mostrar a ponta do pé
não ousava uma senhora
que acha tão simples agora
usar a moda como é.

Naquelle tempo passado
os vestidos actuaes
teriam escandalisado
todo o mundo ajuizado
por serem curtos demais.

Mas hoje as pernas mostradas
ficaram tão naturaes
que só de novo veladas
talvez fiquem complicadas
deixando de ser banaes...

Guardando certa medida
não os condemno afinal.
Tudo muda nesta vida:
até a saia comprida
nos dominios da moral.

A dansa cheia de graça
que entrelaça,
vários pares num salão,
sendo alegre e delicada
deve ser leve e ritmada
ao bater de um coração

Mas a dansa que enlouquece,
que entontece
ao ruido doido do *jazz*
perdeu a suave fragancia
e o requinte de elegancia
do tempo que fica atraz...

Apenas de quando em quando,
ondulando
passa um "tango" no salão
e deslisam lento e lento
ressuscitando um momento
toda a graça e a distincção.

Maria Sabina

E se um par vem num confuso
parafuso
deslisando para mim,
penso que não é dagora,
e que nos tempos de outr'ora
dansaram valsas assim.

A dansa modernisada,
complicada,
em si propria o mal não traz.
Ha muita gente direita
que sem dansar contrafeita
em "cola" não torna o "jazz"!

Neste prazer innocente
simplesmente
medida deveis guardar:
nunca foi crime pesado
num salão bem "encerado"
alegremente dansar!

Maria Sabina

Adolphe Willette

Auto-retrato de Willette (pastel).

A MORTE de Pierrot! Quantas vezes Willette sentiria, a querer sahir-lhe do lapis ou do pincel, a scena macabra, tragica do mascarado moribundo, ou a suave ascensão do pallido sonhador terio dos bellos parques aristocraticos... Colombina, irreverente e popular, com uma graça tantas vezes encantadora e sempre farfalhante, espalhava alli a alegria da sua mocidade, com as saias arrepanhadas pelo vento da Collina e mandando, com um pontapé, pelos ares todos os preconceitos. Os seus dominios estendiam-se do quartinho da casa de commodos ás arvores do cemiterio que, com as azas do Moulin de la Galette, bastavam aos seus devaneios campestres...

«E' duro de matar, um Amor. Mas sempre se consegue com uma bôa garrafa».

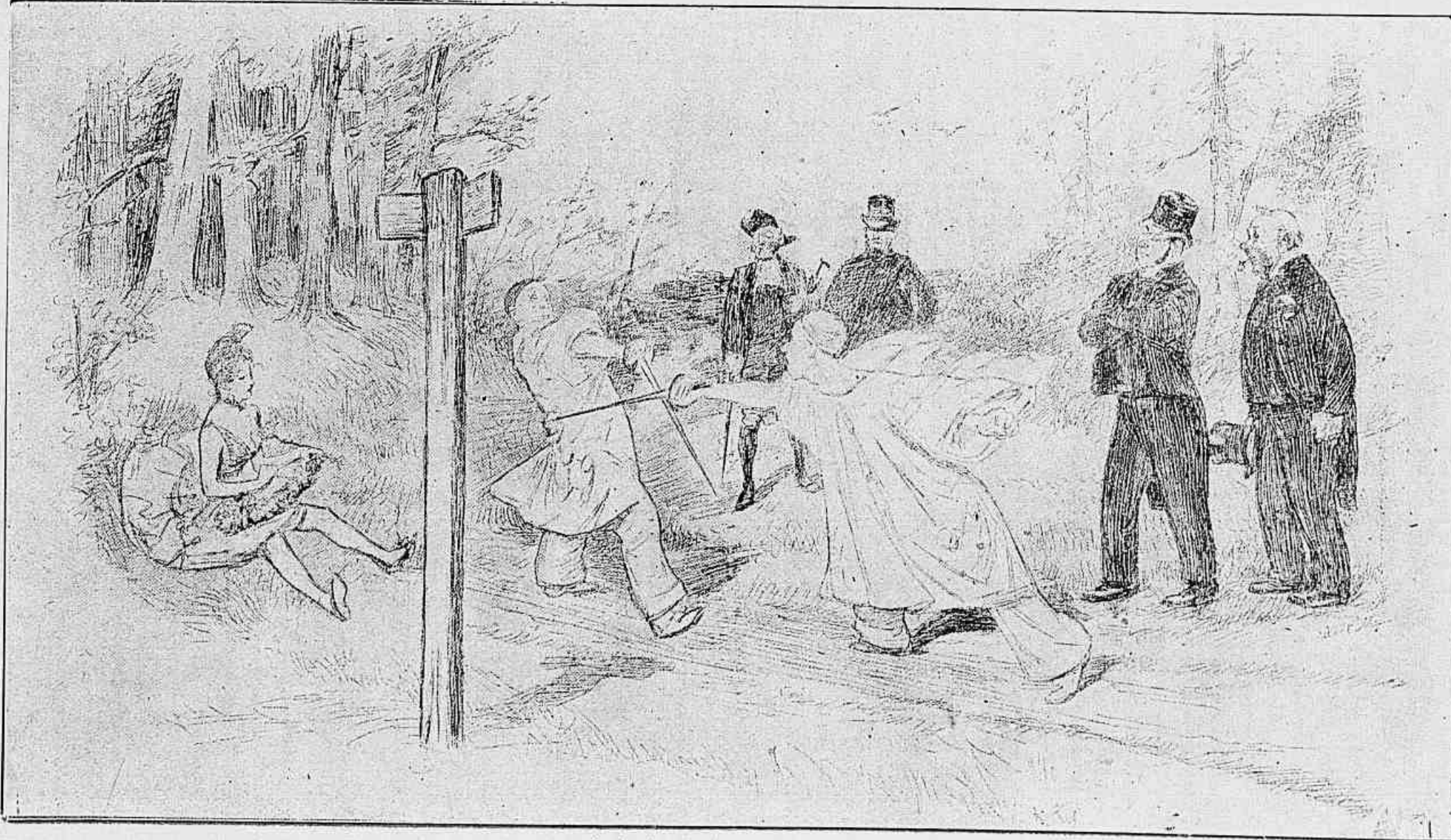
A Colombina de Willette não podia comprehender patavina das melancolias romanticas de Mimi Pinson, de quem, todavia, herdou os impetos de ternura, a facil sensibilidade. A rua familiarisou-a com as realidades. Os seus comparsas são, além de Pierrot, o gato pingado, sempre patusco, o estudante que ella desembaraça e industria, o soldado canhestro e glorioso, o rapace, execravel meirinho e a aprendiz de costureira ou de chapelleira que outra não é senão a sua irmã mais nova, com a mesma alma excitada, inebriada de juventude. E a comedia desenvolve-se por mais de quarenta annos, não muito renovada, mas bordando os themas simples com a mais amavel fantasia.

Foi no cabaret do *Chat Noir* que Willette começou com o famoso painel *Parce Domine*, grande tela lamentosa das victimas da Pandega que, no seu turbilhão endiabrado, arremessa Pierrot ao suicidio e depois, no seu caixão, o manda para um suavissimo paraiso de misericordia. Essa obra, que hoje pertence a Mme. Belin, offerece uma delicadeza e harmonia de tons cinzentos em que se affirma um pintor verdadeiramente dotado da noção dos valores. Mais tarde se encontrará o decorador triumphante no tecto *la Pensée*, tambem em casa de Mme. Belin, nos paineis do Palacio Municipal e em pequeninas telas limpidas, claras, como os tremós da arte galante do seculo XVIII. Não é essa, porém, a sua especialidade. A sua verdadeira especialidade está na veia espirituosa com que elle anima as paginas do *Courrier Français*, explorando os caprichos e impertinencias da sua Colombina, alteando o tom das satyras para expandir o seu odio contra as injustiças da sociedade, a sua grande indignação patriotica. Essas invectivas formam a parte da obra

As Estações: o Outomno. (Painel decorativo)

"Parce domine", painel decorativo para o cabaret do *Chat Noir*.

para as estrellas! Mas, desta vez, foi o verdadeiro fim, o unico de certo a que lhe custava resignar-se, a morte de velhice, num leito de angustia e num tempo que, ha muito, deixara de ser o seu. Porque Pierrot era o proprio Willette, com a sua face glabra, a boca delgada, cheia ao mesmo tempo de malicia e de ternura, e o olhar que revelava um fundo de pura ingenuidade. Ao cabo duma vida de imprevidencia e estouvamento, tendo atirado ás mancheias a sua fantasia, produzindo muito para ganhar pouco, e sem principalmente saber guardar, partiu agora como um verdadeiro filho da bohemia. Com elle se encerra a historia do velho Montmartre, o dos artistas, antes da conquista da Collina pelos estrangeiros.

Tanto se disse que Willette era filho directo do Seculo XVIII que se tornou uma banalidade repetil-o. O seu era porém um seculo XVIII sahido das alcovas, que correra os ferrolhos para os abrir, para descer á rua... Com elle, haviam as ladeiras de Montmartre substituido o mys-

O duello dos Pierrots (crayon).

O primeiro presidente que teve a Academia

Pierrette.

A sésta de Pierrot.

Pierrot.

de Willette que envelheceu — philosophia de logares communs, que elle julgava colher da tradição dos grandes satyristas. Em Willette, o sorriso valia muito mais.

Pagavam-lhe mal. E aquillo que ganhava só aos bocados o recebia, perseguindo pelos cafés o director do jornal. Quando estava absolutamente sem recursos, os amigos compravam-lhe um ou outro trabalho. E ainda Willette lhes fazia desenhos de graça, prodigamente, nas cartas que lhes escrevia, em *menus*, convites, participações. A sua linguagem era o lapis e o seu reconhecimento geralmente se tornava prolixo...

As vinhetas de Willette eram deliciosas, cheias de invenção, duma graça ligeira. Com ellas o artista continuava a gloria dos Gravelot, dos Eisen, dos Cochin. E não é essa a sua menos valiosa bagagem.

Willette não tinha, porém, chegado ao fim das suas agruras. Julgou fazer fortuna com um jornal seu, *le Pierrot*, e sossobrou na fallencia.

Luctou até que obteve a sua rehabilitação commercial.

Foi a phase mais dura da sua carreira.

Nada, porém, seria capaz de lhe alterar o bom humor. A bem dizer, Willette passou a vida inteira á margem da realidade, candido e utopista como o seu antepassado, o La Fontaine dos contos galantes.

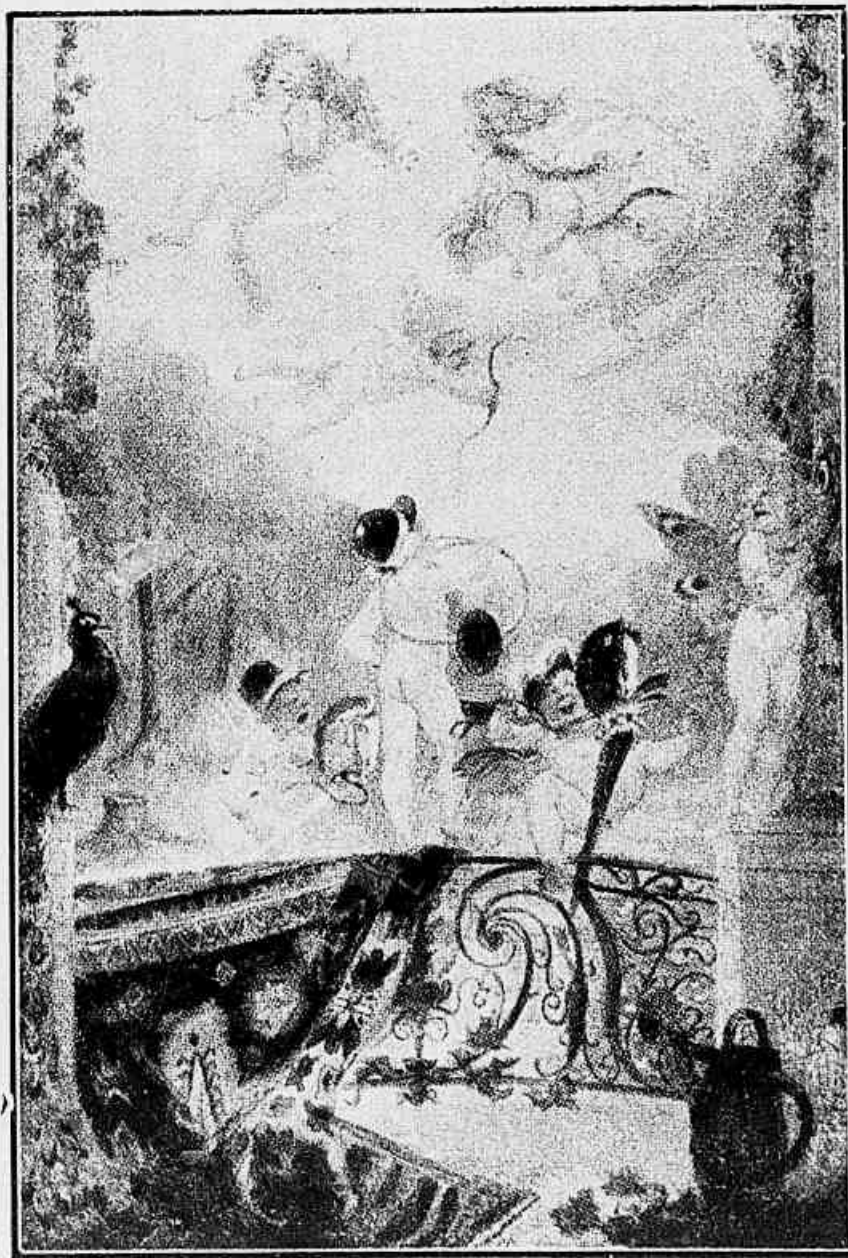
E morreu á beira dos setenta annos, pobre e impenitente, com a alma da sua mocidade.

Precisamos de deixar que o tempo seleccione a sua obra.

Na verdade, ella precisa disso.

Desde já, porém, podemos prever o acolhimento que a posteridade fará a essa linda musa, travessa e irreverente, que synthetisou o espirito e a fantasia de Montmartre.

JACQUES BASCHET

Vogando (lithographia).

O Verão.

A viuva de Pierrot.

Concurso da Aspiração Feminina

A "REVISTA DA SEMANA" PERGUNTA A'S SUAS LEITORAS:

Que mulher desejaria a senhora ser?

E ESPERARÁ AS RESPOSTAS ATÉ 31 DE MAIO PROXIMO.

O CONCURSO DA ASPIRAÇÃO FEMININA obedecerá ás seguintes condições:

1.a — As concorrentes poderão designar qualquer mulher, tirando-a da Historia, da Lenda ou da ficção litteraria.

2.a — A justificação da escolha não poderá ir além de doze linhas á machina em papel da largura geralmente usada pelos dactilographos.

3.a — As respostas deverão ser assignadas por uma phrase ou palavra qualquer; e em enveloppe separado e fechado deverá vir a mesma palavra ou phrase, acompanhada do nome da concorrente. No mesmo enveloppe, por fóra, se escreverá a phrase ou palavra em questão. Assim, o nome verdadeiro só será conhecido em caso de premio ou menção honrosa; e tal a razão da nossa exigencia que não serve senão para garantir ou favorecer as concorrentes.

4.a — A REVISTA DA SEMANA reserva-se o direito de supprimir summariamente as respostas que lhe pareçam menos proprias para figurar nas suas columnas.

5.a — O jury deste concurso compor-se-ha de tres nomes notaveis nas letras brasileiras.

6.a — A REVISTA DA SEMANA estabelece para as autoras das tres melhores respostas tres premios respectivamente constituidos por joias dos seguintes valores — 1.° premio, Rs. 1:000$000; 2.° premio, Rs. 500$000; 3.° premio, Rs. 300$000. Essas joias poderão ser escolhidas em qualquer estabelecimento pelas proprias concorrentes premiadas. Além disso, haverá as menções honrosas que o Jury determinar e que consistirão na reproducção das respostas, com os nomes das autoras. E todas as recompensas comprehenderão retrato, na REVISTA DA SEMANA, das senhoras ou senhorinhas contempladas.

Temos recebido varias cartas de candidatas a este concurso, perguntando se podem escolher uma figura alheia á série de mulheres celebres que temos publicado e continuaremos a publicar. A resposta, antecipadamente a démos na primeira das clausulas do concurso. As biographias ou louvores insertos nesta pagina servem apenas como exemplificação; mas as concorrentes podem designar qualquer celebridade historica feminina, uma heroina de romance ou de theatro, a inspiradora dum poema ou obra de arte em geral, e até uma figura de lenda. Ao demais, repetimos, o valor da resposta não está na natureza da escolha e sim na sua justificação. E' dizendo, no espaço limitado na 2.a clausula, as razões por que preferiram esta ou aquella mulher que as concorrentes podem fazer jús aos premios estabelecidos — pois não é este um certame de caprichos ou vaidades mas principalmente um prelio de intelligencia.

BARONESA DO FORTE DE COIMBRA

D. Ludovina de Albuquerque Porto-Carrero, esposa do tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carrero, achava-se com seu marido no forte de Coimbra, construido em 1775 por Luiz de Albuquerque para evitar que os gentios Payagoás subissem o rio e praticassem depredações, quando a 26 de Dezembro de 1864 foi avistada, fundeada debaixo do forte, a flotilha paraguaya.

Dado o signal de combate, a flotilha atacou o forte, que contava com a diminuta guarnição de 120 soldados, mas resistiu, com o seu numero tão inferior de canhões, tendo Porto-Carrero de enfrentar tambem o ataque da infantaria inimiga, que desembarcara. O forte resistiu até ao dia seguinte á noite, quando se resolveu a retirada da guarnição a bordo do *Anhambahy*, que chegara, com os seus dois canhões, pelo rio Dourado. Era já impossivel a reacção do pessoal do forte que, com absoluta falta de munições, luctava contra quatro mil inimigos.

D. Ludovina de Albuquerque Porto-Carrero.

A D. Ludovina, esposa do commandante, se deve, em parte, a heroica resistencia e a salvação de todos. Teve ella papel saliente na resistencia, não só animando os combatentes como dirigindo cerca de setenta senhoras ali residentes na confecção de munições, que já eram feitas com as suas roupas brancas, ficando ellas quasi semi-núas.

D. Ludovina de Albuquerque Porto-Carrero falleceu no Rio no dia 8 de Dezembro de 1912, aos oitenta annos de edade, já viuva do marechal Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carrero, barão do Forte de Coimbra.

D. LEONOR DE LENCASTRE

D. Leonor de Lencastre, rainha de Portugal, nasceu em Maio de 1458 e morreu em Novembro de 1525. Filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, casou com D. João II seu primo co-irmão, em Janeiro de 1471. Ainda não tinha completado 13 annos, e o noivo pouco passava dos 15. Das suas virtudes, que tão especial logar lhe dão na galeria das rainhas de Portugal, é exemplo eloquente a fundação das Misericordias. Viu seu irmão, duque de Vizeu, e seu primo duque de Bragança, este degollado por ordem do rei, aquelle apunhalado pelo proprio monarcha. Depois, a morte desastrosa de seu filho, Affonso, dilacerou o seu coração de mãi, já muito angustiado pelas excepcionaes provas de dedicação que seu marido dispensava a seu filho natural D. Jorge. A existencia domestica, junto de um homem tão voluntarioso e tão severo como D. João II, foi-lhe quasi sempre atormentada. E' por isso talvez que a sua alma christã se consagrou aos desventurados. Depois de fundar o hospital das Caldas (Caldas da Rainha), que dotou a sua custa, fundou a Santa Casa da Misericordia de Lisbôa, sob a influencia do seu confessor, o celebre frei Miguel Contreiras. Este admiravel monumento de piedade da rainha foi instituido a 15 de Agosto de 1498 no claustro da Sé de Lisbôa; nesse dia installava-se na capella da Senhora da Piedade a confraria da Misericordia, modelada pela que existia em Florença desde 1350. A instituição bem depressa ganhou solidas e fundas raizes. D. Manoel instituiu depois outras corporações analogas, e a piedade particular erigiu outras, que se espalharam por todo o paiz, passando em 1543 ou 1547 ao Brasil, com o estabelecimento do Hospital da Misericordia em Santos. Fundou tambem a esposa de D. João II um mosteiro de religiosas chamado da Madre de Deus, nuns terrenos, a Xabregas, adquiridos para esse fim pela piedosa soberana. Esse edificio, successivamente ampliado, foi ha annos restaurado pelo architecto José Maria Nepomuceno, que aproveitou o primitivo portal da igreja, que tinha sido substituido por um outro, no tempo de D. João III, e que teria feito um trabalho completo sob o ponto de vista da uniformidade de estylo si lhe facultassem os meios indispensaveis. O côro da egreja é riquissimo pela sua talha e pelas pinturas que o guarnecem. Instituiu tambem a rainha cinco mercearias em Obidos e outras tantas em Torres Vedras; fundou mais o Convento da Annunciada, em Lisbôa, e a Igreja parochial de Merciana. Alem da sua piedade revelou egualmente grande cultura de espirito na protecção que dispensava ás lettras e ás artes, protegendo a instituição da imprensa nos primeiros ensaios da sua introducção em Portugal. Por sua ordem se imprimiu a *Vita Christi* (1495); os *Actos dos Apostolos* (1505); *Boosco deleytoso* (1515); e o *Espelho de Christina* (1518). Tambem foi por sua ordem que Francisco de Hollanda fez o seu notavel trabalho de miniatura na obra conhecida pelo nome de *Horas da Rainha D. Leonor*, existente na Bibliotheca Nacional de Lisbôa. Foi tambem uma grande protectora de Gil Vicente, cabendo-lhe portanto uma pagina muito honrosa na historia da fundação do theatro em Portugal. Jaz no claustro do convento da Madre de Deus, á porta da casa do capitulo. Uma singela lapide cobre a sepultura: *Aqui está a Rainha D. Leonor*. Do consorcio de D. Leonor com D. João II nasceu um unico filho, o principe D. Affonso (Maio de 1475). Contava o principe 5 annos quando, em virtude de um tratado de paz celebrado com Castella, foi entregue como refens na villa de Moura (1480) á infanta D. Brites, sendo mais tarde restituido, em Evora (1483), com grande alegria dos portuguezes. Um dos artigos de aquelle tratado estipulava que D. Affonso casasse com a filha dos reis catholicos, D. Izabel. Este consorcio realisou-se por procuração em Sevilha, celebrando-se depois os desposorios em Elvas (1840) e, entrando os noivos em Evora, ahi se fizeram deslumbrantes festas. Curta devia ser, porem, a sua felicidade. No anno seguinte (1491), tendo o principe indo caçar a Almeirim e correndo a cavallo, ao anoitecer, o animal espantou-se e levou de rastros o desventurado principe, que foi morrer na choça de um pescador. Esta desgraça aniquilou o coração de D. Leonor e foi um grande golpe para D. João II.

SARAH BERNHARDT

A maior figura do palco. Bosine Bernard, chamada Sarah Bernhardt, nasceu em Paris em 1844. Entrando para o Conservatorio, estreou em 1862 na Comédie-Française; depois trabalhou no Gymnase, na Porte-Saint-Martin, no Odéon (1864) e revelou o seu talento creando com uma perfeição incomparavel *le Passant*, de François Coppée, em 1869. Voltando á Comédie em 1872, era societaria desse theatro em 1875, nelle obtendo grandes triumphos na *Sphinx*, *Rome vaincue*, *la Fille de Roland*, *l'Etrangere*, *Hernani*, *Ruy Blas*, etc. Depois rompeu bruscamente com a sociedade em 1880 e foi obrigada a pagar-lhe a indemnisação de 100 mil francos. Sahindo de França, foi representar em Londres, Copenhague, Estados Unidos e Russia.

Regressando a Paris, tomou a direcção do Ambigu sob o nome do seu filho Mauricio (1882), creou a *Fédora* no Vaudeville, em 1882, e nesse mesmo anno desposou o actor Damala, morto em 1889.

Tendo feito *Nana Sahib*, *Thédora*, *la Tosca*, *Jeanne d'Arc*, *Cleopatre*, *les Rois*,

Sarah Bernhardt.

la Princesse Lointaine, etc. em 1899 representou o *Hamlet* em Paris, Londres, Lisbôa, etc., e o seu trabalho esteve a pique de fracassar, attento o desfavor da critica. A grande Sarah, entretanto, logrou impôr-se. Em 1900, com *l'Aiglon* de Rostand, obteve um exito retumbante, tornando maior ainda a sua fama.

Sarah Bernhardt, que o Brasil teve a dita de applaudir com calor, escreveu: *Nas nuvens* (1878), *Maria Pigeonnier*, replica á *Sarah Barnum*, em que uma collega a criticava asperamente, e o drama *A Confissão*, que foi representado.

Em 1914, a grande artista foi condecorada com a Legião de Honra.

O primeiro presidente que teve a Academia

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Aspecto tirado no cáes do porto á chegada do dr. Godofredo Vianna, o illustre estadista que acaba de deixar o governo do Estado do Maranhão, a cuja testa se houve com um tino e uma intelligencia admiraveis, que grangearam todas as sympathias para a sua personalidade. Na gravura vê-se, assignalado, o dr. Godofredo Vianna.

O sahimento funebre dos despojos do dr. Osorio de Almeida, o eminente engenheiro patricio fallecido na semana passada. Vêem-se segurando nas alças do caixão os srs. ministros Affonso Penna Junior, Francisco Sá e Miguel Calmon, respectivamente da Justiça, Viação e Agricultura; prefeito Alaor Prata e senador Paulo de Frontin. No medalhão, o illustre extincto, que entre os muitos cargos de relevo que occupou foi professor da Escola Polytechnica, presidente das Docas de Santos, presidente do Conselho Municipal, director dos Telegraphos, da E. F. C. do Brasil e do Lloyd Brasileiro.

RAUL E OS NOMES FIGURADOS

A imaginação de Raul Pederneiras, o brilhante artista do lapis e nosso muito querido companheiro, é inexgottavel e evidencia-se sempre através do seu humorismo fluente e empolgante. Raul tem continuas manifestações de graça inédita como essa com que, annualmente, saúda os seus amigos por meio de um original cartão de bôas-festas, que é a sua autocaricatura traçada com os algarismos do anno. Agora, Raul acaba de crear um novo genero: — os nomes figurados, dos quaes a "Revista", á qual couberam as primicias dessa nova arte, deu já tres paginas.

Apreciámol-as immensamente e Raul bem sabe disso, pois não lhe faltaram os mais enthusiasticos applausos dos de cá de casa.

Mais, porém, do que o nosso louvor amigo, embora justo, devem ter sabido ao brilhante artista os louvores do publico, pois são sem conta as pessôas que nos telephonam indicando nomes á arte nova que Raul creou.

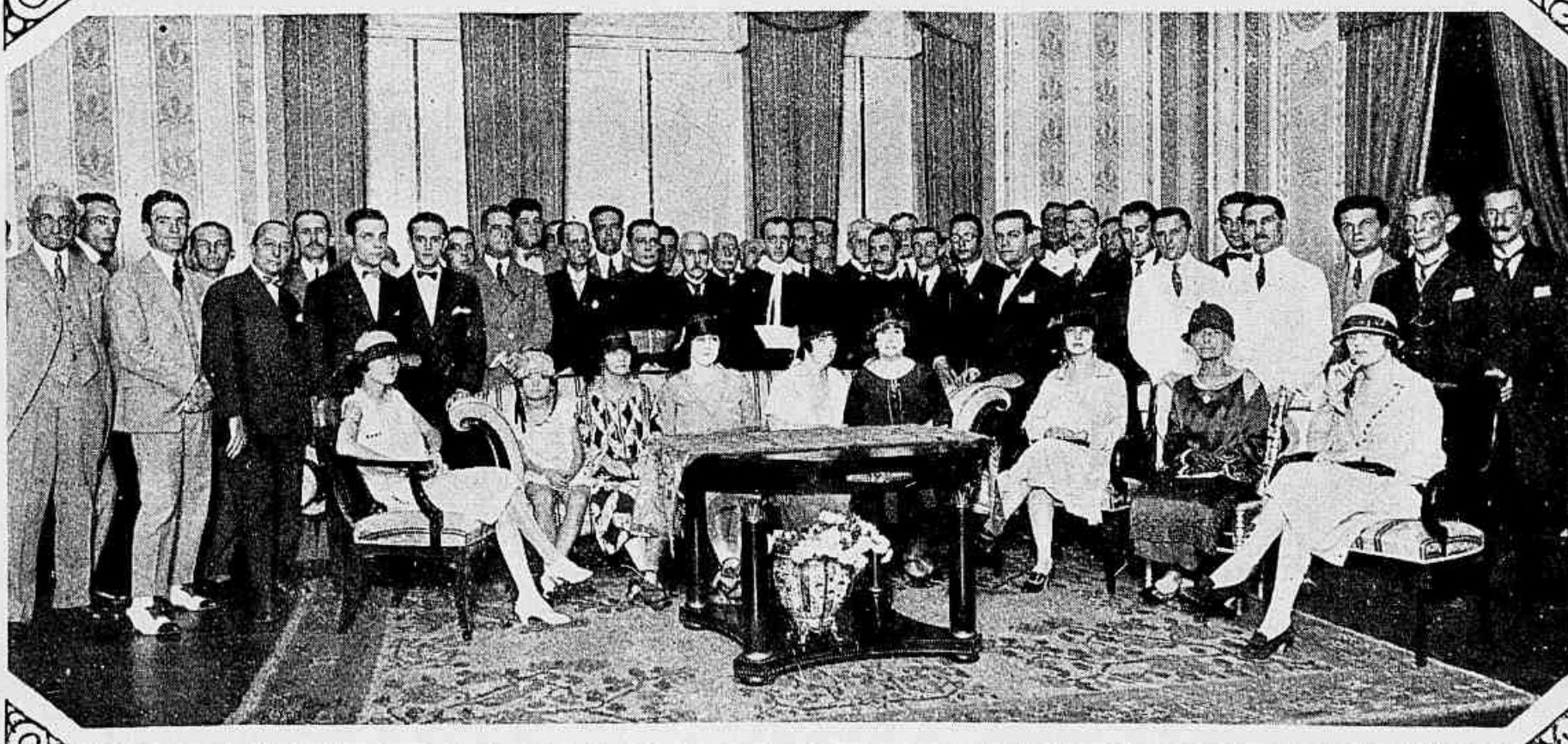
O registro que fazemos dessa circumstancia é um gesto natural pelo qual divulgamos o reconhecimento por parte do publico — e maximé do elemento feminino — ao esforço do illustre companheiro. A elle — ao nosso Raul — caberão, todavia, os onus da invenção: todas as moças querem vêr os seus nomes feitos pelo brilhante artista que tão bem, e com tamanho engenho, sabe distribuir as lettras na conformação das mais variadas figuras.

"A REACÇÃO"

"A Reacção", o novo vespertino que ha tempos se fazia annunciar, appareceu na segunda-feira ultima, e appareceu galhardamente, com as credenciaes que os nomes dos seus directores detêm com brilho no seio da imprensa carioca.

Os nossos illustres confrades Eustachio Alves, Mario Magalhães e Silva Ramos tres nomes afeitos ao jornalismo, eram uma segura garantia da apresentação que teria o novo vespertino, anciosamente esperado. De facto, "A Reacção" surgiu original e brilhante, com um aspecto novo, noticioso, interessante.

Não ha novidade em materia de jornalismo, entre nós. "A Reacção", porém,

A posse dos novos Ministro e Procurador do S.T.Militar

Aspecto tirado no Supremo Tribunal Militar por occasião da posse dos srs. drs. Bulcão Vianna e Washington Vaz de Mello, recentemente nomeados para os altos cargos de Ministro e Procurador Geral da Justiça Militar. Vêem-se na gravura os novos membros do S. T. Militar ladeando o sr. marechal Caetano de Faria, presidente no Tribunal. Sentada, ao centro a senhora Dorothildes Adam Vaz de Mello, esposa do novo Procurador. Nos extremos: á esquerda, o dr. Bulcão Vianna; á direita, o dr. Washington Vaz de Mello.

Photographia feita no Cáes do Porto por occasião do embarque do nosso illustre confrade dr. Paulo Hasslocher que, na qualidade de director do «A. B. C.» e representante da «Gazeta de Noticias, «Rio Jornal» e outros orgãos da nossa imprensa, seguiu, a bordo do «American Legion», afim de tomar parte no Congresso de Jornalistas a reunir-se em Washington. O dr. Paulo Hasslocher está á direita da photographia tendo ao lado direito sua digna senhora. Entre os presentes, vê-se no extremo espuerdo o nosso director sr. Aureliano Machado.

Grupo feito por occasião da *matinée* dansante offerecida pelo C. Regatas Boqueirão do Passeio aos seus associados nos salões do Club Gymnastico Portuguez.

impressionou bellamente o publico pela sua leveza e feitura e bem se póde dizer que é um vespertino que sentiu a victoria no primeiro dia da sua carreira, que será longa e proficua.

São os votos da "Revista da Semana".

E OS NICKEIS ?

Vem-se notando de algum tempo para cá uma séria anomalia: os passageiros dos bondes da celebre Light não encontram troco nas mãos dos conductores, mesmo para uma modesta cedula de mil réis. Quando Deus quer, nem um nickel de duzentos réis logra ser trocado!

Resultado: os conductores impõem aos passageiros passes de bonde em troco de moeda legal, e os passageiros têm um dilemma: ou os acceitam ou descem dos carros.

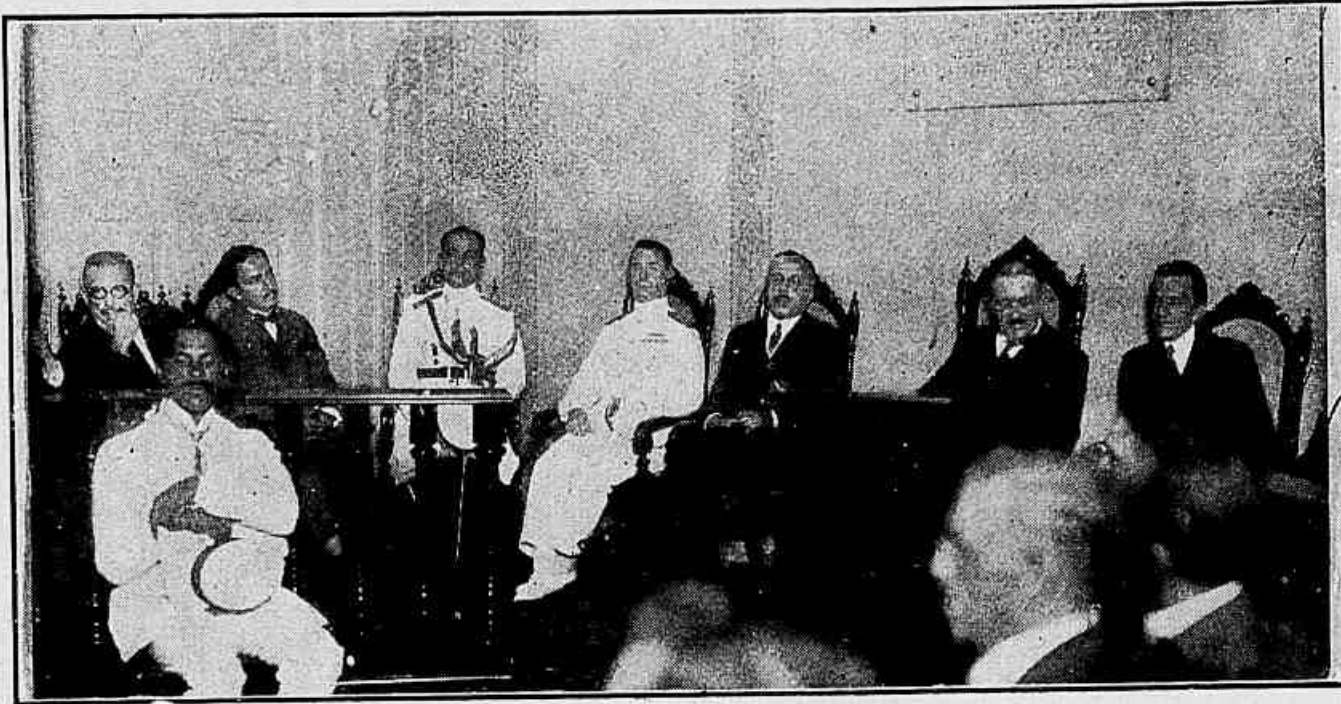
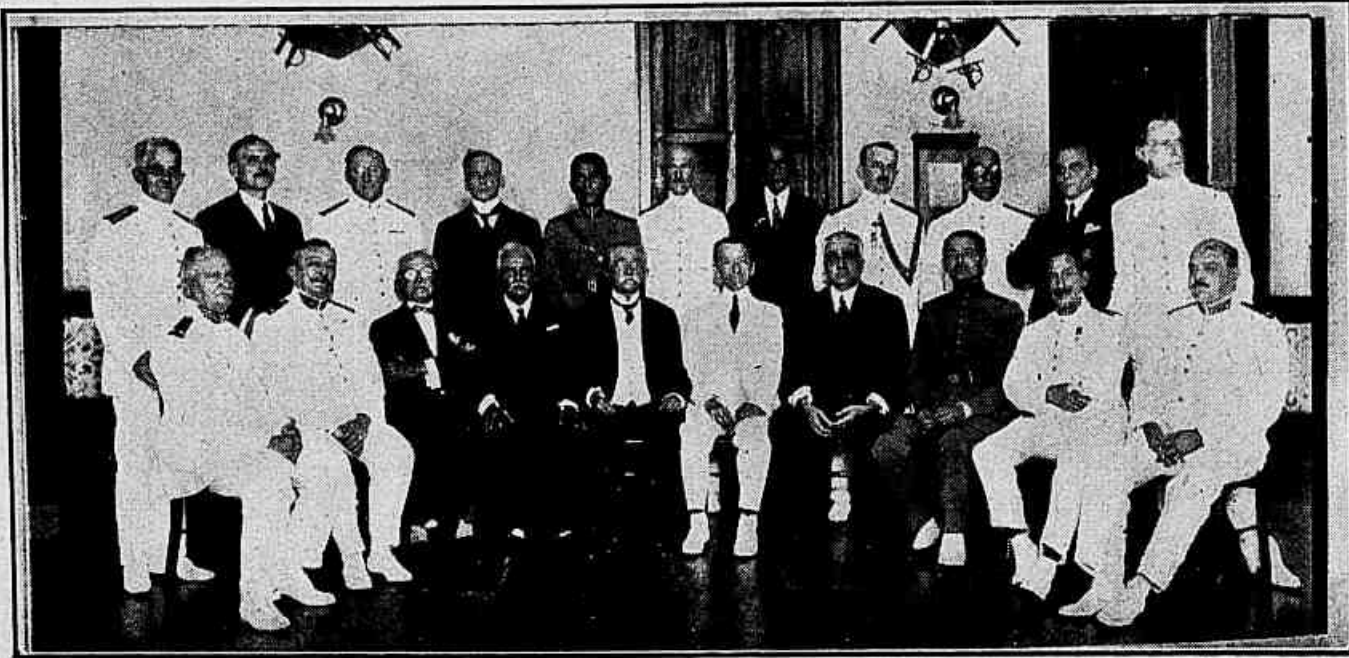
No norte do paiz, o caso é vulgar. Em Pernambuco chegou a ser admittido o "vale" como moeda divisionaria e no Amazonas, em Manáos, a companhia de bondes systematicamente negava troco, impondo carteiras de passagens. Houve até quem dissesse que se fazia o commercio de metaes, retirando o nickel e a prata da circulação para venda rendosa.

O Rio começa a mostrar o mesmo symptoma. Porque é que ha falta de nickeis? Porque é que as moedas de cem réis escasseiam nos bondes?

Quem quer que se dê ao trabalho de contemplar o cunho das moedas ficará convencido de que em todos os annos, attentas as suas datas, se realizam cunhagens avultadas; entretanto, a despeito da producção, o seu numero se reduz ao minimo, a ponto de permittir que se lhes note a falta.

A emissão de "vales", a imposição de bilhetes de passagem é illegal e é incommoda, porque não se póde reconhecer á Light o direito de julgar se os passageiros têm ou não necessidade da moeda de cem réis de troco.

A impressão nossa é de que o momento representa um ensaio para maiores abusos.

Esperemos pelos acontecimentos...

A «Revista da Semana» na Bahia. — O illustre deputado federal dr. Octavio Mangabeira na Escola Polytechnica da Bahia. Photographia tirada no momento em que o brilhante parlamentar, entre as innumeras, justas e enthusiasticas demonstrações de sympathia e affecto que recebeu, ouvia o discurso do dr. Cantidio Teixeira.

Grupo feito no Club Militar após o almoço com que os engenheiros diplomados em 1900 pela Escola Militar commemoraram o 25.º anniversario da sua formatura.

Photographia feita no America F. Club durante a tarde dansante offerecida aos seus associados.

Grupo de senhorinhas que tomaram parte no ultimo festival realizado na Igreja Presbyteriana.

O primeiro presidente que teve a Academia

A VOLUPIA DO VENTO

por

Affonso de Carvalho

ATÉ agora ainda não foi tomada nenhuma providencia contra um esculptor vadio que anda pelas ruas, fazendo mil travessuras e perseguindo implacavelmente as mulheres...

Este esculptor, por excepção, não tem a serenidade romantica dos artistas, nem se deixa immobilizar no platonismo tranquillo dos tranquillos enamorados da Arte.

Pelo contrario! E' de uma desconcertante vivacidade, e de uma irrequieta garotice.

Percorre velozmente todas as ruas; tem loucura pelos figurinos collantes; adora os vestidos curtos; gosta immensamente dos véos; diverte-se com os cataventos; tenta mostrar sob vestidos leves e esvoaçantes corpos venusianos de mulher; tem o exquisito prazer de passar as suas mãos invisiveis pelas cabelleiras femininas, que elle desmancha sem a menor ceremonia; é audacioso, conquistador, indiscreto, inconveniente...

Já viram que me refiro evidentemente... ao Vento!

Eu, no entanto, tenho por esse invisivel Don Juan uma sympathia toda especial. E' certo que não consigo justificar plenamente a minha predilecção. Sympathias... unicamente sympathias...

Não sei se os meus gentis leitores já repararam na maneira inconveniente com que nas ruas se porta esse doidivanas. Reparem... Aproveita-se da sua providencial invisibilidade e começa, então, a sua série de aventuras: torna as imponderaveis roupas femininas admiravelmente justas, deixando transparecer numa estonteante indiscreção fórmas humanas, esculpturaes; levanta, quanto pode, todos os vestidos que encontra no seu caminho e, accentuando mais a sua bisbilhotice, abre as janellas, que lhe parecem mysteriosas... e espia inconvenientemente lá para dentro...

Este o Vento-alegre, o Vento-artista, o Vento que se apresenta como uma das mais sensiveis expressões da vida e que, com alma de bohemio, procura divertir-se brincando pelas ruas com as mulheres, como se fôra um simples rapaz folgazão.

E' certo que me refiro ao Vento educado, o Vento que já privou com a civilização e que vive nas cidades. Não ha duvida que nestas condições é extremamente futil, ás vezes inopportuno, e a rosa dos ventos é sufficiente para provar a sua volubilidade... Emfim, uma personagem do seculo e da cidade.

Mesmo assim confesso que o prefiro ao Vento selvagem, ao Vento que ainda conserva o tumulto barbaro, a colera demolidora, as furias infernaes do Chaos e cujo poder apolcayptico se revela com tanta desoladora majestade nos vendavaes que desencadeam catastrophes, nos temporaes que revolvem os oceanos, nas ventanias de areia que fazem o simum correr allucinado pelo deserto como um leão vermelho fustigado pelo fogo...

Sim, mil vezes o outro. Eu gosto do vento mas detesto a ventania... E, como eu, creio que todos...

As expressões brutaes da natureza me atordoam. Ao espirito artistico deve repugnar toda ostentação de força, toda demonstração de brutalidade.

Imagino o horroroso das impetuosas rajadas de ventania, levando á confusão as velas gloriosas da Armada Invencivel de Felippe II... que o Vento, só o vento, conseguiu vencer, numa noite em que todas as ventanias, como demonios alados, resolveram com um naufragio sensacional quebrar a ridicula vaidade dos homens...

Imagino o quadro tenebroso e, passada a visão aterradora, mais me convenço de que o Vento que merece a minha admiração é unicamente o Vento-artista, o Vento-elegante, quando, por exemplo, sabe fazer enfunar uma vela branca num lago azul ou sabe passar na pontinha dos pés por um jardim, fazendo levemente desfolhar as rosas...

A poesia já tem rendido ao feliz heroe o preito de uma sincera admiração, e entre as obras mais notaveis no genero figura justamente com especial relevo a producção de Affonso Lopes Vieira, que a sra. Bertha Singerman diz admiravelmente, numa variada e sonora onomatopéa, derramando-se em generosa abundancia de gestos...

Tenho, assim, a meu favor a admiração dos artistas e não me esqueço nunca daquella phrase musical e metrificada do maçudo Herculano, a qual se acha engastada como uma incrustação de ouro no edificio de cimento armado do *Monge de Cistér*: "Eu amo o sôpro do vento como o rugido do mar..."

Falei do Vento que se porta como garôto nas ruas da cidade. Não posso deixar, no emtanto, de referir-me ao vento-bailarino que não abandona as praias e ahi, á frente do mar e ouvindo o queixume das ondas, quebrando-se inconsolavelmente na areia branca, dança, dança eternamente, num bailado exquisito que só o mar comprehende...

O poeta já cantou em versos musicaes a dança vertiginosa do vento — dança com as ondas verdes, emplumadas de espuma e animadas pela extranha arte choreographica das nymphas e das sereias; dança no branco das praias, marcando a sua passagem com os redemoinhos voraginosos de areia; dança severamente ao pôr do sol, debaixo das grandes arvores somnolentas, as quaes deixam cahir sobre o mysterioso bailarino uma benção suave de folhas seccas e amarelladas...

Mas o Vento não se contenta unicamente em dançar... E', sobretudo, um animador de paisagens...

E ninguem o supera na arte incomparavel de dar uma serena expressão de vida ás aguas azues, que então se tornam rendadas, quebrando em sua profundidade o clarão da lua ou do sol, numa scintillação fagulhante de ouro. Ninguem o vence na graça discreta e harmoniosa de agitar docemente os galhos das arvores e, sobretudo, as palmas dos coqueiros que se abanam então, na ardencia caustícante do calor tropical, como gigantescos leques de plumas.

Mas, em que pése todo o seu amor ás paisagens, não são ellas, no entanto, que merecem a sua maior attenção.

O vento ama voluptuosamente a mulher. E não a deixa socegada. Persegue-a em toda a parte, porque se julga o seu melhor esculptor e tambem o seu melhor bailarino.

Contemple-se uma mulher dançando só. Illusão! Ella está dançando com um bailarino invisivel — o Vento.

E' o Nijinsky ideal, que a acompanha em todos os seus movimentos e com ella se confunde numa perfeita identidade de rythmos.

O Vento bailarino! Vem dançando desde que o mundo se creou. Vem dançando em todos os tempos e sempre com a modestia da invisibilidade. Foi com elle que Salomé dançou...

O Hymno Nacional

por HERMETO LIMA

DESDE que o Brasil começou a fazer parte do numero das nações, conhecem-se-lhe dois hymnos: o da independencia e o nacional.

Do primeiro a musica é de Pedro I, segundo uns, e de Marcos Portugal, segundo outros, e a lettra de Evaristo da Veiga. Foi cantado pela primeira vez em S. Paulo pelas senhoritas Maria Egypciana Alvim, D. Rita, D. Joaquina Luz e pelo proprio imperador — que com outras senhoras fizera parte do côro — por occasião de um espectaculo de gala que ali déra a companhia Zaccheli.

Evaristo da Veiga, que já não tinha mais duvidas sobre a independencia, antes do 7 de Setembro escrevera a lettra, que assim começa:

Já podeis filhos da patria
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade
No horisonte do Brasil.

Brava gente brasileira
Longe vá temor servil
Ou ficar a patria livre
Ou morrer pelo Brasil.

Era esse o hymno brasileiro que existiu desde o nascimento da independencia até ao dia da abdicação.

No dia 13 de Abril de 1831, isto é 5 dias depois do imperador ter abdicado, quando se espalhou pela cidade a noticia de que a fragata que o conduzia tinha levantado ferros, uma banda de musica sahiu tocando pelas ruas o hymno de Francisco Manoel, que ficou sendo adoptado pelo povo como o hymno nacional.

O vulgo começou a dar-lhe o titulo de *Laranja da China* pelo motivo de as suas primeiras notas darem a ideia daquellas palavras.

Proclamada a Republica o governo mandou abrir um concurso entre os artistas nacionaes para a composição de um hymno. Foi classificado o de Leopoldo Miguez, mas a repostagem que trabalhava no palacio do Itamaraty, então da presidencia da Republica, pediu ao general Deodoro que continuasse a adoptar o hymno nacional, não obstante o novo regimen. Foi incumbido de transmittir o pedido o major Serzedello Correia, pedido a que o general Deodoro accedeu, por Decreto de 20 de Janeiro de 1890.

O hymno de Leopoldo Miguez não foi, entretanto, abandonado. Foi-lhe dado o nome de hymno da Republica sendo a lettra de Medeiros de Albuquerque.

Depois da Republica o governo poz em concurso a lettra para o hymno nacional

Osorio Duque Estrada.

sendo premiada a do poeta Osorio Duque Estrada.

E' assim concebida:

I

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no ceu da Patria nesse instante.
Si o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!
Brasil, um sonho intenso, um raio vivido
De amor e de esperança á terra desce,
Si em teu formoso céo risonho e limpido,
A' imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela propria Natureza,
E's bello, és forte, impavido, colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza
Terra adorada!
Entre outras mil,
E's tú Brasil,
O'! Patria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do ceu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Illuminado ao sol do Novo Mundo.
Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais [flôres;
"Nossos bosques têm mais vida",
Nossa vida no teu seio "mais amores!"

Oh! Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!
Brasil, de amor eterno seja symbolo
O labaro que ostentas estrellado,
E diga o verde-loiro dessa flammula
— "Paz no futuro e gloria no passado."

Mas se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á lucta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte.
Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Patria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

Francisco Manoel é um dos brasileiros mais esquecidos pelos poderes publicos.

Lá para as bandas do Engenho Novo deram a uma rua o seu nome glorioso e não sei mesmo se já o mudaram para outro, como já se tem feito muitas vezes.

Francisco Manoel é carioca e foi discipulo do padre José Mauricio Nunes Garcia, esse grande genio musical que floresceu no tempo de D. João VI.

Francisco Manoel da Silva.

Esse padre, que era primeiro compositor da Capella Real do Rio de Janeiro, foi alumno do curso de musica que os jesuitas fundaram no morro do Castello para a educação artistica dos negros.

José Mauricio era mulato e emulo do compositor portuguez Marcos Portugal, que não via com bons olhos o genio do padre, especialmente quando D. João começou a prestar homenagem ao seu talento musical, convidando-o para tocar no palacio de S. Christovão.

Com a retirada de D. João VI para Lisboa e em seguida com a independencia de nossa nacionalidade, surgiu uma nova era musical para o Rio de Janeiro.

Entre os musicos mais respeitados começou a apparecer a figura insinuante de Francisco Manoel, que tinha recebido do padre os mais uteis ensinamentos.

Prestigiado pelos seus collegas — especialmente depois da abdicação, conseguiu fundar a Sociedade Beneficencia Musical, elaborando elle mesmo os respectivos Estatutos.

O autor do nosso hymno tinha, porém, um unico ideal na vida. Era fundar no Rio de Janeiro um Conservatorio de Musica, capaz de nelle se ensinar todos os segredos da grande arte.

Convidou para isso alguns dos socios da Sociedade que tinha creado e fundou, finalmente, um simulacro de Conservatorio cujo ensino era gratuito.

Alguns annos depois, veiu o governo em seu auxilio e por um decreto de 27 de Novembro de 1841, concedeu á sociedade de Francisco Manoel duas loterias annuaes, cujo producto deveria reverter para a manutenção do Conservatorio.

Afinal, por esforços de Francisco Manoel foram estabelecidas, por decreto de 21 de Janeiro de 1847 as bases e approvado o plano do Conservatorio, que obedecia a um programma de 6 cadeiras.

Depois de muitas *démarches* foi o Conservatorio installado no dia 13 de Agosto de 1848, na presença do ministro do Imperio José Pedro Dias de Carvalho, numa das salas do pavimento terreo, onde actualmente está o Archivo Nacional.

Sendo, porém, o espaço muito estreito e havendo necessidade de separar as aulas masculinas da feminina passou esta para a rua dos Barbonos n. 10 dirigindo essa classe Francisco Manoel.

O autor do nosso hymno, porém, não estava ainda satisfeito.

Mal alojado o seu Conservatorio, elle revolvia céos e terras para vel-o condignamente installado.

O visconde do Bom Retiro, então ministro do Imperio, attendendo a essa necessidade, adquiriu por compra em 1857 um predio na Travessa das Bellas Artes, para funccionar não só o Conservatorio mas tambem a Escola de Bellas Artes.

A 15 de Março de 1863 assentou-se a primeira pedra, mas o edificio só foi inaugurado em 1872, quando Francisco Manoel já tinha fallecido.

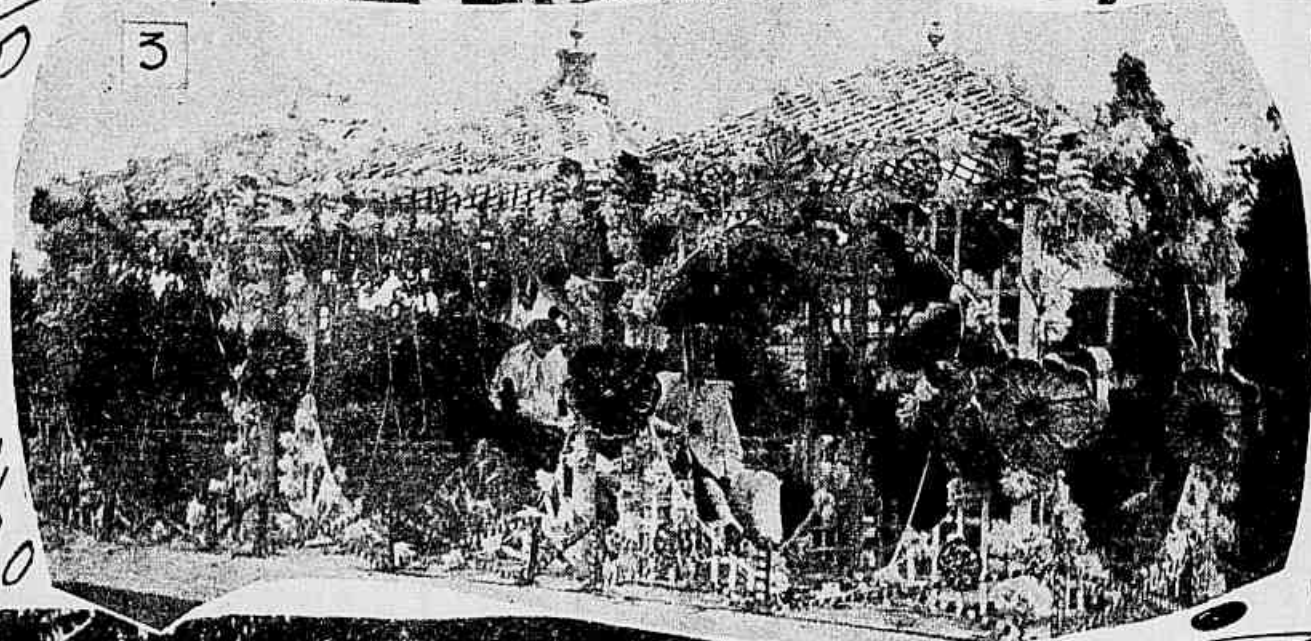
E assim o autor do nosso Hymno, não teve occasião de ver realisado um dos seus sonhos. Francisco Manoel da Silva morreu a 18 de Dezembro de 1865 como se vê da seguinte noticia publicada no *Jornal do Commercio* do dia immediato.

"Fallecimento — Falleceu hontem o sr. Francisco Manoel da Silva, musico e compositor notavel que nossa corporação musical reconhecia por seu chefe. Foi autor do Hymno Nacional e fundador do Conservatorio de Musica, a cujo desenvolvimento dedicou incessantes esforços, trabalhando afanosamente por dotal-o com um edificio que a morte não lhe permittiu chegar a ver concluido".

Lemos algures, não nos recordamos agora onde, que o grande musico fallecera numa casa da rua do Conde, actualmente Visconde do Rio Branco, por haver tambem lá residido algum tempo o eminente estadista desse titulo.

Osorio Duque Estrada, autor da lettra do hymno nacional, é natural do Estado do Rio de Janeiro e nasceu a 29 de Abril de 1870. E' bacharel em lettras pelo Collegio Pedro II, jornalista, professor e membro da Academia Brasileira de Lettras. Tem diversas obras em prosa e verso e é autor de varios trabalhos didacticos de grande merecimento.

HERMETO LIMA

O CARNAVAL EM CAMPOS

Gravuras tiradas em Campos, relativas ao carnaval do Recreio das Flores. 1 — A taça «Ao Rigor da Moda» que coube ao Recreio das Flores, campeão de 1926 do carnaval em Campos, readada por membros dessa sociedade. 2 — Pastoras do Recreio das Flores. 3 — Carro-chefe do prestito do Recreio das Flores. Composição do scenographo campista Baldomer Morgado. 4 — Pastores da mesma sociedade. 5 — Grupo de Pastoras do Recreio das Flores, ostentando trophéos ganhos.

Creanças

1 — Maria da Luz, filha do sr. Alfredo Ribas (Ponta Grossa — Paraná).

2 — Maria da Graça, filha do nosso brilhante confrade dr. Diniz Junior.

3 — Maria, filha do sr. Joaquim Carneiro Ribas, 1.º premio no concurso do baile infantil realizado no Club Pontagrossense (Ponta Grossa — Paraná).

4 — Maria Virginia Guimarães — (Caxambú).

5 — Ovidia, filha do sr. Joaquim Carneiro Ribas (Ponta Grossa — Paraná).

— Beatriz Olinto de Medeiros — (Caxambú).

UM LUGAR VAZIO
...porque o chefe tem sessão extraordinaria no Gremio.
...porque a "patrôa" ainda não voltou da modista.
...porque o responsavel brilha sempre pela ausencia...
...porque o ponto é facultativo
...porque falta um "pivôt."
...porque o "coronel" bateu a linda plumagem
Lugar vasio... mas no plural.
RAUL
1926

A MODA

Os largos cintos drapés estão muito em moda, e são, com effeito, muito interessantes e graciosos. Envolvem a parte superior das cadeiras. O cinto drapé forma só por si uma guarnição, enfeitando muito os vestidos da noite e da tarde; na maior parte dos modelos, a *draperie* é formada pelo proprio corpinho, as costas prolongando-se de cada lado para virem cruzar-se na frente. Por um effeito contrario, vê-se igualmente a frente prolongar-se, preguear-se e amarrar-se atrás. A faixa *drapée*, independente do vestido, corta mais a silhueta e forma sobre o lado ou atrás um laço muito volumoso, muitas vezes no tecido a dizer com o vestido, ou então em lamé.

Sobre os vestidos em lamé, põe-se pelo contrario uma faixa de gaze, que dá mais leveza ao conjuncto. Um preparo de muita novidade, que se usa actualmente para todos os tecidos leves, é o *gaufrage*. Diz muito bem sobretudo com os crêpes *georgette*, os crêpes *de Chine*, as musselinas de seda, crêpe setim, etc. e muda completamente o aspecto do tecido. O *crêpage* permitte dar uma grande roda conservando no entanto toda a delgadeza á silhueta. Os corpinhos completamente *crêpés* até ás cadeiras, com a saia lisa, larga e flexivel, são de um aspecto extremamente chic. E, o que é melhor ainda, esse *gaufrage* póde ser executado pela propria pessoa.

Ultimos Modelos

1 — Vestido em popeline de seda pervenche, guarnecido com crépe Georgette do mesmo tom. 2 — Vestido em crêpe setim bois de rose, como guarnição só viezes do mesmo tecido. 3 — Vestido em shantung azul pastel. 4 — Vestido em Chine rose buvard, botões de madreperola rosa.

RENOVANDO EM SUA PROPRIA CASA A PELLE DO ROSTO

(Da revista "Ladies Favorite Magazine")

Na actualidade qualquer mulher pode em sua propria casa obter o rejuvenescimento de uma cutis por meio de um infallivel processo de absorpção sem dor. A época das operações difficeis e perigosas terminou, e cada mulher póde ser sua propria especialista em materia de belleza. Descobriu-se que a cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), applicada todas as noites como se fosse cold-cream, faz com que as cellulas mortas da pelle velha e descolorida da epiderme se desprendam paulatinamente em pequenas particulas invisiveis, mostrando a cutis nova, vigorosa e formosa, que se encontra por baixo. Este processo escapa á observação alheia e provoca o apparecimento de uma cutis bella e perduravel. Ocioso será dizer que o resultado é como se fosse natural. E' com este proposito que milhares de mulheres empregam a cêra mercolized, que se pode obter em qualquer pharmacia sem necessidade de recorrer a nenhum dos innumeros crêmes de toilette.

Conselhos Sociaes

A FAMILIARIDADE

Tudo tem evoluido com os annos, até mesmo a maneira dos filhos tratarem os paes. Se por um lado foi de grande vantagem ter sido abolida a severidade excessiva com que certos paes tratavam os seus filhos, tolhendo-lhes qualquer manifestação de carinho, por outro lado veio o abuso, cahindo-se no extremo opposto.

MODA INFANTIL

1 — Pyjama para menina, em flanella de algodão azul, vivo sendo a chicara bordada com seda preta; e com a mesma seda é bordado o ponto festonné que termina as bainhas. 2 — Calção para dormir, em morim bordado com linha vermelha. 3 — Babadouro, toalha e guardanapo para baby, em granité branco, sendo o bordado feito com linha azul marinha. 4 — Pyjama em flanella côr de rosa, bordado com seda roxa. 5 — Calção em flanella branca bordado com seda ou linha verde brilhante.

Muitos paes dizem — "Substituimos a severidade hierarchica de outr'ora pela ternura; os nossos filhos são hoje os nossos amigos". Isso seria o ideal se assim fosse, se guardassem a justa medida. Toda a franqueza, mas alliada á consideração. Infelizmente, porém, a familiaridade das creanças de hoje para com os paes é muitas vezes não familiaridade, mas sim falta de respeito. Passou-se de um excesso a outro, de uma rigida severidade a uma benevolencia excessiva.

Esse desejo de igualdade fez-se tambem sentir nos nossos empregados. Hoje os criados não teem mais aquelle tom respeitoso com que se dirigiam dantes aos seus patrões. Mas, sobretudo, o que mais choca é vêr-se tratar pelo nome as meninas de casa, pelos criados.

Quando elles as viram nascer e já são considerados como fazendo parte da familia pela dedicação e serviços prestados, ainda se comprehende. Mas com esses que estão hoje só de passagem pelas nossas casas a impressão que causam é bastante desagradavel.

Poderiamos adoptar a tão sympathica maneira com que os criados em Portugal tratam as creanças das casas em que estão empregados, ao mesmo tempo respeitosa sem ser muito cerimoniosa: juntam sempre a palavra menino ou menina ao nome da creança.

Isso conciliaria talvez essa repugnancia que teem os criados de agora em darem o tratamento de senhor ou de dona ás creanças que teem de servir.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

A CARNE

A carne é o melhor dos alimentos reparadores; é aquelle que contém, sob menor volume, mais materia azotada. Convém sobretudo ás creanças e aos individuos jovens, a quem ella fornece, sob uma fórma facilmente assimilavel, os materiaes necessarios ao crescimento.

Dizem que os povos mais activos e os mais emprehendedores são os que consomem mais carne. Sem admittir esta opinião como uma regra que não tivesse excepção, deve-se reconhecer que um alimento que torna o sangue mais rico, os musculos fortes, constituições mais vigorosas não póde senão contribuir para o desenvolvimento da energia moral. Divide-se communmente a carne em tres categorias: carnes vermelhas brancas e caça.

As carnes vermelhas fornecidas pela vacca e pelo carneiro são as mais succulentas e mais nutritivas.

MENU DE ALMOÇO

SOPA DO ALEMTEJO

PEIXE COZIDO Á INGLEZA

RIM ENSOPADO COM PRESUNTO

VAGENS ENSOPADAS

PATO COM ARROZ

BOLO DE CHOCOLATE

BISCOITOS DE CARÁ

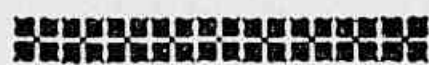
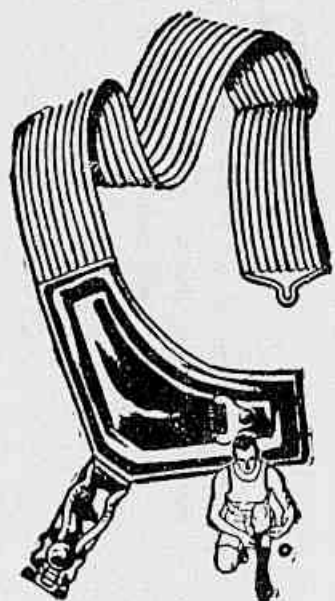
SOPA DO ALEMTEJO

Põe-se no tempero algumas horas um pedaço de lombo de porco, sal, alho e vinho branco. Depois assa-se no forno o lombo.

Corta-se o lombo, depois de assado, em fatias finas, que se põe em uma panella de barro vidrado, bem untada com manteiga ou banha de porco. Arruma-se da seguinte maneira: primeiro uma camada de fatias de pão, outra de fatias de lombo, seguindo sempre pela mesma fórma, até encher a panella, mas que a ultima camada seja de farinha de rosca; em seguida despeja-se dentro

algum caldo de carne, mas pouco; batem-se uns seis ovos, despejam-se por cima de tudo, e vae ao forno para assar lentamente.

PEIXE COZIDO A' INGLEZA

Prepara-se um peixe limpando-o bem e depois põe-se para cozinhar, partido em pedaços se fôr grande; junta-se algumas batatas pequenas descascadas, que já devem estar um pouco cozidas, porque o peixe cozinha muito depressa, e tempera-se com sal. Logo que tudo estiver prompto arruma-se no prato, pondo-se o peixe no meio e as batatas em volta, e enfeita-se com uns galhos de salsa.

Senhorinha Helena Ferreira (Lelé), filha do negociante sr. Alfredo Ferreira, vestida, no ultimo carnaval, de Imprensa Carioca.

Faz-se um môlho branco, com elle cobre-se o peixe e côa-se por cima na peneira dois ovos duros.

RIM ENSOPADO COM PRESUNTO

Os rins devem ser muito bem lavados depois de se lhes tirar as pelles e filamentos; em seguida são cortados em pedaços pequenos; corta-se tambem em pedacinhos umas tres fatias de presunto e, na falta d'este, um pedaço de paio ou de linguiça. Põe-se uma panella no fogo com um pouco de manteiga; logo que a manteiga esteja bem quente põe-se dentro os pedaços de rim e de presunto: o fogo deve estar bem forte. Mexe-se com uma colher de pau e logo que o rim esteja bem passado, mas não frito, tira-se fóra assim como o presunto, deixando na panella o môlho ao qual se junta um pouco de vinho branco; depois de ferver um pouco engrossa-se com um pouquinho de maizena, junta-se depois o rim e o presunto, deixa-se levantar a fervura, tempera-se com sal, serve-se com salsa picada e um pouco de sumo de limão.

VAGENS ENSOPADAS

Tomam-se vagens que sejam tenras, tiram-se-lhes os fios e cortam-se em tres fatias ao comprido. Põe-se depois n'um refogado feito com cebola cortada em rodelas, salsa picada, azeite e um pouco de banha. Tempera-se de sal, pimenta, meio dente de alho e meia concha de caldo de carne. Assim que estiverem bem cozidas, junta-se-lhes uma ou mais gemmas de ovos batidos com vinagre e servem-se.

Póde-se enfeitar com ellas o prato do rim ensopado.

PATO COM ARROZ

Põe-se o pato para cozinhar, depois de já ter estado no tempero algumas horas, pondo-se dentro da agua uma cebola, alguns grãos de pimenta do reino, um bouquet de cheiros, um galho de hortelã e um chouriço; logo que o pato esteja quasi cozido tira-se do fogo e n'uma outra panella põe-se o caldo que elle tiver e n'elle faz-se o arroz; quando este estiver quasi cozido, põe-se o chouriço cortado em rodellas e o pato partido em pedaços misturado com o arroz, que vae acabar de cozinhar no forno. O arroz antes de ser posto no caldo do pato deve ser refogado em um pouco de manteiga, cebola e tomates.

BOLO DE CHOCOLATE

Põe-se para derreter em um pouco d'agua 125 grs. de chocolate, juntando-se depois 250 grs. de assucar. Logo que esteja bem misturado o chocolate junta se 125 grs. de manteiga lavada e batida. Batem-se cinco gemmas que se misturam ás cinco claras tambem muito bem batidas em separado. Mistura-se bem a massa e junta-se por ultimo 200 grs. de farinha de trigo peneirada. Bate-se depois tudo muito bem até abrir bolhas. Despeja-se em fôrma untada com manteiga e polvilha-se com farinha de trigo. Vai a assar em forno regular.

BISCOITOS DE CARA'

Bate-se primeiro muito bem 9 ovos: as claras e as gemmas separadamente, as gemmas podem ser batidas com o assucar (250 grs.) Depois junta-se as claras batidas e em seguida um pires de cará crú ralado. Bate-se bem até ficar a massa consistente, junta-se então meia chicara de banha derretida (morna), um pouco de herva doce ou cravos da India. A massa deve ser muito mexida. Engrossa-se com fubá

mimoso devendo, no emtanto, a massa ficar um pouco molle. Os biscoitos devem ser enrolados um pouco grossos e para enrolal-os é preciso ter as mãos untadas com banha. O forno precisa estar bem quente e os biscoitos collocados no taboleiro, bem afastados uns dos outros, porque crescem muito.

E' preciso não tiral-os de repente do forno, porque murchem, ou deixar um pouco no forno com a porta aberta, ou pôl-os um instante na estufa, para não murcharem.

Variedades

AS BONECAS

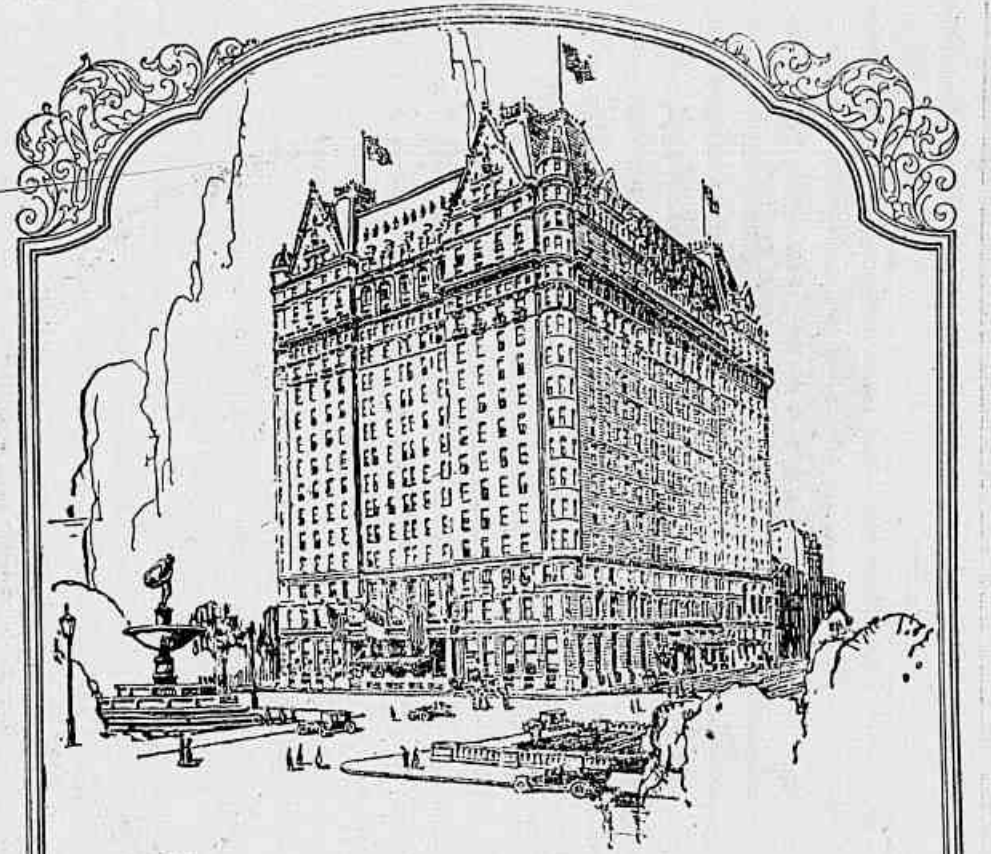
Estará, realmente, o mundo ás avessas?

As meninas de agora, quasi todas, não apreciam mais as bonecas, preferindo outros brinquedos mais modernos, emquanto as mamans as apreciam cada vez mais, ao ponto de as collocarem em seus quartos, boudoirs e salões.

A mais popular das bonecas parisienses é a boneca abat-jour, vestida de tafetá cereja, guarnecido com rosinhas de prata na cintura e com um chapeu Luiz XVI rodeado de rosas, ou então com uma toilette de dama de honor da côrte de Napoleão III com um vasto vestido de tafetá parme e uma capeline bergére em palha guarnecida com violetas.

Depois temos a Franceline, uma dama da actualidade, que tem a missão de esconder o trabalho começado, as tesouras, linhas e dedal; ella tem um vestido de veludo beige, e veste um casaco de lamé de ouro com golla de lontra, com dois immensos bolsos dos lados, que são os esconderijos, e um lindo chapeu Reynolds guarnecido com uma longa pluma.

Nos armarios de vestidos ou de roupa de baixo esconde-se Aglaé, a boneca-sachet. O seu corpo chato e o seu rosto são feitos em linon côr de carne recheiados com pós perfumados. Os detalhes —olhos, nariz, bocca— são bordados com seda. Os cabellos feitos com lã preta; o seu vestido é em setim verde esmeralda, sobre o qual estão espalhadas rosinhas rococos: um cordão d'essas rosas permitte dependural-o no logar que se quizer.

Para o inesthetico telephone temos a boneca vestida de filó palhetado com faixa côr de laranja. Nos seus braços está um bouquet de flores de seda que esconde um pequeno bloco e o seu lapis.

Mme. de Sevigné, nem mais nem menos, esconde o prato de *bonbons*, deliciosa no seu vestido de pellucia azul, coquillé de ouro.

Sobre a coiffeuse estão Rosette e Poupette: uma é a almofada de alfinetes, em brocado côr de rosa com bordados de renda *valenciennes;* no centro

E' assim: emquanto as creanças fazem pouco nas bonecas, as pessoas grandes cada dia as apreciam mais.

GUARNIÇÕES PARA JANELLAS

Essas guarnições variam conforme o mobiliario e a decoração do aposento. Em rendas, voiles de seda e filets para as salas de luxo, as cassas, voile de algodão e filós para as outras salas. Nas cortinas de luxo entremeiam-se com os voiles e rendas as tiras de tecido de prata, os bordados a ouro ou prata e terminam-se com grandes franjas de crystal. Os reposteiros em tom escuro farão sobresair os tons delicados das cortinas e stores. Os stores são mais usados enfiados em argolas, correndo de um lado para o outro, que subindo enrolando-se n'um páo. Para esses são sempre preferidas as guarnições de filets e bordados sobre linho fino de tom escuro.

As cortinas de filó ou

colloca-se o busto todo esticado no seu corpete de brocado. A outra cobre o pote de pó de arroz, é a Kempée-doll americana, com os olhos espantados.

O canapé acolhe a dançarina miss "Passaro de Fogo", almofada-boneca feita de mil babados de filó vermelho, picoté de ouro, de onde emerge uma artistica cabeça empenachada de plumas vermelhas.

Ha ainda M.me de Pompadour, boneca de abat-jour; toma-se uma carcassa dôme, cobre-se de filó dourado, forrado de côr de rosa vivo, escondem-se os arames com galões de ouro, colloca-se em cima o busto e põe-se de cada lado duas draperies-panniers em tafetá côr de rosa, e eis um lindo abat-jour para uma grande lampada.

Ha tambem a boneca sacco de bonbons, a boneca sacco de guardar a camisa de dormir e tambem aquella que a engenhosidade de cada uma pôde crear.

de voile de algodão podem ser guarnecidas com babados do proprio tecido, franzidos ou pregueados, ou com fitas, de um tom apenas um pouco mais vivo que o da cortina, ou então em tom bem opposto, fazendo assim bellas listas salientes.

Nos aposentos de tectos altos, assim como de janellas de muita altura, as cortinas não dispensarão uma guarnição de babado ou uma tira.

As cortinas duplas em filó, sendo uma de filó liso velando a outra bordada, são de um effeito muito interessante.

Essas cortinas tambem poderão ser de coloridos diversos, por exemplo: para boudoir lilaz, a primeira cortina será côr de rosa e a segunda, a que vela a outra, em filó ou voile lilaz. A luz atravessando esses dois coloridos torna-se-ha mais suave.

Do modelos que damos o primeiro é em voile muito fino, branco, terminado e guarnecido com fitas de tecido de prata.

Reposteiros pregueados em tafetá ou popeline azul vivo. O segundo é em filó crú, tendo como enfeite babados do mesmo filó e fitas verdes, sendo a guarnição em volta em shantung verde. O terceiro modelo é feito com filós duplos lilaz e rosa e como guarnição babados recortados em bico.

A alma eleva-se á altura d'aquillo que ella admira.

GUYAN.

Consultorio Medico

Maria José (*S. Paulo*) — Recommendo-lhe injecções sub-cutaneas de Fosfo-plasmina e ás refeições uma das seguintes pillulas. Uso interno:

Arseniato de sodio 3 milligrs.; Protoxalato de ferro, Glycerophosphato de cal, Extr. de quina e Extr. de rhuibarbo, ãã 5 centgrs. Para 1 pillula. Me. n.° 60. Tome 3 por dia. Aconselho tambem injecções de *Sôro lipotrophico feminino*, de minha formula.

Amair de Moraes (S. Paulo) — Acho necessario um exame do pus (pesquiza do gonococcus de Miller). Trat. Solução de ictargon a 3%, a qual é introduzida diariamente com o auxilio de uma tira de gaze, com um especulo tubular. Ha tambem o trat. secco (pó vulnerario Lenicet a 20%, introduzido com o pulverisador vaginal de Liepurann). Emprega-se tambem o yatren com pó de talco a 10%. Lavagens diarias com solução de alumen a 2%. Interno: — Leucrol, 5 a 6 comprimidos por dia. Bôa alimentação, vida ao ar livre.

Mme. R. C. L. (Campinas) — Considera-se a consanguineidade no casamento como culpada de muitas calamidades. Mas no terreno medico experimental notou-se que a consanguineidade produz os mesmos effetios da herança morbida banal. Os casamentos consanguineos contentam-se de addicionar as qualidades ou as faltas dos procreadores. A consanguineidade favorece tanto a herança sã como a pathologica.

Maria Isabel (Rio) — Aconselho exame de sangue (reacção de Wassermann). Injecções intramusculares, duas vezes por semana, de *Spyrol*.

Amalia (Rio) — Exame das urinas. Tomar tres colherinhas por dia de Urolithico. Regime alimentar.

Severo Ribeiro (Santos) — Em todo caso de fraqueza genital deve-se fazer o exame da prostata. Aconselho injecções sub-cutaneas diarias da minha formula *Sôro lipotrophico masculino*. A's refeições dois comprimidos de chlorhydrato de ibogaina Nyrdhall.

Silio Antunes (Estancia Sergipe) — Peço-lhe o obsequio de esclarecer com pormenores o seu caso e enviar endereço certo.

Mary Bastos (Entre-Rios) — Aconselho injecções de Ovariomastina e ás refeições um comprimido de Placentodose Fraysse. A dilatação do collo do utero pode ser feita pela introducção de velas de Hégur de calibre progressivamente crescente. As manobras devem ser praticadas pelo medico.

Braulio Silva (S. Paulo) — E' preciso exame das urinas, para se verificar o coefficiente de desmineralização.

Trat. Injecções de Bioplastina Serono ou de Pairol. Bôa alimentação (ovos, carne, peixe, lentilhas, feijão, fructas, manteiga, queijo etc.)

Nenem Noves (Bahia) — Use emplastro de Johnson e evite a dansa.

L. Proença (Porto-Alegre) — Aconselho injecções de Alival e intra-venosas de cyaneto de mercurio.

Regime e electricidade medica.

Flôr de Lotus (Petropolis) — Quer noticia de um romance agradavel? Leia *Les poupées se cassent* de Pierre de Villetard. Dos originaes brasileiros aconselho a leitura do *Livro de Thilda* de José Vieira, positivamente encantador.

DR. VEIGA LIMA.

—

P. S. — *Toda a correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA — *Cons: 5, Rua Uruguayana, 1.° andar — Rio de Janeiro. — Tel. 5763 Central.*

Consultorio Odontologico

João do Norte (Minas Geraes) — O amigo tem ahi, em Belo Horizonte, um grupo de distinctos collegas que resolverá, estou certo, satisfactoriamente o seu caso.

Pelas ligeiras informações prestadas a mim não posso fazer uma idéa, embora vaga, do mal que está soffrendo.

Gengivas inflammadas tanto pode ser gengivite produzida pelo tartaro dentario como pelo uso do mercurio ou tendo outra causa qualquer.

Não faz uso do mercurio? Não usa pó dentifricio? Qual o seu emprego?

Ferreira Miranda (Minas Geraes) — Está sendo recebido com geraes sympathias pela classe odontologica a idéa de se enviar como nosso representante junto ao proximo Congresso Dentario de Philadelphia o professor Coelho e Sousa.

As listas de adhesões estão sendo procuradas aqui com grande interesse e outra não podia ser a attitude da nossa classe para com o eminente professor que tem passado grande parte da sua vida a distribuir os seus sabios ensinamentos nas importantes obras conhecidas em todo o Brasil e adoptadas até no extrangeiro, como se dá na Republica do Uruguay.

Salustiano (S. Paulo) — Depois das refeições.

Dalmo Rocha (S. Paulo) — Deve usar uma chapa dupla.

As suas raizes não estão em condições para um trabalho de ponte.

CONSULTORIO DA ULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Mme. Slo'ó — Dissolva uma colher de *Shampoo-Pó* em 300 grs. de agua morna e com este liquido friccione bem a cabeça e lave-a em seguida com bastante agua fria. Obterá um cabello limpo, perfumado e leve. Nenhum outro preparado evitará o embranquecimento do seu cabello como o *Tonico n. 10*.

Mme. O. M. — Como fazer desapparecer as rugas em volta dos olhos? Isso se obtem com o uso constante da *Loção de Embellezar a Pelle*, que é um alimento tonico da epiderme.

Antonina Paraná — O seu caso só pode resolver-se pela electrolyse.

Laura — Melhor do que cortar a pellicula que cobre as extremidades das unhas e evitar que ella cresça e invada o contorno da unha Para isso habitue-se a calcar diariamente a raiz das unhas com o dedo polegar untado com *Crême de Massagem*.

Impaciente — Para tudo é necessario tempo, persistencia, methodo. Cada ruga é uma contracção da pelle. Significa que a gordura natural da pelle secca. São minusculas atrophias. Por isso o tratamento racional consiste em fornecer á pelle o alimento necessario. Deve empenhar-se em obter o meu *Crême de Massagem* destinado a nutrir a pelle. Faça a massagem diaria pelo seguinte modo: Unte as faces, o queixo, a testa e o nariz com *Crême de Massagem*. Depois execute a massagem conduzindo os dedos da base do queixo até ao meio das faces, repetindo diversas vezes esta operação de decalque, que deve ser executada com a polpa dos dedos. Depois, das azas do nariz em direcção das fontes, obliquamente, dos cantos da bocca até ás orelhas; do meio da testa até ás temporas. Em seguida procede-se á massagem mais delicada dos olhos: untados com crême os dedos, conduzindo-os desde o canto junto ao nariz, por baixo da palpebra e dando a volta pela arcada superciliar, na base das sobrancelhas, havendo o cuidado de não distender ou repuxar a pelle. Terminada a massagem, que deve durar apenas tres a cinco minutos, lave-se o rosto com agua morna, a que se tenha juntado uma colher do *Tonico da Pelle*. Assim praticada, a massagem dá firmeza á pelle, renova-lhe a plasticidade e fortifica os musculos.

Mme. Bruno — Não vejo inconveniente em que tinja o seu cabello no caso de embranquecimento bastante desenvolvido. A minha *Tintura* não a impedirá de continuar lavando a sua cabeça com *Shampoo-Pó* quantas vezes queira. Ella é inalteravel e absolutamente inoffensiva.

Silva Caldas & C. (S Paulo — Que significa o seu cartão? *Silcal* é denominação inteiramente extranha aos meus productos e pode, quando muito, representar um abuso. Os meus sabonetes, conhecidos e consumidos ha cerca de 15 annos, e de proveito cada vez mais reconhecido, têm a marca *Sylkale*.
Ahi, em S. Paulo, vende-os ha muitos annos a *Casa Lebre*.

Marcelle — Entendo que deve continuar a usar o *Tonico n. 9*, duas vezes por semana, durante alguns mezes, apezar de ter cessado, com esses quinze dias de applicação, a queda do seu cabello.

Mme. E. P. — Na maior parte as pomadas usadas para polir as unhas contêm ingredientes cuja acção destructiva é similhante á do chloreto na lavagem da roupa. Posso enviar-lhe pelo correio um liquido para polir as unhas, que rapidamente fortificará as suas unhas.

M. C. F. — A sua neurasthenia não passa de um *surménage*. Deveria recorrer sem demora ao unico remedio efficaz e poderoso: as applicações de luz.

Luzia — Mas isso, minha senhora, é retrogradar vinte seculos na hygiene! Pode convencer-se de que o mal de que soffre é devido á inobservancia de quotidiana toilette intima. Aconselho-lhe o uso do *Feminol*. E' um preparado efficaz e d'um aroma delicado.

Aimée — Tanto as espinhas como os cravos na sua edade curam-se rapidamente. No prospecto que vai junto á minha *Loção para os Cravos* á pag. 9 encontrará indicado o seu tratamento.

SELDA POTOCKA.

Quintão de Medeiros (Pernambuco) — "Dente de leite".

Carlos Biscone (Pernambuco) — Mande examinal-a.

Casemiro Pimenta Bueno (Rio Grande do Sul) — A sanadertina, por exemplo.

ALEXANDRINO AGRA.

— —

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28, 1.º andar — Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*

PENSAMENTOS

A consideração pelas mulheres dá a medida dos progressos de uma nação na vida social.

GRÉGOIRE

A mulher mais ordeira é aquella que melhor emprega o seu tempo; a mulher mais esperta é aquella que melhor partido tira do seu.

O ciume de um noivo é uma homenagem, a do marido é uma offensa.

CARMEN SYLVA.

Os homens não são constantes nem no amor nem no odio. Não são constantes senão na inconstancia.

A MODA DAS APPENDICITES

Ha doenças da moda que fazem epoca e cujos casos depois se tornam raros ou mesmo desapparecem. A appendicite já esteve na moda, sendo mesmo considerado *chic* ser operado por causa della. Mas os casos de appendicite continuam a apparecer si bem que em menor escala. Segundo Rheindorf, foram encontrados oxyuros em 50% dos appendices examinados, parasitas intestinaes estes muito conhecidos e que causam incommoda coceira no anus.

O scientista acima referido attribue aos taes oxyuros a responsabilidade da maior parte das appendicites, de forma que, para evitar esse perigo, convem sempre tratar energicamente a oxyurose.

Para se conseguir esse objectivo têm sido propostos varios medicamentos, sem que se tenha conseguido o effeito desejado. Só agora foi descoberto o verdadeiro especifico contra os oxyuros: são os comprimidos Bayer de Butolan, sem gosto, inoffensivos mesmo ás crianças de tenra edade.

Foram, pois resolvidas as questões da prophylaxia e da cura desta commum e perigosa infestação verminotica, o que equivale, talvez, á quasi eliminação da appendicite dentre as doenças da moda.